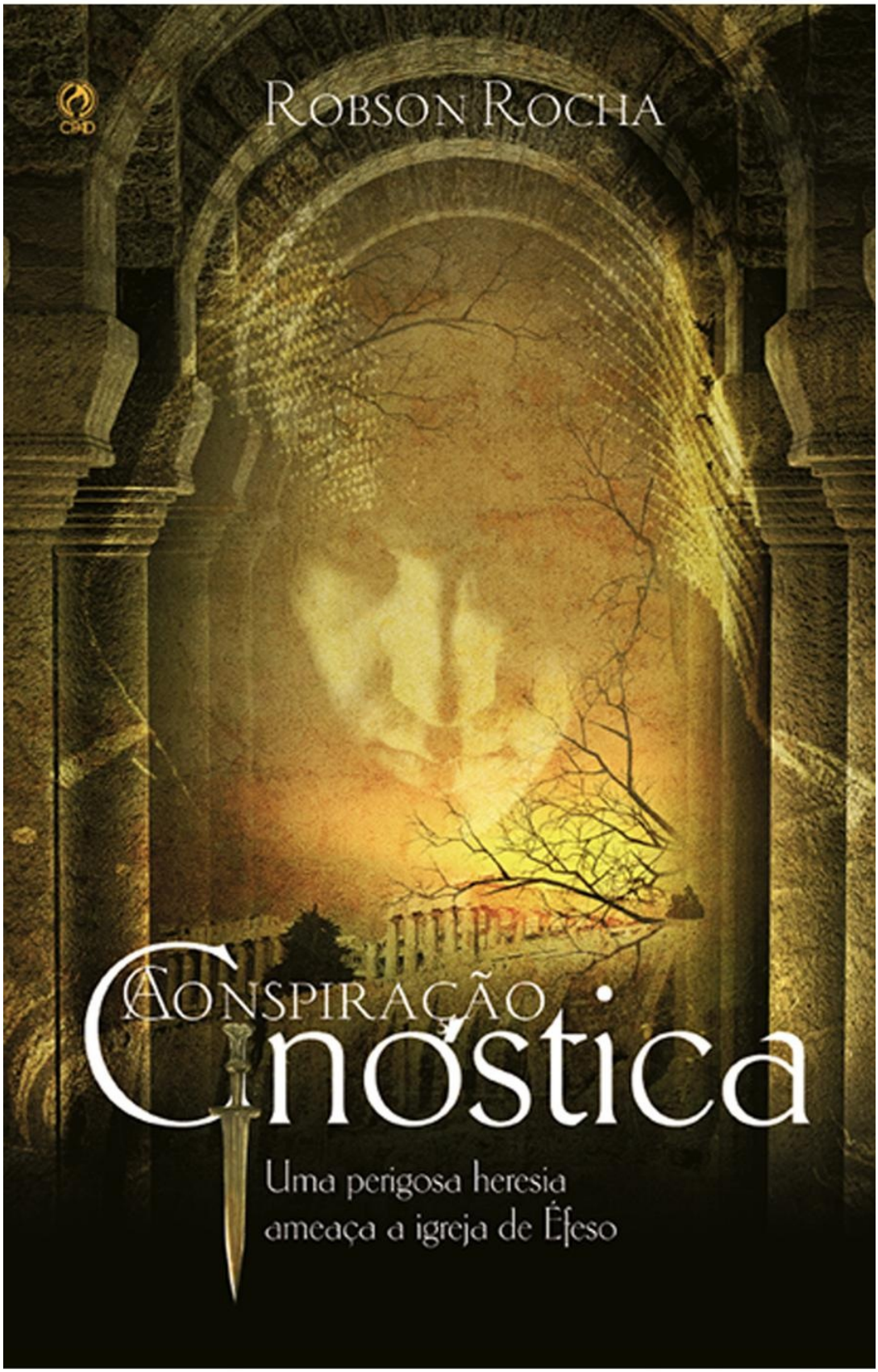
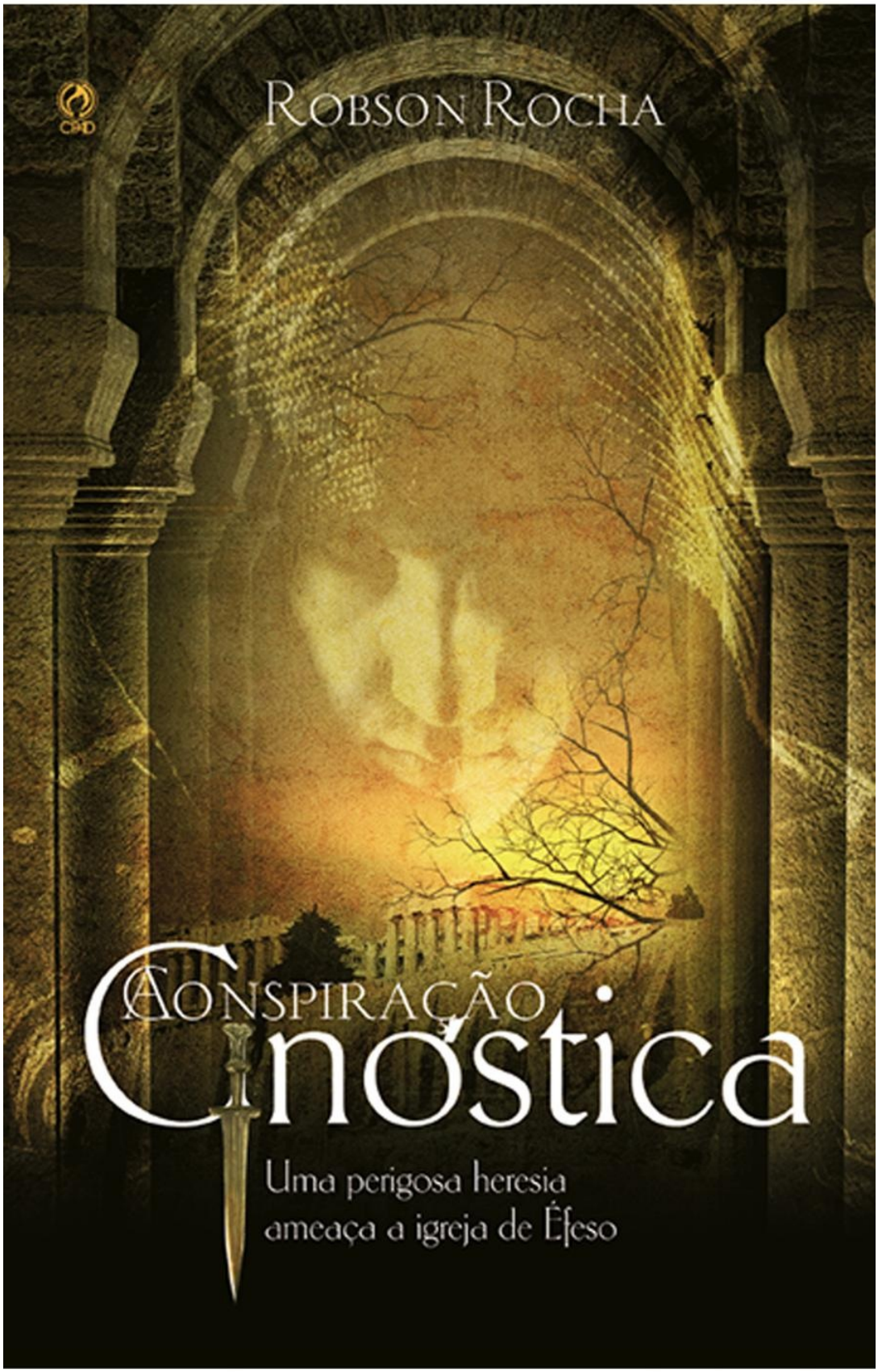

ROBSON ROCHA
A CONSPIRAÇÃO
Gnóstica
Uma perigosa heresia
ameaça a igreja de Éfeso


ROBSON ROCHA
A CONSPIRAÇÃO
Gnóstica
Uma perigosa heresia
ameaça a igreja de Éfeso

Robson Rocha

Conspiração Gnóstica

Uma perigosa heresia ameaça a igreja de Éfeso

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro

2013

Todos os direitos reservados. Copyright © 2013 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Elaine Arsenio

Revisão: Daniele Pereira

Capa e editoração: Anderson Lopes Correia

Projeto gráfico: Fagner Machado

CDD: 869.93 – Literatura Brasileira; Ficção

ISBN: 85-263-0422-4

eISBN: 978-85-263-1170-1

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2013

Agradecimentos

Aos meus dois amores: minha esposa Adriana e filha Beatriz, pela paciência.

Ao pastor Gilberto Gonçalves Malafaia, meu modelo de João (mesmo sem saber).

Ao pastor Antonio Gilberto, pela dica do caldo de galinha.

A toda a equipe da CPAD, por mais uma vez investirem em um livro meu.

Acima de tudo e por tudo, a Deus, inclusive pela inspiração deste livro e por ter colocado todas essas maravilhosas pessoas em minha vida.

Sumário

Agradecimentos

Introdução

1. Boas Lembranças e Más Notícias

2. Um Velho Cansado

3. Reunião no Cenáculo

4. Perdendo-se nas Lembranças

5. Um Rei na Casa das Tâmaras

6. As Irmãs de Lázaro

7. Caminhando à Noite

8. Surpresa nas Termas Romanas

9. Dois Lázaros?

10. Um Cego de Grande Visão

11. Lázaro, finalmente

12. Uma Grave Acusação

13. Fazendo Contas

14. Uma Pausa Forçada

15. “Lázaro, Venha para Fora!”

16. A História por trás da História

17. Indefeso na Noite Escura

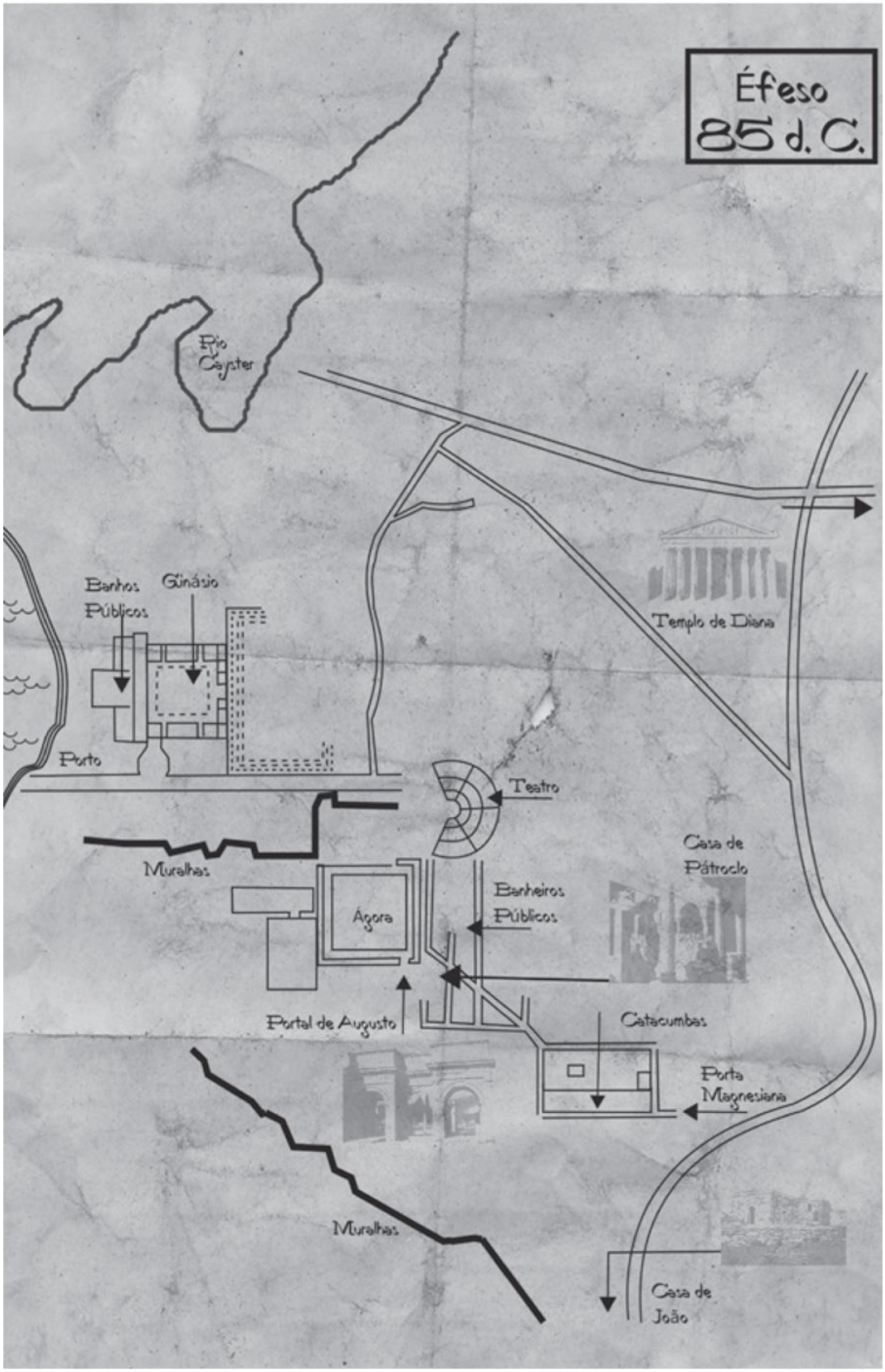
18. Frente a Frente

19. No Princípio Era o Verbo

Epílogo

Informações Adicionais

Bibliografia


Éfeso
85 d. C.
Rio Cayster
Banhos Públicos
Ginásio
Templo de Diana
Porto
Teatro
Muralhas
Casa de Pátroclo
Ágora
Banheiros Públicos
Portal de Augusto
Catacumbas
Porta Magnesiana
Muralhas
Casa de João

Introdução

Ahistória de Lázaro sempre me fascinou. Não apenas pelo maravilhoso milagre que ela registra, mas principalmente por mostrar Jesus Cristo em uma situação em que tanto a sua humanidade quanto a sua divindade foram plenamente reveladas a um só tempo.

Decidi então escrever um livro analisando todos os detalhes dessa maravilhosa narrativa. Porém, resolvi que o narrador dessa história deveria ser alguém mais capacitado do que eu: o próprio apóstolo João, testemunha ocular desse inigualável milagre realizado por Jesus e o único dos evangelistas que o descreveu.

Concluí que para ter João como narrador o ideal seria escrever uma obra de ficção na qual o outrora discípulo amado e agora último dos apóstolos vivos contasse os detalhes da história que ele descrevera sucintamente em seu Evangelho.

Mas qual seria o fio condutor? O que justificaria o apóstolo João estar contando a história de Lázaro? E a quem? A resposta apresentou-se na introdução ao Evangelho de João, na seção das Considerações Preliminares da Bíblia de Estudo Pentecostal:

Segundo testemunhos muito antigos, os presbíteros da igreja da Ásia Menor pediram ao venerável ancião e apóstolo João, residente em Éfeso, que escrevesse este “Evangelho espiritual” para contestar e refutar uma perigosa heresia concernente à natureza, pessoa e deidade de Jesus, propagada por um certo judeu de nome Cerinto.

Foi como uma revelação. Em um único parágrafo, encontrei a trama e os principais personagens que norteariam o livro!

Com isso, o que inicialmente seria um livro devocional sobre Lázaro tornou-se em uma obra de ficção sobre os momentos que antecederam a criação do Evangelho de João e os motivos que o levaram a escrevê-lo.

Essa decisão aumentou consideravelmente meu trabalho, levandome a empreender uma meticulosa pesquisa acerca da época, dos principais fatos, locais e personagens históricos, hábitos e costumes dos povos durante o século I, etc. Tive então de consultar diversas obras de arqueologia, atlas bíblicos, livros de história da Igreja e história antiga, além de consultar estudiosos sobre o assunto. Foi necessário também prestar atenção à linguagem utilizada por João ao escrever seu Evangelho e suas epístolas, a fim de que ao inserir citações de seus textos escritos fosse mantida uma coerência estilística com os diálogos e pensamentos criados por mim no livro.

E a história foi surgindo. Aos poucos, ao correr das páginas, os personagens foram revelando sua personalidade e a história foi ganhando vida própria. Mas meu objetivo inicial não foi esquecido nem negligenciado. A cada capítulo, através do personagem João, procuro trazer ao leitor pensamentos, meditações e ensinamentos acerca dos atos e palavras de nosso Senhor Jesus Cristo.

Este livro foi escrito, acima de tudo, para edificar vidas. Creio que sua publicação seja até mesmo oportuna, pois vivemos uma época em que a divindade de Jesus Cristo é sutilmente questionada, seja por estudiosos que buscam conhecer o “Jesus histórico”, como se fosse possível separá-lo do Jesus Filho de Deus, seja por escritores que inventam teorias conspiratórias e códigos guardados por sociedades secretas.

Contudo, quando tinha praticamente concluído a obra, partindo para o refinamento estilístico do texto, vi em uma livraria uma obra que me gelou o coração: um livro intitulado A História de João, escrito pelo famoso escritor americano Tim LaHaye! Ao folhear o livro, percebi inúmeras semelhanças com a minha a proposta. Tive então receio de que, se publicasse o meu, alguém pudesse pensar que sou um plagiador, pois, afinal, ele é o autor famoso e eu o desconhecido. Comprei então o livro, e depois de lê-lo, percebi que apesar do mesmo conceito básico, há profundas diferenças tanto na história quanto na narrativa e, principalmente, no conteúdo abordado. Concluí que as duas obras podem coexistir sem problemas, e, assim, continuei com o meu trabalho.

Tenho dificuldade em classificar esta obra: ficção, devocional ou apologética?

Deixo esta dúvida para você, para que leia o livro e tire suas próprias conclusões. O que importa, o que realmente importa, é que a leitura traga edificação à sua vida e que o nome de Jesus Cristo, o Filho de Deus, seja glorificado.

Em Cristo,

Robson Pereira Rocha

Capítulo

1

BOAS LEMBRANÇAS E MÁS NOTÍCIAS

Éfeso, ano 85 d.C.

Eu já estava acordado quando o galo cantou.

Na minha idade, é normal deitar-se tarde e acordar cedo. Especialmente quando se vive em uma cidade tumultuada e barulhenta como Éfeso. Não deixa de ser irônico: justamente no período da vida que temos menos força em nossos membros, passamos mais tempo acordados. Certo estava Moisés quando escreveu — como era mesmo? "... a duração de nossa vida é de setenta anos, e se alguns, pela sua robustez, chegam a oitenta anos, o melhor deles é canseira e enfado".[1]

Tantos anos se passaram, mas ainda não me acostumei com o burburinho das grandes metrópoles. Luzes demais, gente demais, pecado demais. Ainda mais se você vive na maior cidade da costa oeste da Ásia. Por aqui, todos os dias passam caravanas e barcos de povos que em minha juventude eu nem sabia que existiam.

Sinto saudade, muita saudade, de minha cidade natal. Sinto falta de minha aldeia, Cafarnaum, do mar da Galileia, de meu pai, o velho Zebedeu.

Mas minha terra, tal como eu a conheci, não existe mais. Roma reprimiu a rebelião judaica com mão de ferro. Rios de sangue correram pelas ruas de Jerusalém e nem o Santo Templo escapou da vingança romana, como predisse meu Senhor: "Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada".[2]

São lembranças amargas que ainda doem neste velho coração judeu.

O galo cantou mais uma vez. Papias ainda dorme. Agradeço ao Senhor por me enviar esse moço. Há muito que o vigor se foi do meu corpo, e sua ajuda me tem sido valiosa nas mais corriqueiras tarefas do cotidiano. Não é muito esperto, é verdade, porém é deveras prestativo. Deus lhe pague todas essas beneficências para com este pobre velho, meu menino. Espero que seu discipulado junto a mim seja tão frutífero quanto foi o de Policarpo.

Com algum esforço, levanto-me do meu leito, tomo meu cajado e vou em direção à janela. Lentamente, o véu estrelado da noite dá lugar à luz do dia.

A luz resplandece nas trevas e as consome, revelando o que estava oculto. Cada nascer do sol que meus olhos cansados contemplam me recorda do verdadeiro amanhecer, quando Ele chegou. Como estava escrito:

Mas a terra que foi angustiada não será entenebrecida. Ele envileceu, nos primeiros tempos, a terra de Zebulom e a terra de Naftali; mas, nos últimos, a enobreceu junto ao caminho do mar; além do Jordão, a Galileia dos gentios.[3]

Galileia dos gentios. Não é um nome muito honroso, embora reconheça que seja apropriado. Minha terra, situada ao norte da Palestina, sofreu muita influência gentia e pagã, especialmente no período do exílio. Na época em que lá vivia, convivíamos também com a proliferação de rebeldes agitadores, os zelotes. Estávamos em densas trevas espirituais.

Mas eu, Yochanan, estava lá quando essas palavras proféticas se cumpriram. Vi esta luz, fui iluminado por ela e nunca mais fui o mesmo. Nele estava a vida, e a vida era luz dos homens. Quando o vi e ouvi suas palavras, sabia que era Ele. Sabia que era o escolhido. Somente não sabia que minha vida mudaria tanto.

Não fomos nós que fomos até Ele, mas sim Ele que veio até nós. Quando soube da prisão de João, o Batista, deixou Nazaré e foi morar em nossa aldeia, Cafarnaum. E a luz começou a brilhar. Ali Yeshua começou a pregar sua mensagem. Ainda me lembro de suas palavras: “Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus”.[4]

Nunca ninguém havia falado como Ele antes. Não com tal autoridade e convicção. Mas, apesar disso, foram poucos os de Cafarnaum e de suas redondezas que o seguiram. Contudo, suas palavras arderam em alguns corações, inclusive no meu e no de meu irmão mais velho.

Estávamos nós dois às margens do mar da Galileia, juntamente com nosso pai, sentados no barco consertando as redes de pesca, quando Ele passou e nos chamou. Yeshua nos chamou!

Eu era tão jovem... um rapazote, pouco mais que uma criança, mas sabia o que tinha de fazer: segui-lo, por onde quer que fosse. Todos nós sabíamos que era a coisa certa a fazer. Na verdade, saber não é a palavra correta. Sentíamos em nossos corações que devíamos segui-lo. E não apenas nós, mas nosso pai também entendeu e não fez objeção à nossa partida.

Ele era meu mestre, e eu seu talmidim, seu discípulo. Sim, eu também era um dos doze que o seguiam.

Mas para mim, Ele era mais que um mestre, era um pai, alguém em quem eu podia me recostar e descansar. Ao seu lado não havia o que temer. Nunca houve dúvida ou temor em sua voz. Ele sabia exatamente o que fazia, o que dizia. Sim, nEle estava a vida. Não uma vida qualquer, mas a plenitude da vida. E a vida era luz dos homens. Mas as trevas não a compreenderam.

De repente, percebo que meus pensamentos me levaram de Éfeso à distante Palestina de cinquenta anos atrás. Quantas memórias um simples amanhecer pode nos trazer!

Deixando minhas memórias para trás, viro-me em direção a Papias e percebo que o moço já está acordando.

— Paz seja contigo, Papias. Dormiste bem?

— Paz seja contigo, apóstolo. Dormi muito bem, obrigado — respondeu Papias ainda sonolento. — Gostaria que preparasse a refeição matinal?

— Seria bom, meu rapaz. Ah, por favor! Chame-me apenas de presbítero, está bem? Não pretendo ser mais do que um simples ancião com alguma experiência para transmitir aos mais jovens.

— Como o senhor quiser. Ensinaram-me que aqueles que viram o Senhor Jesus e foram convocados por Ele para serem seus discípulos deveriam ser chamados de apóstolos. Mas se o senhor não faz questão, quem sou eu para discordar? — disse-me o jovem com um sorriso.

E lá se foi ele a preparar nosso desjejum.

Mais um dia se inicia. Quais surpresas virão com ele?

Não demoraria muito para que eu descobrisse. Pouco tempo após a refeição matinal, ouço palmas à porta de minha casa. Quem seria e o que quereria com um pobre velho como eu?

— Presbítero, Demétrio e o diácono Diótrefes trouxeram alguns irmãos que desejam ver o senhor.

— Mande-os entrar, Papias.

Pela porta da humilde casa, entra um grupo de cinco homens. Não tardo em reconhecê-los.

— Paz seja contigo, apóstolo.

— Amados Demétrio e Diótrefes, paz seja convosco! E seja também com os amados irmãos que vos acompanham e me dão a honra desta visita. Não é sempre que este pobre velho recebe os presbíteros das principais igrejas da Ásia a uma só vez. Infelizmente, não creio que seja este um bom sinal. Receio que pretendam me deixar a par de algo sério acerca da igreja, não é isso?

— É verdade, apóstolo. E fico feliz em constatar que sua mente se mantém não apenas lúcida como também aguçada — afirmou Gaio, um dos presbíteros que acompanham Demétrio.

— Meu amado Gaio, sou um presbítero como tu; não há necessidade de tratar-me como apóstolo.

— Perdoe-me por discordar, mas é justamente do apóstolo que precisamos neste momento, e você o último dos apóstolos vivos. Precisamos de você, João.

Havia uma certa gravidade na voz de Gaio.

João. É pela forma grega de meu nome que sou conhecido, e não apenas eu. Desde que as Boas-Novas começaram a ser anunciadas também aos gentios, tivemos de abrir mão de nossa língua materna e utilizamos o grego para alcançar a todos os povos. Por isso fomos conhecidos por outros nomes: meu irmão Ya'akov, Tiago. Shim'on agora é conhecido como Pedro. Bar-Talmai e T'oma são Bartolomeu e Tomé. Mattityahu, Mateus. Taddai, como era mesmo? Ah, é mesmo: Tadeu. Até mesmo o nome dEle teve de ser convertido para o grego. Yeshua Hamashiach, Jesus Cristo. Mas confesso que não é fácil para minha velha mente pensar neles com seus nomes em grego.

Aqui estou eu de novo, perdendo-me em meus pensamentos!

— Mas que anfitrião sou eu? Recebo visitas em minha própria casa e não tenho a delicadeza de oferecer ao menos uma bacia com água para vossos pés no melhor estilo judaico! Papias, por favor, traga uma jarra com água, meu filho.

Os presbíteros tentaram objetar que não havia necessidade, porém, gentilmente, os fiz perceber que fazia questão. Para mim, era muito importante manter viva minha identidade judaica e cristã.

Em poucos instantes, Papias trouxe-me a bacia e a jarra e, enquanto despejava a água cristalina na bacia, abaixei-me para lavar os pés de nossos ilustres visitantes.

Não pude deixar de perceber o constrangimento deles com meu gesto e, confesso, me diverti com a sua reação. Porém, enquanto lavava seus pés, percebo uma mudança em seus semblantes. O constrangimento deu lugar a um profundo respeito e meu gesto trouxe-lhes a memória um ato ocorrido há tempos, do qual eu mesmo participei e tive a oportunidade de contar para eles. O Senhor Jesus lavou nossos pés, os meus e o de meus irmãos discípulos. Nossa reação não foi muito diferente da deles naquela época.

Após essa singela cerimônia, sentamos para enfim tratar do motivo daquela inesperada visita.

— Pois bem, meus amados. Em que posso ser útil?

— Ninguém melhor do que você para saber o quanto custou para que a Igreja do Senhor pudesse crescer e se espalhar por todo o Império Romano. Muitos irmãos e irmãs derramaram seu próprio sangue por amor a Cristo, sem negar o seu nome

jamais. Estêvão foi o primeiro deles — começou a falar Gaio.

— “Homens dos quais o mundo não era digno”[5] — completou Demétrio.

— É verdade — disse eu — e entre eles estavam os apóstolos. Todos martirizados por amor a Cristo.

— Naquele tempo Satanás levantou adversários que, embora poderosos e brutais, eram de fora de nossa comunidade. Mas hoje, ele mudou a tática. — A expressão de Gaio estava carregada.

— O que está querendo me dizer?

— Já ouviu falar de Cerinto?

— Na verdade, não.

— É um judeu que tem visitado nossas igrejas por toda a Ásia. E em todo o lugar aonde chega, lança as sementes da discórdia e da mentira.

— Como esse tal Cerinto faz isso?

— Em seus sermões e ensinos, o tal homem tem contestado a doutrina dos apóstolos acerca da natureza, da pessoa e da própria divindade de Jesus.

Ao ouvir tal coisa, meu coração disparou não querendo crer no que estavam me contando.

— O que está me dizendo, Gaio?

— Este Cerinto está desviando a muitos do caminho, fazendo com que abandonem a sã doutrina e a Igreja.

— Sim, com muita astúcia e dissimulação, ele tem inserido suas heresias em nosso meio — confirmou Demétrio.

— Mas que ensinos são esses? — perguntei eu.

— João, ele prega que Jesus não é o Cristo. Que Cristo não poderia ter nascido, pois crê que a carne em si mesma é má, enquanto o espírito é bom, e que não é necessário a fé nEle para a salvação.

— Eu não posso acreditar em tal coisa!

— E há mais — afirmou Gaio.

— Ainda há mais?

— Infelizmente, sim. Por meio de supostas revelações e de falsos sinais, afirma que após a ressurreição haveria um reino terreno de Cristo e que os homens habitando em Jerusalém estariam sujeitos a desejos e prazeres, e que as celebrações nupciais durariam mil anos. Disse ainda...

— Chega, chega! Não quero, não suporto ouvir mais nada acerca desse anticristo! — ponho-me de pé, profundamente perturbado.

— Quem esse Cerinto pensa que é para ensinar tamanhas loucuras? Por acaso estava lá quando Ele surgiu na Galileia? Ele o viu curar um paralítico e dar vista ao cego? Ele o viu sentir sede e fome? Ele o viu ressurgir dos mortos após a sua morte na cruz? Ele o viu subir aos céus? Não! Ele não viu nada disso, mas eu vi, eu estava lá e testifico: vi a sua glória como o unigênito do Pai, Jesus é o Cristo, Jesus é Deus!

Meu coração estava acelerado e minhas mãos, trêmulas. Que tempos, meu Deus, que tempos! Depois de tantos anos de sacrifício, suportando toda a sorte de perseguição e injúria, quando penso que a Igreja do Senhor vai finalmente crescer em paz, alicerçada nas Escrituras, surge mais uma ameaça.

O pobre Papias assustou-se com meu arroubo de indignação e, sem saber muito o que fazer, trouxe-me um copo de água a fim de me acalmar. Bebo-o a um só gole, e me sento para me refazer.

— Por favor, apóstolo, acalme-se. Sabemos como o senhor deve estar se sentindo — Gaio fala mansamente, tentando me acalmar.

— Não, meus amados, vocês não sabem como me sinto, não têm como saber. Não estavam lá. Não viram nem ouviram o Filho de Deus.

— O senhor está certo. Não estávamos lá, mas você estava. Por isso viemos aqui. João, a Igreja de Cristo precisa de seu apóstolo. Ela precisa de você.

A gravidade na voz de Demétrio desarmou minha resistência.

— Mas o que querem de mim?

— Você é o último dos apóstolos vivos. Todos os outros já morreram. Precisamos do seu testemunho para combater tais heresias, João. Fale ao povo, conte à igreja o que você viu e ouviu.

— Meus amados irmãos, não creio que haja necessidade para tal. Temos os escritos de Lucas e dos demais acerca da vida de Jesus; temos as epístolas de Paulo. Não são suficientes?

— Perdoe-me a ousadia, mas se fossem, Cerinto não teria enganado a tantos.

Não tive mais argumentos para rebater o pedido deles. Gaio está certo. As Escrituras não são mais suficientes. Não poderei mais me esconder atrás de minha velhice. Não há tempo a perder.

Levantei-me mais uma vez, desta vez com uma postura firme e uma decisão tomada.

— Está bem, meus irmãos. Demétrio, convoque a toda a igreja de Éfeso. Daqui a dois dias será o Dia do Senhor. Nesse dia, no culto da noite, falarei ao povo.

Um sopro de alívio e contentamento encheu os presbíteros quando concordei em falar à igreja.

— E o que você irá falar, João?

— Contarei uma história, Gaio. Contarei uma história.

---

[1] Sl 90.10

[2] Mc 13.2

[3] Is 9.1

[4] Mt 4.17

[5] Hb 11.38

Capítulo

2

UM VELHO CANSADO

Passamos o dia todo conversando sobre como estava a Igreja do Senhor em toda a Ásia e de como as esdrúxulas doutrinas de Cerinto sorrateiramente se espalhavam com facilidade em nosso meio.

À tarde, após a saída de Demétrio e dos demais bispos, peço a Papias que vá ao mercado comprar algumas frutas. Embora essas compras fossem realmente necessárias, meu pedido, na verdade, é apenas uma desculpa para que eu possa ficar a sós com meus pensamentos.

Foram muitas informações em um único dia. Preciso colocar meus pensamentos e sentimentos em ordem para saber o que fazer. Após fechar a porta, apoio-me em meu cajado para me sentar ao chão, próximo à janela, a fim de olhar para o céu e me deixar ser levado por minhas conjecturas. Minhas costas e juntas das pernas doem quando lentamente me curvo para chegar ao chão.

Agora que o calor de minha indignação já passou, penso se realmente tomei a decisão certa de enfrentar mais esse desafio a esta altura da minha vida.

Olho para o chão e percebo junto a mim a bacia de barro com a água usada para lavar os pés dos convidados. Nela, vejo o reflexo de um velho de rosto enrugado e carcomido pelo tempo, de longas e desalinhadas barbas brancas e cabelo ralo. Sua vista é embaçada e seu olhar é cansado, como se já tivesse vivido muito mais do que o necessário — ou mesmo desejado. Ao contemplar meu reflexo na água da bacia, dou um longo suspiro de desânimo. Há tempos que não observava meu rosto e me espanto ao vê-lo tão decadente. Olho para as minhas mãos. As outrora poderosas mãos do jovem e orgulhoso pescador da Galileia deram lugar

a uma manchada coleção de pele, ossos e veias, que mal têm forças para se apoiar em meu cajado.

O quer será que o Senhor tem ainda reservado para mim? Será realmente possível que este velho cansado ainda tenha alguma utilidade?

Ao longo de todas essas muitas décadas, durante as quais tenho servido à causa do mestre, não foram poucas as perseguições que vi a Igreja do Senhor passar. Primeiro, a oposição dos fariseus e dos principais do povo à mensagem de Jesus, a ponto de crucificá-lo com ajuda do omisso governador da Judeia, Pôncio Pilatos. Depois, após a descida do Espírito Santo sobre os discípulos, quando nosso Senhor já havia ressuscitado e subido aos céus, houve uma nova perseguição quando muitos irmãos morreram. Décadas depois, foi a vez do próprio Império Romano, na pessoa de Nero, aquele devasso homicida, perseguir a Igreja do Senhor, inclusive matando apóstolos como Paulo e Pedro. E hoje, menos de vinte anos depois da morte de Nero, pressinto que voltaremos a viver dias negros. O novo imperador Domiciano, em sua loucura, está exigindo ser adorado com se fosse um deus. E isso é algo que não faremos.

A todo esse sangue inocente derramado, desde os muros de Jerusalém até as areias do Coliseu, testemunhei e milagrosamente sobrevivi. Mas, por Deus, como preferiria estar entre aqueles que já dormem no Senhor, aguardando ouvir o som glorioso de suas trombetas a nos chamar para a vida eterna com Cristo!

Pensei que após tudo o que já vivi pela causa do Mestre poderia finalmente descansar um pouco antes de descer à sepultura. E agora, surge esse tal Cerinto!

Mas o que estou dizendo? Ó Senhor, perdoa-me, pois estou sendo tão egoísta! Como poderia eu, a esta altura de minha vida, trair aquilo que eu mesmo disse, quando estava com Pedro diante do Sinédrio no momento em que nos mandaram calar acerca da cura milagrosa do coxo à porta do Templo?

“Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus; porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido.”[1]

Não. Enquanto houver vida em mim, não haverá tempo para descanso, como também não houve para os outros apóstolos. Eles foram fiéis e dedicados a obra do Mestre até a morte. Até por respeito à sua memória, não posso me aquietar quando a Igreja do Senhor sofre nova ameaça.

Eis-me aqui, Senhor, usa-me a mim.

— Presbítero, voltei! — Ouço a voz de Papias chamando-me do outro lado da porta, mas ainda preso aos meus pensamentos, não respondo.

— Presbítero João? O senhor está bem? — pergunta o rapaz com uma voz preocupada.

— Sim, meu filho, já vou abrir a porta, aguarde só um pouco — respondo-lhe finalmente.

Apoio minhas mãos firmemente em meu cajado e levanto-me devagar. Contra a minha vontade, solto um pequeno gemido de dor ao me erguer, o qual, graças a Deus, Papias não ouviu. Não quero preocupá-lo com essas coisas da idade.

Dirijo-me à porta e retiro a tranca para que o moço possa finalmente entrar. Seu alforje parece bem cheio pela forma como o carrega.

— Fizeste boas compras, meu filho?

— Sim, mestre — respondeu-me ainda ofegante, porém satisfeito com o trabalho bem executado. — Trouxe tâmaras, maçãs, uvas e também mel. Os preços estavam bons hoje. Mas, na verdade, não paguei nada por elas — respondeu ele colocando o alforje sobre a mesa.

— Por que não?

— Aconteceu algo estranho no mercado. Já estava de posse das mercadorias, e quando ia pagar ao vendedor, um homem ao meu lado me disse que eu não precisaria me preocupar com isso, pois ele pagaria a conta. Apenas me pediu que lhe transmitisse uma mensagem.

— O que ele disse?

— Ele falou: “Diga a seu mestre que um novo tempo está vindo a Éfeso. Abrace a Gnose”.

Cerinto! Meus Deus, ele já sabe que os bispos me procuraram! Mas como? Que espécie de homem será esse?

— O senhor ficou pálido de repente, mestre. Está se sentindo bem? O senhor deseja que eu prepare a refeição?

— Não, Papias, obrigado. Não estou com fome agora. Prepare-a apenas para ti. Mais tarde comerei alguma coisa. Por hora, tenho algo mais importante para fazer.

— E o que seria, presbítero João?

— Orar, meu filho, orar. Uma dura batalha está por vir e devo me preparar para ela.

— Refere-se a Cerinto e sua doutrina? — perguntou-me o jovem ao mesmo tempo em que levava uma tâmara à boca.

— Refiro-me a Cerinto e sua heresia. Corrijo-o mansamente. Oro ao Senhor para que minha intervenção não seja demasiado tarde, a fim de impedir que seu veneno se espalhe entre corpo de Cristo.

Encaminho-me à janela da casa e vejo que já está anoitecendo. Com a chegada de seu manto negro salpicado de estrelas vem a quietude que me favorece a concentração e a elevação de meus pensamentos ao Trono da Graça. A lua ilumina meu rosto enrugado com sua fria luz, e dou um pequeno sorriso de satisfação ao sentir a doce presença do Espírito Santo aquecendo o meu coração. Sim, esta será uma boa noite para uma vigília de oração.

— Papias.

— Pois não, apóstolo, quer dizer, presbítero? — o pobre jovem já estava meio entorpecido pelo sono.

— Não se preocupe em preparar-me a refeição matinal ao acordar, pois estarei jejuando e orando.

— O senhor vai jejuar amanhã? — Papias parecia espantado com minha decisão.

— Amanhã e depois. Tenho poucos dias para me preparar para a reunião com a igreja.

— Mas, presbítero, jejuar, na sua idade, não seria melhor...

— Boa noite, Papias.

— Boa noite, mestre.

---

[1] At 4.19,20

Capítulo

3

REUNIÃO NO CENÁCULO

Finalmente, chega o dia. Preparei-me orando e jejuando, apesar dos protestos preocupados de Papias. Ele ainda é jovem demais para saber que o jejum não me enfraquece, muito pelo contrário, fortalece meu espírito para o embate que virá.

Reunimo-nos à noite no cenáculo da casa de Pátroclo, o curtidor, tomando todo o cuidado para não chamar a atenção, pois os tempos são maus. Segundo fui informado, Domiciano tem usado de crueldade contra muitos, inclusive nobres e ilustres cidadãos de Roma. Será uma questão de tempo para que isso também ocorra em Éfeso. E não faltam filhos de Belial interessados em conseguir benesses das autoridades em troca de denúncias do paradeiro de cristãos como nós. Por isso, não haveria local mais adequado para nossa reunião: simples, espaçoso e de discreta localização.

O cenáculo estava situado no segundo andar da casa de Pátroclo. Embora fosse uma casa rica, sua entrada era sóbria, constituída de uma única porta de cedro guardada por um porteiro, o que nos garante privacidade e segurança. Ao passar pela porta, deparei-me com sua rica residência. Nela há um amplo pátio onde vejo uma cisterna que garante o fornecimento de água para a casa. No piso de ladrilhos, vê-se um mosaico retratando um leão atacando um boi. Em volta do pátio há diversas aposentos sustentados por colunas e vigas. As paredes eram revestidas de gesso e decoradas com a pintura de afrescos de temas florais e pássaros. Uma bela residência, sem dúvida.

Subi uma escada de pedras no pátio que dava acesso ao cenáculo e lá sou recebido pelo dono da casa, um homem de poucas palavras, mas muito correto e íntegro em seus negócios, mesmo antes de se tornar cristão. Pátroclo é casado

com Fabíola, e foi ela quem primeiro se converteu a Cristo há cerca de um ano. Há poucos meses, seu marido se juntou à fé. Muita gentileza de Pátroclo, um recém-convertido, abrir suas portas para a reunião da igreja.

Pouco a pouco, todos chegam ao recinto: homens e mulheres, ricos e pobres, livres e escravos, judeus e gentios, romanos e bárbaros, todos reunidos em um mesmo lugar, igualados e irmanados em Jesus Cristo. Nem mesmo em meus sonhos mais delirantes ou quando andava junto do Mestre pela Galileia eu poderia imaginar isso. Jesus concede a qualquer um, não importa sua origem, sua casta, sua linhagem ou mesmo a sua vida pregressa de pecados, a todos, absolutamente todos quantos crerem no seu nome, o poder de serem feitos filhos de Deus.

Vê-los juntos me comove e me faz pensar que todo o sacrifício valeu a pena. Especialmente o supremo sacrifício feito na cruz do Calvário. Não há um dia em que não me lembre do momento mais terrível e doloroso e, ao mesmo tempo, mais glorioso de toda a minha vida. Quando fecho os olhos, ainda vejo a cruz, e seu corpo marcado pelo chicote cravado nela. Sua cabeça sangrando por causa da coroa de espinhos e o rosto inchado pelas bofetadas. Sim, ainda vejo os cravos nas suas mãos e nos seus pés. Também ouço o som da marreta batendo nos cravos. Choro ao lembrar-me de seu olhar e de suas palavras para mim: “Eis aí a tua mãe”.[1] Quem sou eu para receber essa honra, de receber como minha a mãe de meu Senhor e Salvador?

Mas algo está errado, eu sinto. Ao olhar para cada um deles, posso ver que alguns têm o rosto carregado e o coração endurecido. O veneno de Cerinto já se espalhara.

Diótrefes me vê e se aproxima. Seguro em sua mão e sussurro próximo de seu ouvido:

— Comentaste com alguém sobre a reunião em minha casa?

— Com ninguém, mestre João. Por quê?

— Ele me procurou. E se fez isso é porque sabe da visita que vocês fizeram a mim.

— Mas como isso é possível?

— Somente há uma explicação: há um espião entre nós.

— Isso é muito grave. O senhor tem certeza?

— Não vejo como ter outra explicação.

— Meu Deus...

— Mantenha-te de olhos abertos. Prefiro crer que um dos participantes daquela reunião tenha comentado sobre ela com alguém ligado a Cerinto sem saber. Seria uma dor muito grande descobrir que um deles é um traidor da fé.

Demétrio olha para mim como que perguntando se já era a hora, e, com uma leve inclinação da cabeça, sinalizo-lhe para que inicie a reunião.

— Meus prezados irmãos, graça e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo.

Demétrio, como era seu costume, utilizou a tradicional saudação de Paulo presente na epístola escrita por ele para nossa igreja em Éfeso há vinte anos. Ou terá sido há trinta anos?

— Estamos reunidos aqui não somente para louvar e honrar o nome do Senhor nosso Deus, mas também para discutir questões que têm afligido o Corpo de Cristo desde que certas doutrinas estranhas têm sido introduzidas em nosso meio. E não apenas aqui, em nossa cidade, mas também nas igrejas presentes em diversas províncias do império. Por isso, os presbíteros das igrejas da Ásia pediram a João, o último dos apóstolos vivos que ouviu os ensinos de nosso Senhor Jesus Cristo diretamente de sua própria boca e viu seus milagres, para falar conosco.

Pude perceber que embora parte dos irmãos estivesse vivamente interessada no que eu tinha a dizer, por outro lado, havia também aqueles nos quais eu podia ver a descrença em seus olhos. É uma sensação muito desagradável observar pessoas que vi nascer e crescer na fé, que antes me tratavam como um verdadeiro pai, agora me veem como um estranho. Levanto-me e dirijo minha saudação a eles.

— Meus filhinhos, os quais amo na verdade, a graça, a misericórdia, a paz, da parte de Deus Pai e da do Senhor Jesus Cristo, o Filho do Pai, sejam convosco na

verdade e em amor.

Minha saudação, com voz mansa e suave, pareceu ajudar a desanuviar um pouco o ambiente no cenáculo. Continuo a falar-lhes.

— Muito me alegrei quando irmãos de outras províncias testificaram a vosso respeito, de que muitos andam na verdade, assim como a temos recebido do Pai. Não tenho maior prazer do que este: o de ouvir que meus filhos andam na verdade. Porém, meus amados, acima de tudo, estamos aqui para louvar e glorificar o nome que está acima de todo nome. Papias, meu filho, poderia entoar o cântico de louvor?

— Quem, eu? — assustou-se o pobre rapaz.

— E por que não, meu jovem? Tens uma bela voz, com certeza, bem melhor do que a deste pobre velho — respondi, divertindo-me com sua reação. — Para um louvor sincero não são necessários títulos, honras, dons espirituais ou mesmo anos de meditação nas Escrituras. Basta apenas um coração puro e reto diante de Deus e o desejo sincero de honrá-lo e glorificá-lo. E essas qualificações todos sabemos que você as tem, meu filho.

Ainda um pouco assustado com a responsabilidade que lhe foi dada, Papias fechou seus olhos e começou a entoar o cântico baseado nas palavras de Paulo em sua epístola, no que foi seguido por toda a igreja:

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo, como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade, e nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado.[2]

Ao concluir o cântico, mais tranquilo e feliz pela oportunidade que recebera, Papias senta-se em seu lugar. Apoio-me em meu cajado e, com certa dificuldade, ponho-me de pé diante da congregação. Respiro fundo e começo a falar-lhes.

— O que era desde o princípio, o que vimos com nossos próprios olhos, o que temos contemplado e as nossas mãos tocaram da Palavra da Vida. Sim, porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada. O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a vossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo.

Toda a atenção dos presentes está voltada para mim. Muitos, ansiosos para ouvir a ministração da Palavra de Deus. Alguns, percebo, não entendem bem o que digo. Outros, porém, curiosos e irrequietos, tentando adivinhar a respeito do que pretendo falar nesta noite. Parecem pressentir que as críticas que farei nesta reunião serão para as exóticas doutrinas que abraçaram. Muito bem, não pretendo decepcioná-los:

— Filhinhos, é já a última hora; e como ouvistes que vem o Anticristo, também agora muitos se têm feito anticristos; porque conhecemos que já é a última hora. Saíram de nós, mas não eram de nós; porque se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que não são de nós.

— Perdão, apóstolo — Silvano levanta-se e me interrompe de modo abrupto. — Perdoe minha impertinência, mas não posso deixar de falar que considero tais acusações contra alguns de nossos irmãos inoportunas e injustas. Se não o conhecêssemos bem, diria até que são fruto de inveja, visto que eles foram escolhidos para serem portadores de conhecimentos ocultos os quais não podem ser entregues a todos.

Confesso que fui pego de surpresa com essa reação intempestiva e até mesmo desrespeitosa de Silvano contra mim, quando eu ainda fazia o uso da palavra. Na verdade, me irritei muito com sua atitude, mas no instante seguinte, consegui me controlar impedindo que o destemperado João dos velhos tempos aflorasse. Neste instante, senti uma profunda pena por esse pobre homem. Olhando bem para ele, bem dentro de seus olhos, reconheci a mesma arrogância que tantas vezes vi nos fariseus que volta e meia vinham testar a Jesus. A mesma certeza cega de que eles, e somente eles, os predestinados, os escolhidos, os superiores, conheciam os mistérios ocultos. Silvano era um homem alto, forte e orgulhoso de sua cidadania romana, cujo olhar sorrateiro e fala mansa e dissimulada não conseguiam esconder sua desmedida ambição em liderar a Igreja, pois acreditava ser o mais qualificado e capaz dentre todos para exercer o ministério. Por isso, sempre teve dificuldade para entender e aceitar a maravilhosa graça de Deus, sua

extensão a todos, principalmente aos pobres e desprezados deste mundo.

— Irmão Silvano, paz seja convosco. Quero lhe assegurar, meu amado, que na minha idade e posição, a única inveja que me resta é daqueles que ainda não precisam se apoiar em uma velha bengala para fazer suas caminhadas diárias — falo mansamente, com um sorriso de compreensão nos lábios, pois, como dizem as Escrituras, a palavra mansa abranda o furor. — Mas talvez você possa nos explicar que conhecimentos secretos são esses aos quais não fui considerado digno de ter acesso?

— Não sei se devo falar abertamente — hesitou.

— Lembre-se de que estamos em família, não há o que temer em nosso meio. Ou será que teme não ter argumentos contra nossa pregação?

— Perdão se o ofendi, sinceramente, não foi essa a minha intenção. Acredite, somos gratos por tudo o que você nos ensinou ao longo de todos estes anos, e não é culpa sua se o supremo Deus não lhe concedeu a revelação completa. Você iniciou o trabalho, mas agora cabe a outro prosseguir com ele.

Silvano não cai em minha pequena provocação e mudou de tática, adotando um tom mais amistoso. Ele é um homem muito inteligente e de raciocínio rápido. Terei de tomar muito cuidado com ele nesta reunião. Serei mais direto.

— Explique-se melhor.

— Agora sabemos quem é Jesus e que os ensinos que nos foram transmitidos pelos apóstolos e presbíteros não eram completos sobre a sua real natureza. Não conseguia aceitar que Ele pudesse resistir às tentações, estando preso a um corpo corruptível como o nosso. Mas agora vejo que Cristo, embora parecesse ser um homem como nós, nunca assumiu um verdadeiro corpo físico. Por essa razão, não foi sujeito às fraquezas e emoções humanas. Cristo não veio em carne, mas tomou o corpo de Jesus durante um tempo, mais precisamente entre seu batismo e antes de sua morte na cruz!

— Heresia! — Demétrio estava estupefato com o que via e ouvia.

— Calma, amado Demétrio, não se exalte — seguro em sua mão tentando passar-lhe tranquilidade. — Aqui estamos não apenas para falar, mas também para ouvir. E o que temos ouvido é grave, é verdade. Mas temos de saber qual a

extensão da propagação desses ensinos perniciosos em nossa comunidade.

Volto-me para os presentes.

— Meus filhinhos, vocês me conhecem e eu os conheço, cada um pelo nome. Alguns cheguei mesmo a carregar nos braços e apresentei ao Senhor quando nasceram. Fico espantado que tão rapidamente tenham se esquecido de tudo o que foi dito, e abraçam outro evangelho que não aquele ensinado por nós, os apóstolos.

Olho para eles e vejo o constrangimento nos olhos de uns, a consternação nos de outros. Mas vejo também olhares duros como os de Silvano. São muitos e isso me preocupa. Senhor, tenha misericórdia de mim, inspira-me a fim de que saiba o que falar a este povo. Sinto que se afastam de mim, como a areia que escorre entre os dedos!

— Meus amados, confesso que estou surpreso com tudo o que foi dito aqui e gostaria de saber quantos neste cenáculo concordam com nosso irmão Silvano e também seguem as doutrinas de Cerinto.

Todos começaram a se entreolhar, sem saber o que fazer, porém ninguém se manifestou. Era evidente que estavam com medo de alguma espécie de punição para aqueles que se declarassem seguidores de Cerinto e, por consequência, hereges.

— Meus filhinhos, mais uma vez repito: estamos em família. Não tenham medo de assumir aquilo que pensam, sentem ou creem. Aqueles que concordam com essas novas ideias pregadas em nosso meio, por favor, fiquem de pé.

Eu não esperava que fossem tantos! Quase a metade dos presentes ficou de pé. Meu coração se apertou e não pude impedir que uma lágrima rolasse pelo meu rosto. Que decepção, meu Deus! Perdoa-me Senhor, falhei com o Senhor em guiar o teu povo!

Aceno para que se sentem novamente. Vejo o olhar triunfante de Silvano, como se isso fosse uma guerra e ele fosse o vencedor. Pobre alma. Se soubesse que não passa de um cego guiando outros cegos...

Mas a guerra não se encerrou, não pode terminar assim. Respiro fundo e, mais uma vez falo à congregação.

— Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas têm se levantado no mundo. Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa que Jesus veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do Anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo.

Minhas palavras falaram fundo no coração deles. Pude ouvir o murmúrio de espanto entre eles quando falei no Anticristo e de sua nefasta presença. Continuo a falar-lhes:

— Filhinhos, sois de Deus e já os tendes vencido, porque maior é o que está em vós do que o que está no mundo. Olhai por vós mesmos, para que não percamos o que temos ganhado; antes recebamos inteiro galardão.

— Apóstolo João — fala-me Miriam, judia como eu, que também mora em Éfeso —, o senhor sabe o quanto somos gratos e, na verdade, muito o amamos por todos esses anos devotados a nos ensinar a Palavra de Deus. Por isso, não queremos magoá-lo de maneira alguma. Porém confesso que estou confusa, não sei em quem acreditar. Quando o senhor fala, creio em suas palavras de que Jesus é o Cristo que viria para nos salvar de nossos pecados, mas quando ouço os ensinos de Cerinto, parece que há sabedoria em suas palavras e devo segui-lo. Confesso que não sei o que fazer!

— Também tenho minhas dúvidas. — Desta vez é Fídias quem toma a palavra. — Por mais que medite nas Escrituras que contam a vida de Jesus, não encontro subsídios suficientes para rebater esses novos ensinos que temos recebido. Será que o senhor sabe de mais alguma coisa a respeito de Jesus que as Escrituras ainda não revelam?

— É isso mesmo! Se o venerável apóstolo João sabe de alguma coisa a mais sobre Jesus, por que não nos conta logo? Ou será que não há mais nada que devamos saber? — desafiou-me Silvano, visivelmente incomodado com o fato de que muitos de seus seguidores ainda não estivessem realmente decididos sobre o que ou em quem deveriam acreditar.

Posso sentir a grande ansiedade e expectativa que tomou a todos no cenáculo de Pátroclo. Chegou o momento que eu esperava. Sento-me junto a Demétrio e dos demais presbíteros. Todos os olhares estão voltados para mim.

— Está bem, meus filhinhos, vou contar-lhes uma história sobre Jesus Cristo que vocês ainda não conhecem. Uma história na qual se veem claramente tanto a sua humanidade quanto a sua divindade.

— E que história seria essa? — pergunta-me Diótrefes, o diácono.

— Uma história de amizade, fé e milagres. Contarei para vocês a história de Lázaro e sua família.

---

[1] Jo 19.27

[2] Ef 1.3-6

Capítulo

4

PERDENDO-SE NAS LEMBRANÇAS

Como foi que Jesus e a família de Lázaro se conheceram? Ah, é mesmo. Foi em uma de suas visitas a Jerusalém. É verdade, agora me lembro.

Jesus pregou a mensagem do Reino por toda a Judeia e Samaria e, como registrou Lucas, enviava mensageiros adiante de sua face para preparar pousada para Ele e para seus discípulos. Seus mensageiros eram verdadeiros arautos que anunciavam a chegada do rei, ordenando que os vigias abrissem os portões das cidades muradas, pois não pode haver portas fechadas diante do grande rei, como está escrito:

Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó entradas eternas; e entrará o Rei da Glória. Quem é este Rei da Glória? O Senhor forte e poderoso, o Senhor poderoso na guerra.

Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó entradas eternas; e entrará o Rei da Glória. Quem é este Rei da Glória? O Senhor dos Exércitos; ele é o Rei da Glória.[1]

A chegada do rei em uma cidade era um grande acontecimento, que enchia a localidade de honra e alegria, mas também de apreensão. O aviso do arauto que ia à frente do rei dava tempo para que os portões se abrissem, mas não tempo suficiente para que as ruas e palácios fossem limpos, a fim de que o rei tivesse uma boa impressão e fosse bem recepcionado. Era necessário que a cidade fosse

realmente bem administrada, com ruas limpas, sem sinais de miséria ou doença. O rei espera encontrar uma cidade bem protegida, com muralhas fortes e soldados treinados. Se seus governantes o decepcionassem, as consequências poderiam ser graves para eles. Cada um de nós somos como cidades à espera da visita do grande Rei. Como está a sua cidade? Como está a sua vida? Será que ela está em condições de receber a visita de um rei? Será que ele a encontrará de portas abertas à sua espera? Como ele mesmo disse certa vez a Judas (não o Iscariotes): “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada”.[2]

Nem todos compreendem o significado dessas palavras. Jesus não falava de um simples encontro social, mas de restauração, de aceitação, de pertencimento. Em uma sociedade fechada como a judaica, uma pessoa ser considerada impura ou indigna seria o mesmo que condená-la a viver exilada em sua própria terra, em meio ao seu próprio povo. E não faltavam exilados à espera de redenção: leprosos, cegos, aleijados, publicanos, gentios e toda a sorte de pecadores. Todos esses sentiam como párias, intocáveis e culpados de sua própria sorte.

Para eles, receber um homem de Deus, um rabi como Jesus em suas casas era mais, muito mais do que um evento social; era um ato de libertação e de reintegração à sociedade que os rejeitara.

Contudo, para os fariseus e todos aqueles que levavam o significado da palavra santidade até as suas últimas consequências — e, paradoxalmente, acabam por negar a sua essência — esse comportamento de Jesus era motivo de escândalo.

Um homem que quisesse ser reconhecido como justo não poderia jamais ser visto junto a publicanos. Tais homens eram talvez os mais desprezíveis de toda a Judeia, pois além de coletarem impostos para a Roma, o império invasor, o inimigo, ainda oprimiam seu próprio povo, muitas vezes cobrando a mais para seu próprio enriquecimento ilícito. Mas Jesus não apenas tinha um publicano entre seus discípulos — Mateus — como ainda se ofereceu para comer na casa de Zaqueu, publicano reconhecidamente corrupto!

Um judeu que quisesse ser reconhecido como cumpridor da lei não poderia se deixar tocar por uma mulher com um fluxo de sangue, mas Ele não apenas permitiu como abençoou a mulher e a curou.

Aquele que quisesse ser respeitado pelo povo não deveria pisar na casa de um

gentio, muito menos de um centurião romano! Mas Jesus, ao saber que o servo desse centurião estava enfermo, prontamente se ofereceu para ir até lá. E somente não foi porque o próprio militar romano pediu-lhe para que não fosse, pois não se sentia digno de recebê-lo.

Um filho de Abraão que quisesse ser reconhecido como um verdadeiro israelita não deveria se relacionar com a raça misturada dos samaritanos, mas Ele conversava com eles, inclusive com uma mulher samaritana de passado mais do que duvidoso, e ainda visitava suas cidades!

Sim, Ele veio buscar aquilo que se havia perdido, sem se importar com convenções ou regras hipócritas de uma sociedade que vivia de aparências, simulando santidade, mas com o coração distante de Deus e de sua misericórdia.

Jesus os restaurava em torno de uma mesa, não com objetos sagrados como o Menorah ou os rolos da Torah, mas com pão, vegetais ou um cozido de lentilhas. Uma mesa de jantar.

Havia em sua atitude uma forte simbologia, compreendida por todos: em torno de uma mesa familiar, sentam-se parentes e amigos chegados, nunca inimigos ou indesejáveis. Ao ser recebido por eles e comer com eles, Jesus demonstrava claramente para todo o Israel que os aceitava e os estava reintegrando ao convívio com o povo, pois o motivo da segregação não mais existia. Esse gesto simples acarretou em maravilhosas e inimagináveis consequências. Zaqueu, o publicano, o corrupto, fez a promessa solene de restituir, e com juros, a todos quanto tivesse fraudado e extorquido. Como o próprio Jesus disse ao pequeno Zaqueu: “Hoje, veio salvação a esta casa, pois também este é um filho de Abraão”.[3]

Quem sabe os motivos que o levaram a uma vida de ganância e corrupção? Talvez tudo tenha começado com sua baixa estatura. Sim, sua estatura. Como seria a vida de um homem baixinho em um ambiente rústico como o da Judeia? Quanto deboche dos rapazes e desprezo das moças o jovem Zaqueu não teve de suportar? De que forma isso poderia ter marcado a sua alma? É bem provável que ele tenha tentado compensar suas limitações físicas e se impor diante daqueles que se sentiam superiores a ele com o poder do dinheiro. Tornar-se um coletor de impostos viria bem a calhar, porém era uma atitude arriscada. Como disse Paulo, o apóstolo dos gentios: “Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que

submergem os homens na perdição e ruína”.[4]

O cargo de publicano conferia muito poder, e assim Zaqueu pôde se impor. Mas isso não lhe trouxe paz e respeitabilidade, muito pelo contrário. Era ainda mais desprezado e isolado, e toda a sua riqueza não minorava essa situação; na verdade, tornava-o pior, visto que era fruto da opressão e da fraude.

O resultado foi mais frustração. Seus esforços para ser respeitado em sua própria comunidade foram em vão, até que, finalmente, ele se sentiu aceito por Jesus. Zaqueu sabia quem era aquEle que o aceitava.

Lembrem-se de que não foi ele quem convidou Jesus para entrar em sua casa. Na verdade, isso nem passou pela sua cabeça. Nem em seus melhores sonhos poderia imaginar que o Messias, o Santo de Deus, pudesse aceitar um convite seu. Por isso se contentava apenas em vê-lo passar, nem que para isso tivesse que abrir mão de toda a pompa e circunstância que deveria exibir um funcionário público a serviço de Roma. E foi o que ele fez: sem se importar com quem estivesse à sua volta, subiu em uma árvore, como se fosse uma dessas crianças travessas que brincam pelas ruas, somente para ver Jesus passar.

Imaginem, meus filhinhos, o espanto de todos os presentes, principalmente do próprio Zaqueu, ao ouvir o mestre Jesus chamá-lo pelo nome e, em público, se convidar para almoçar em sua casa! Ser aceito por Jesus significava ser aceito por Deus, e quando isso acontece nada mais importa. A visita de Jesus transformou Zaqueu.

Mas Jesus Cristo não é como um rei fazendo uma visita de rotina às cidades de seu reino. Ele quer morar definitivamente em cada um de nós. Quer reinar em nós. Basta que reconheçamos a nossa incapacidade de gerir nossa vida e lhe darmos total controle sobre ela. Isso exige humildade. Deixemos que o grande Rei governe nossas vidas. Deixemos que Ele faça todas as mudanças que julgar necessárias. Quando fizermos isso, veremos o milagre da renovação acontecendo dentro de nós. E não apenas nós, mas todos os que nos rodeiam verão a transformação que o grande Rei pode fazer na vida de alguém. Pecados serão perdoados, traumas serão superados, temores serão abandonados e a paz de Deus e a providência divina se farão presentes restaurando o que antes era decadente.

Quando recebemos Jesus em nosso coração, logo fica evidente para nós que a santidade e a pureza que emanam de Cristo não combinam com um ambiente

deteriorado pelo pecado. A partir daí, somos confrontados com um dilema: não deixamos Jesus entrar e morar em nosso coração porque estamos envergonhados, apegados demais às práticas de uma vida pecaminosa, ou o convidamos para entrar e imediatamente iniciamos uma faxina completa, eliminando tudo aquilo que seja indigno de estar diante dos olhos do grande Rei Jesus. Foi o que Zaqueu fez.

Para muitos, esse processo de limpeza interna pode ser doloroso, pois estão abrindo mão de algo que, mesmo sendo pecado, é também, de alguma forma, prazeroso. Para outros, porém, como Zaqueu, foi algo não apenas libertador, mas também jubiloso. A alegria de ser visto, reconhecido e aceito por Jesus sem qualquer cobrança ou recriminação por sua vida pregressa era o estímulo que ele precisava para se libertar de sua escravidão pela cobiça. Não precisava de dedos acusadores, apontando-o como pecador, mas sim de uma mão estendida o acolhendo. Ele precisava de um pastor que fosse atrás da ovelha perdida e que, ao encontrá-la, a recolhesse em seus braços alegre por tê-la resgatado e salvado. Ele precisava de Jesus.

— São belas histórias essas, presbítero, mas já as conhecemos por meio dos escritos de Mateus e Lucas. O senhor não iria nos contar a história de um tal Lázaro? — pergunta-me Silvano, sem esconder sua impaciência.

— Perdoe este pobre velho, irmão Silvano — dirijo-me a ele com sincero carinho. — Quando se tem a minha idade e tantos fatos maravilhosos vividos, é fácil se perder em memórias e divagações. Mas, creiam-me, essas histórias que contei para vocês são uma introdução para que possam entender como e por que Jesus e a família de Lázaro se conheceram.

Como disse antes, de aldeia em aldeia, Jesus e seu grupo se aproximavam de seu objetivo: Jerusalém. Certo dia, chegaram finalmente a Betânia, pequena aldeia situada a apenas quinze estádios de distância da cidade do grande Rei, onde estava o Templo do Senhor. E foi lá, em Betânia, que conheceram Marta e Maria, irmãs de Lázaro.

---

[1] Sl 24.7-10

[2] Jo 14.23

[3] Lc 19.9

[4] 1 Tm 6.9

Capítulo

5

UM REI NA CASA DAS TÂMARAS

Em hebraico, pronuncia-se Beit-Anyah. Betânia significa casa das tâmaras, o que transmite a ideia de um lugar aprazível, sem o ritmo frenético de Jerusalém que aumentava ainda mais no período das festividades, quando recebia peregrinos não apenas de toda a Palestina, mas também de todos os lugares do império. Sim, Jerusalém fervilhava com partos, medos, elamitas, e também judeus da Capadócia, Macedônia, Ponto e Ásia, principalmente nas festas da Páscoa e do Pentecostes. E esse agradável lugarejo ainda tinha a vantagem de estar a poucas horas de caminhada da Cidade de Davi, podendo servir de pernoite a Jesus e aos seus discípulos após um dia de pregação para as multidões em Jerusalém. Como podemos ver, fazer da cidade de Betânia a sua base quando visitava a cidade de Jerusalém era uma atitude lógica.

— Não vejo essa lógica — retrucou Silvano. — Sendo Jesus o Messias e Filho de Deus, por que não ficou hospedado na própria Jerusalém, a cidade do grande Rei e do santo Templo? Por que ir para uma aldeia insignificante como Betânia?

Percebo a armadilha de seus argumentos e procuro dar uma resposta, a mais clara possível, a fim de evitar que a semente da dúvida se espalhe entre os presentes:

— Para entendermos o comportamento e as ações de Jesus, precisamos levar em consideração quem Ele era e onde e como fora criado. Jesus nasceu na pequena Belém e cresceu em Nazaré, um lugarejo sem nenhum atrativo, tão insignificante que quando Filipe falou sobre Jesus de Nazaré para Natanael sua indiferença e preconceito em relação ao lugar ficaram evidentes: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?”[1]

— Contudo, ele viu que poderia, sim, vir alguma coisa boa de lá, um profeta, mas não um profeta qualquer, o Messias de Israel. Sendo assim, a desprezada e obscura Nazaré teve o seu nome eternamente ligado ao de Jesus Cristo. Onde quer que o evangelho fosse pregado, não importando a que língua, raça ou povo, todos ouviriam falar de Jesus de Nazaré.

Além disso, Jesus tinha total consciência e convicção de quem era o Verbo de Deus, o Filho do Pai. Aquele por quem foram feitas todas as coisas no princípio e que sem Ele nada do que foi feito se fez. Ficaria Ele impressionado com Jerusalém e com o Templo? Certamente que não. Sem contar que nas sombras e nos palácios de Jerusalém havia toda a sorte de intrigas e sórdidos planos sendo tramados contra a sua vida. Não, a noite de Jerusalém não seria um lugar seguro para si nem para seus discípulos.

Por tudo isso, Jesus não era seduzido pelo tamanho e a imponência de grandes cidades como Jerusalém. Muito pelo contrário, Ele se sentia bem na quietude e simplicidade dos vilarejos, aldeias e desertos. Locais como Betânia.

Como de costume, Jesus e sua comitiva entraram nessa aldeia e foram muito bem recebidos lá, pois sua fama o precedia. Jesus, um novo profeta que se levantou em Israel depois de um longo período no qual Deus se silenciara. Ele foi antecedido por João, o Batista, é verdade, mas Jesus era diferente. Além de palavras que aqueciam o coração do povo, Ele fazia sinais, muitos sinais e maravilhas.

A chegada de Jesus foi um verdadeiro acontecimento em Betânia. O povo, formado por mulheres, crianças e idosos, visto que os homens estavam em seus afazeres no campo ou vendendo tâmaras em Jerusalém, logo se juntou em volta dEle para vê-lo, ouvi-lo e, quem sabe, ser agraciado com a bênção da cura de alguma enfermidade. No meio deles, estava Marta, que se ofereceu para receber a Jesus em sua casa. Seu gentil convite foi aceito e, em pouco tempo, estavam Jesus e seus discípulos em sua residência.

Não era uma casa espaçosa, porém se sentia no ar o aconchegante cheiro de lar. Havia muito amor ali. Marta não morava sozinha. Com ela morava também sua irmã mais nova, Maria, e seu irmão Lázaro que, nessa hora, estava trabalhando fora da cidade.

— Por que Jesus escolheu a casa de Marta e seus irmãos? — perguntou-me o

jovem Papias.

— Por um motivo simples, meu filho. Porque ela ofereceu a sua casa.

“A um coração quebrantado e contrito, não desprezarás, ó Deus.”[2]

Meus filhinhos, não percam a oportunidade de convidar a Jesus para morar em suas casas, isto é, em seus corações. Jesus não procura palácios ricamente mobiliados, Ele busca um lar para morar. Lembrem-se de suas palavras: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada”.[3]

Quão revolucionárias, são essas palavras! O próprio Deus, o eterno, não habita mais em templos erguidos por mãos humanas, mas quer habitar em cada homem que abrir seu coração para Ele. Na verdade, o Senhor nunca fez menção de que quisesse para si templos ricamente adornados, e foi exatamente isso que disse ao rei Davi por meio de seu profeta Natã, quando o rei quis construir um templo para o Senhor:

Vai, e dize a meu servo, a Davi: Assim diz o Senhor: Edificarme-ás tu casa para minha habitação? Porque em casa nenhuma habitei desde o dia em que fiz subir os filhos de Israel do Egito até ao dia de hoje, mas andei em tenda e em tabernáculo. E em todo o lugar em que andei com todos os filhos de Israel, falei porventura alguma palavra com qualquer das tribos de Israel, a quem mandei apascentar o meu povo de Israel, dizendo: Por que me não edificais uma casa de cedros?[4]

AquEle que é perfeito não busca uma morada perfeita, já pronta, mas sim a oportunidade de aperfeiçoá-la, torná-la dia a dia mais aconchegante para si. Deus quer morar em nós. Mas o que deixaria nossa vida confortável para ser habitada por Jesus? As próprias Escrituras nos dão a resposta: “Mas o fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra estas coisas não há lei”.[5]

Foi o que Marta fez. Abriu as portas de sua casa para Jesus. Logo, sua vida — e de sua família — nunca mais foi a mesma.

[1] Jo 1.46

[2] Sl 51.17

[3] Jo 14.23

[4] 2 Sm 7.25

[5] Gl 5.22

Capítulo

6

AS IRMÃS DE LÁZARO

Um fato muito interessante ocorreu na casa de Lázaro e suas irmãs. Como eu já dissera antes, a presença de Jesus era um grande acontecimento na aldeia de Betânia. Afinal, não é todo dia que se tem a honra de receber e hospedar um grande profeta!

Pois naquele dia, Marta e Maria não estavam recebendo apenas um profeta, mas o profeta. Sim, o próprio Cristo estava em sua casa com seus discípulos e, curiosamente, cada uma das irmãs teve uma reação diferente e, a seu modo, fizeram a coisa certa.

— Como assim? — pergunta Gaio

— Jesus é o Cristo, o Messias que havia de vir, e também é o Filho de Davi, isto é, descendente direto da linhagem real e, consequentemente, herdeiro do trono de Israel. O que você faria se recebesse uma personalidade com essas qualificações em sua casa?

— Bem, acredito que meu coração dispararia e eu tentaria arrumar a casa o mais rápido possível para que tivesse uma boa impressão. E mandaria minha mulher preparar algo para comer. Ah! Sim, é claro, também ofereceria água para limpar as mãos e os pés — responde ele, sem muita convicção de que essa seria a resposta correta.

— Boa resposta, amado Gaio. Mas Jesus também era um mestre, nosso rabi. Suas palavras traziam sentido à existência. Todos queriam estar perto dEle, aprender com Ele, beber cada palavra que brotava de sua voz.

— Papias, se você estivesse diante do Mestre dos mestres, o que faria? — Eu? Bom, acho que meu queixo cairia e ficaria horas assim, de boca aberta, apenas ouvindo-o pregar e ensinar sobre o Reino de Deus. Não consigo pensar em outra coisa melhor para fazer.

— Nem eu quando o seguia, meu jovem. Quando Ele falava, nada mais importava. Não sentia fome, não sentia sede, tampouco sentia o tempo passar ou o que acontecia à minha volta. Todo o resto não tinha mais importância quando o Verbo de Deus se manifestava.

Essa era a minha reação ante Jesus Cristo. Porém, cada pessoa reagia a seu modo, conforme as expectativas que elas mesmas criaram a respeito dEle. Muitas até com decepção, por esperarem um guerreiro libertador do jugo romano, ou um Elias ressuscitado ou simplesmente por acharem seu discurso duro demais. Marta e Maria tinham suas próprias expectativas que as levaram a agir de modo bem distinto.

Ao convidar a Jesus e os apóstolos para irem à sua casa, Marta passou rapidamente da euforia para o nervosismo, beirando o desespero. Jesus, o Messias prometido, estaria em sua casa, uma simples casa de aldeia! Posso até imaginar o que passou por sua cabeça: “Meu Deus, Jesus, o Filho de Davi, em minha casa! Mas olhe o estado dela! Tanta coisa para arrumar, para limpar... Onde está a vassoura? Preciso varrê-la, e rápido, para receber o Mestre, senão o que Ele dirá? Pior, o que minhas amigas dirão? No mínimo, que fui uma imprudente e precipitada ao oferecer minha casa se esta não estava em condições de receber uma personalidade da envergadura de Jesus! Mas onde está Maria? Maria, anda! Vem ajudar-me, eles já devem estar chegando! Olha que bagunça esta casa! E eu ainda tenho que preparar os pães!”

Sim, havia tanta coisa por fazer, inclusive para cumprir com os rituais que cabiam a um bom anfitrião dispensar ao seu hóspede.

— Que rituais seriam estes, apóstolo? Deveria eu também tê-los executado com os presentes, visto ser eu o dono da casa onde estamos reunidos? — pela primeira vez Pátroclo se manifesta desde que a reunião começou.

— De modo algum, amado Pátroclo. Você nos recebeu muito bem. Tais rituais eram específicos do povo judeu e característicos de nosso costume. Não há nenhuma necessidade de serem seguidos pela Igreja do Senhor. Deixa-me

explicá-los brevemente: quando Jesus chegasse, suas sandálias deveriam ser retiradas para que seus pés fossem lavados e a poeira do caminho não entrasse na casa. Após o lava-pés, como manda o costume, seus pés seriam enxugados. Sua cabeça também deveria ser ungida com azeite perfumado por especiarias; seria uma descortesia se não o fizesse. Então água seria oferecida para Ele beber.

Havia ainda os preparativos para a refeição, como por exemplo, arrumar as mesas. Três mesas deveriam ser dispostas em torno de um quadrado, mas mantendo o quarto lado do quadrado aberto para dar acesso ao centro, por onde os alimentos poderiam ser servidos. Junto às mesas deveriam ficar os divãs com almofadas, a fim de que o convidado e os demais pudessem se reclinar e comer.

Quando Jesus e os demais entraram na casa de Marta e de sua irmã Maria, ainda as encontraram arrumando-a e preparando a refeição. Ele as saudou e continuou a ensinar os que com Ele estavam, e não havia pessoas apenas na casa, mas também do lado de fora, junto à janela e a portas abertas. Todos queriam ouvi-lo, mas aí aconteceu algo inusitado. Maria, que até então estava ajudando sua irmã nos afazeres, não pôde continuar. Não havia como resistir àquela voz, àquelas palavras de sabedoria que brotavam não apenas de sua garganta, mas do próprio trono de Deus. E ela, então, esquecendo-se completamente de sua irmã, dos afazeres domésticos, do falatório das vizinhas e também dos demais presentes na casa, assenta-se junto aos demais e ouve Jesus ensinar.

— Uma mulher sentada junto com os homens? Mas que ousadia! — exclamou Miriam, sem perceber que fora ouvida pelos demais.

— Mas, irmã Miriam, você também, assim como outras irmãs presentes, está entre homens aqui, ouvindo-me falar, não está?

— Sim, mas aqui é diferente, pois estamos entre irmãos, em uma cidade gentia com outros costumes, e não na Judeia — tentou ela se justificar, sem muita convicção, ao ser apanhada em sua contradição.

— Minha filha, não importa onde você está, mas sim onde o seu coração está, ou melhor, com quem seu coração está. Quando estamos diante de Jesus, não há homem ou mulher, jovem ou velho, judeu ou gentio nem mesmo servo ou livre. Há apenas crianças, ávidas por ouvir as histórias e aprender ao pé de seu Mestre. Lembre-se de suas palavras: “Deixai os pequeninos e não os estorveis de vir a mim, porque dos tais é o Reino dos céus”.[1]

Maria, que ouvira muitas histórias a respeito de Jesus, de seus feitos miraculosos e de sua mensagem, agora o ouvia pessoalmente, em sua própria casa, sem nenhum constrangimento ou restrição. Como se preocupar com coisas menores como faxina ou tarefas domésticas se diante de seus olhos estava a oportunidade única de ouvir o maior profeta de todo Israel? Como se preocupar com qualquer outra coisa que não fosse absorver cada palavra proferida por Jesus, as quais ardiam em seu coração, fazendo-a entender que realmente Ele era o Emanuel — Deus conosco — profetizado pelo profeta Isaías há tantos séculos passados? O que poderia ser mais importante do que isso? As palavras de Jesus eram tão magnéticas que nenhum dos homens presentes percebeu que uma mulher havia se assentado junto a eles para ouvi-lo.

Mas sua irmã não pensava assim. Marta estava tão envolvida, tão distraída se dedicando a realizar diversos serviços ao mesmo tempo, que não tinha a menor ideia sobre o que Jesus estava falando. Somente após algum tempo foi que ela percebeu que sua irmã não a estava ajudando, ao contrário, estava sentada ouvindo-o falar. E ela não gostou nenhum pouco disso.

E o que a irritou ainda mais foi o fato de que Jesus não se incomodava com a presença de Maria ali, sentada no meio dos homens, ouvindo-o. Onde já se viu tal coisa? Será que Ele não via ou não se importava que ela estivesse se matando para oferecer uma recepção com um mínimo de dignidade e conforto para Ele e seus companheiros enquanto sua irmã, em vez de ajudá-la, ficava tranquilamente ouvindo-o pregar sabe-se lá o quê?

— E o que ela fez? — perguntou Papias

— O que ela fez está registrado nos escritos de Lucas — respondo. — Devias procurar lê-los, Papias, seriam muito úteis para a sua formação. Mas se vocês querem mais alguns detalhes, Marta continuou com suas atividades, porém suspirando mais alto para que as pessoas pudessem perceber seu cansaço, e procurando fazer algum barulho para ser notada ao preparar um cozido de lentilhas com carne. Geralmente, a carne somente era acrescentada ao cozido em ocasiões especiais, mas não creio que pudesse haver na vida do bom povo de Betânia ocasião mais especial do que receber Jesus em suas casas e em suas vidas.

Mas a estratégia de Marta não funcionou. Todos os olhos estavam fitos nEle, todos os ouvidos somente ouviam a sua voz. Como reparar na pobre Marta,

perdida em meio aos seus afazeres? Ao perceber que suas tentativas de chamar a atenção de Jesus não lograram êxito, Marta não se conteve. Corajosamente, diria até impulsivamente, ela se aproximou de Jesus, interrompeu-o em sua palavra e cobrou dEle uma atitude em relação ao reconhecimento de seu esforço e uma reprimenda para sua irmã que a deixara sozinha com os afazeres. Ela disse: “Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe, pois, que me ajude”.[2]

Sua reação inesperada chamou a atenção de todos os presentes, causando espanto a muitos, olhares de repreensão de outros pela ousadia e vergonha para Maria que, sentindo-se culpada, abaixou os olhos e, sem ousar encarar a Jesus, sua irmã e os demais presentes, fez menção de se levantar para ajudar Marta. Jesus, porém, o único que não demonstrou surpresa pela explosão emocional de Marta, com um gesto sinalizou para que ela continuasse sentada onde estava. Ela não entendeu o porquê, mas obedeceu e ficou onde estava, ainda de cabeça baixa. Então Jesus, dirigindo-se à Marta com uma voz incomparavelmente mansa e conciliadora, falou: “Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada”.[3]

— Irmão João, confesso que não entendo — disse Silvano. — Por que Jesus, sendo o Cristo, não valorizou o trabalho daquela irmã que estava honrando-o, trabalhando, se sacrificando por Ele? Em vez disso, ficou do lado da outra, que não fez nada, somente ficou lá sentada, ouvindo-o.

— Irmão Silvano, você foi feliz quando afirmou que Jesus é o Cristo, mas se engana quanto ao que isso significa. Ele mesmo disse certa vez aos fariseus, citando as Escrituras: “Aprendei o que significa: misericórdia quero, e não sacrifícios”.[4]

Devemos tomar muito cuidado para que nosso zelo pela obra de Deus não extinga o espírito que a iniciou. Se isso acontecer, nos tornaremos iguais aos fariseus, que amavam mais a letra da lei do que a reta justiça. Há muito trabalho a ser feito por todos os que amam e anseiam pela vinda de Cristo, é verdade, mas a obra não é mais importante que o objetivo que a iniciou. Devemos tomar muito cuidado para que o trabalho que fazemos para Deus, que a princípio é uma coisa boa, não substitua nossos momentos de comunhão com Ele. É preciso que estejamos atentos a fim de que a obra do Senhor não se torne mais importante do que o Senhor da obra. Quando isso ocorre, a realização de um culto deixa de ser

algo prazeroso e passa a ser uma obrigação, e as palavras do salmista, “alegrei-me quando me disseram, vamos à casa do Senhor”,[5] e o próprio ato de cultuar perdem seu significado. A obra de Deus deve ser feita como um ato de amor, e não pode existir amor a Deus e à sua obra onde não há amor ao próximo. Não se constrói a Igreja de Cristo passando por cima das pessoas, pois, afinal, a Igreja são as pessoas.

Marta tinha o desejo sincero de agradar a Jesus com aquilo que sabia fazer de melhor: organizar a casa e receber seus convidados com toda a honra e conforto que seus limitados recursos permitiam. Mas esforços pessoais não podem comprar a atenção de Deus. Não há como nos tornarmos dignos dEle por nossos próprios méritos. Somente pela graça.

Ele é o verbo de Deus que se fez carne e habitou entre nós. E vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e verdade. O que poderíamos oferecer para aquEle que criou os céu e a terra? Riquezas? Poder? Sacrifícios? Tudo pertence a Ele. Não foi por outro motivo que o grande rei Davi afirmou ao recolherem ofertas para a futura construção do Templo: “Porque quem sou eu, e quem é o meu povo, que tivéssemos poder para tão voluntariamente dar semelhantes coisas? Porque tudo vem de ti, e da tua mão to damos”.[6]

Jesus disse certa vez: “O Filho do Homem não vem para ser servido, mas para servir”.[7] E disse mais: “Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelha-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha”.[8]

— Jesus era um mestre à procura de discípulos. Não é por acaso que todos o chamavam de Rabi. As multidões o procuravam para ouvir seus ensinos e ver seus milagres.

— Não, amado Silvano, Jesus não estava à procura de súditos que o servissem e o tratassem com toda a pompa que um grande rei merece. Estava, isto sim, à procura de ouvidos atentos à sua voz e à sua mensagem. Foi isso que Maria lhe ofereceu, e é isso que Ele espera de cada um de nós ainda hoje. Marta, porém, como está escrito, estava distraída com muitas coisas para ouvir a voz do Mestre.

Isso não significa que Jesus tenha desprezado a Marta, de modo algum! Vejam, meus amados, as suas palavras, sua doçura ao falar com ela. Jesus quis deixar bem claro que compreendia o que ela estava sentindo e que não ficara espantado

ou ofendido com sua reação intempestiva: “Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada”.[9]

Jesus percebeu o fardo que ela havia colocado sobre seus próprios ombros, gerando ansiedade, aflição e cansaço. Se ela ao menos tivesse ouvido Jesus falar certa vez “aprendei de mim que sou manso e humilde de coração”, não teria gastado tanto tempo e esforço tentando agradá-lo e aos discípulos que com Ele estavam naquele dia. Para Jesus, a única coisa realmente necessária era proclamar o Reino de Deus. Não, Ele não estava interessado em recepções ou mesmo em comida! Ele mesmo disse certa vez... como era mesmo? “A minha comida é fazer a vontade de meu Pai que está nos céus.”[10]

Ele tinha consciência de que o trabalho executado por Marta era importante e deveria ser feito, não só naquela época como hoje em dia também, recebendo e acolhendo aqueles que abriram mão dos bens terrenos para servirem ao Senhor de cidade em cidade pregando a sua palavra. Aqui mesmo, entre nós, temos um exemplo dessa caridade na pessoa de nosso amado Gaio, que tem procedido fielmente em tudo o que faz para com os irmãos e para com os estranhos. — Gaio abaixa a cabeça humildemente, enquanto sua face fica enrubescida com meu elogio público. — Sim, o trabalho de Marta era realmente importante, porém não era o mais urgente naquele momento. As Sagradas Escrituras registram isso: “Tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu”.[11]

Naquele momento, para Maria, era uma rara oportunidade poder ouvir Jesus ensinar e essa foi a sua escolha. Ela escolheu a boa parte. Que mestre recriminaria um discípulo por querer aprender mais?

— Irmão João — volta a falar Silvano — o senhor respondeu bem, mas a hora está avançada e ainda não falou de Lázaro. Até o momento, tudo o que ouvimos foi uma história que Lucas já havia escrito.

— Você está correto em seu comentário, irmão Silvano — retruquei. — Mas julguei ser importante falar a todos vocês como Jesus conheceu a família de Lázaro antes de falar sobre os fatos maravilhosos que presenciei. Além do mais, há nessa história um ensinamento muito importante para todos nós: Jesus nos entende. Ele entende nossos anseios, inseguranças e motivações. Mas entender não significa concordar. A presença de Jesus em nosso lar deve ser o motivo para

uma mudança de perspectivas, de atitude e de vida. Meus filhinhos, não deixemos que as atribulações do dia a dia e nem que os desejos deste mundo nos façam esquecer de que nossa vida deve sempre estar aos pés do Senhor.

— Amado apóstolo, se me permite, gostaria de sugerir que encerrássemos esta abençoada reunião, pois, como disse Silvano, já é tarde e nossos irmãos, e o senhor também, precisam ir para suas casas para descansar — falou Gaio.

— Irmão Gaio, nós, os velhos, dormimos pouco, porém sou forçado a concordar com você, pois ainda há muito para contar, mas creio que seria uma maldade da minha parte obrigar aos amados irmãos a continuar ouvindo este enfadonho ancião por mais tempo. Se não for inconveniente, podemos continuar na próxima semana?

Todos concordam com um uníssono amém, e após a bênção se despedem em direção às suas casas. Observo cada um deles e, pelos seus semblantes, percebo que começo a reverter a situação. Uma exceção que não me surpreende é Silvano. Pela sua expressão e pelo seu olhar contrariado, percebo que ele não aceitará passivamente a perda da influência sobre a igreja do Senhor. É hora de ir para casa, pois preciso me preparar. A batalha está apenas começando.

---

[1] Mt 19.14

[2] Lc 10.40

[3] Lc 10.41

[4] Mt 9.13

[5] Sl 122.1

[6] 2 Cr 29.14

[7] Mt 20.28

[8] Mt 7.24

[9] Lc 10.41

[10] Jo 4.34

[11] Jo 4.34

Capítulo

7

CAMINHANDO À NOITE

Anoite estava tranquila e agradável, com o céu lindamente estrelado, iluminando nosso caminho pelas ruas de pedra de Éfeso. Por isso, retornamos caminhando sem pressa, Papias e eu, para nossa casa. Passamos pelo Ágora, o movimentado centro comercial de Éfeso, deserto a esta hora da noite. Está tão quieto que nem parecia o mesmo lugar que costumamos ver apinhado de gente durante o dia.

Continuando nossa caminhada, mais adiante, nos deparamos com a Porta Magnesiana e à sua frente, uma ampla estrada de mármore com cerca de vinte metros de largura, ladeada de belas colunas. Eu sabia o que encontraria no final dela: o famoso Templo da deusa Diana. Atravessamos a planície andando por ela até chegarmos diante dele, iluminado pelas tochas. Não há como não sentir o impacto desta visão. Um edifício grandioso, com mais de cem colunas de mármore. Com cerca de vinte metros de altura. Sua fachada, decorada com estátuas em alto relevo, parecia se mover ao ritmo do brilho das tochas. É realmente um prédio magnífico. Mas em seu interior, não havia vida, mas sim uma estátua. A estátua de Diana, a deusa caçadora. Nunca tive qualquer interesse de subir as escadarias de mármore e pisar meus pés na nave do templo para contemplá-la. Dizem que é imensa, que teria descido do céu e que contém detalhes em ouro, ébano e prata. Mas quando penso nela, na Diana dos efésios, lembro-me das palavras do salmista:

Não a nós Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua benignidade e da tua verdade. Por que dirão as nações: Onde está o teu Deus? Mas o nosso Deus está nos céus e faz tudo o que lhe apraz. Os ídolos deles são

prata e ouro, obra das mãos dos homens. Têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não veem; têm ouvidos, mas não ouvem; nariz têm, mas não cheiram. Têm mãos, mas não apalpam; têm pés, mas não andam; nem som algum sai da sua garganta. Tornem-se semelhantes a eles os que neles confiam.[1]

A beleza desse templo, embora tenha trazido ao longo de muitos séculos multidões de peregrinos e, com eles, fama, comércio e prosperidade para Éfeso, acabara por se tornar em uma maldição, pois o medo de que a cidade entrasse em decadência caso seu povo abandonasse o culto a Diana e se voltasse para Cristo levou a muitos de seus cidadãos desde os tempos de Paulo até hoje a rejeitarem o evangelho e a perseguirem a Igreja do Senhor. Na verdade, eles não rejeitaram a Cristo em favor de Diana, mas sim em favor de Mamom. Amaram as riquezas que a venda de imagens, nichos, oferendas, medalhas e toda a sorte de idolatrias que esse culto lhes proporciona. Artesãos, comerciantes, estalajadeiros, todos lucravam, e muito, com a exploração da fé do povo em uma estátua sem vida. Em nenhum momento levaram em consideração as palavras do Senhor Jesus: "Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?"[2]

Ficamos alguns instantes, Papias e eu, parados, contemplando-o, até que ele exclamou:

— Como é belo! Disseram-me que tem oitenta metros de largura e cento e trinta de comprimento! Sinto-me tão pequeno diante dele... Será que o senhor se sentiu assim também quando viu o Templo de Jerusalém?

Ao ouvir sua pergunta, meus pensamentos imediatamente voam para um lugar muito distante. Retornam para aqueles longínquos dias na Judeia:

— Éramos tão jovens! Como nos sentíamos à vontade com aquele bom povo de Betânia, pessoas simples como nós! Porém, quando entrávamos em Jerusalém, não havia como não ficarmos impressionados com suas imponentes muralhas, não nos extasiarmos e nos sentirmos pequenos com a construção do grande Templo recém-inaugurado. Que magníficas estruturas! Seus telhados quase que tocavam os céus de tão altos! Havia ainda uma escadaria monumental no muro meridional e também enormes portas duplas e triplas que eram o acesso principal para o povo entrar no Templo. Desde crianças ouvíamos de nossos pais histórias fantásticas sobre sua construção que nunca terminava, mas quando o vimos,

pudemos compreender por que levou mais de quarenta anos para ficar pronto. Ficávamos impressionados com as vestes sacerdotais e as dos levitas e toda a solenidade do culto a Deus. Não se comparava à pompa que vemos no culto de Diana, é claro, mas como o superava em solenidade! Sim, todos nós ficávamos espantados e orgulhosos pela obra imponente que era o Templo. Quer dizer, todos, menos Jesus.

Logo no início de seu ministério, próximo à época da Páscoa, subimos a Jerusalém e, enquanto nossa atenção estava concentrada na beleza e na imponência da construção, Jesus tinha sua atenção totalmente voltada para a sua finalidade e como ela estava sendo maculada pela ganância e pela cobiça. E então, tudo começou.

— Você devia ter visto, Papias! Meus olhos brilham e minha voz ganha vida ao relembrar daqueles fatos. Quando Jesus viu os que vendiam bois, ovelhas e pombos e os cambistas assentados, não teve dúvidas: fez um chicote de cordas e os expulsou para fora do Templo. Ele também enxotou os bois e ovelhas e, ao derrubar suas mesas, espalhou o dinheiro dos cambistas, criando um verdadeiro alvoroço entre a multidão que ia ao Templo oferecer sacrifícios, espantando os sacerdotes e fariseus presentes.

— Mas por que vendedores e até cambistas estavam no Templo? E por que Jesus os expulsou desta forma?

— Ah, meu filho, era no Templo, durante a festa anual da Páscoa, que todo varão judeu, natural da Palestina ou não, deveria oferecer um holocausto em sacrifício para expiação dos pecados. A lei exigia que o animal a ser sacrificado fosse perfeito, sem doenças, aleijões ou manchas e que fosse também o primogênito, mas muitos, especialmente os que vinham de longe, não traziam seus animais e preferiam comprá-los dos vendedores, sem se preocupar muito com a procedência deles. E como várias pessoas vinham de muitos pontos da Ásia, e até mesmo de Roma, eram necessários cambistas para fazer a troca das inúmeras moedas, a fim de que pudessem fazer negócio e também pagar o imposto do Templo, que somente poderia ser pago em moeda local, pois as moedas de outros povos podiam conter marcas pagãs.

— Perdoe-me, apóstolo, mas o que há de errado nisso?

— Presbítero Papias, presbítero — corrijo-o mansamente. — Os principais do

povo autorizaram que os cambistas e vendedores instalassem suas barracas numa área do Templo chamada Átrio dos gentios. Só que o local ficou tão apinhado de comerciantes, que os próprios gentios tinham dificuldades para fazer a sua adoração a Deus. E não é só isso! Os vendedores do local cobravam um preço muito mais caro do que aquele cobrado pelos demais vendedores de Jerusalém. Tanta desonestidade e ganância no pátio do santo Templo profanava a santidade da Casa de Deus, e isso Jesus não podia tolerar.

Como eu disse, Ele expulsou os vendedores e cambistas, espalhou os animais, derrubou as cestas de moedas e bradou: “Tirai daqui estes e não façais da casa de meu Pai casa de vendas”.[3]

Até então, nós, os discípulos, não estávamos compreendendo aquela atitude intempestiva e inesperada de Jesus. Nunca o havíamos visto agindo assim de forma tão alterada! Alguns de nós chegamos a pensar que Ele perdera o juízo! Mas quando falou essas palavras, nos lembramos de que está escrito: “O zelo da tua casa me devorará”.[4]

— Não compreendo, presbítero, onde está escrito?

— Como onde, Papias? Nas Escrituras! O grande rei Davi escreveu essas palavras em um de seus salmos. Essas palavras proféticas se cumpriram em Jesus naquele dia. Como o Filho de Deus poderia tolerar que a Casa de seu Pai fosse maculada daquela forma? A Casa de Deus foi erguida para ser um lugar de adoração, não de comércio e lucro. Mas o povo estava com seu coração distante e não percebia isso. Nós mesmos, os discípulos, não conseguíamos enxergar a frieza espiritual em que vivíamos. A Páscoa tornara-se um ritual frio e sem significado. Uma rica fonte de renda para uns e um compromisso social a ser cumprido para muitos. Mas Jesus despertou-nos para seu real significado. Mas com isso despertou também o ódio dos principais do povo.

— E o que aconteceu depois?

— Bom, após esse tumulto, toda a Jerusalém comentava o feito de Jesus e nós ficamos muito visados, não apenas sendo procurados pelo povo, mas também pelos fariseus e doutores da lei, que testavam a Jesus com palavras cheias de sutilezas e veneno. Isso sem contar os seus servos, que sempre nos espionavam. Por tudo isso, todas as vezes que subíamos a Jerusalém não pernoitávamos lá, mas sim em Betânia. Era muito mais seguro.

— Compreendo.

— Mas ainda há algo que você precisa compreender, meu filho. Esse dia vivido em Jerusalém traz muitos ensinamentos para cada um de nós hoje. Jesus disse, certa vez, que os verdadeiros adoradores não adorariam em Jerusalém ou nos montes, mas em espírito e em verdade. Cristo quer que, ao nos reunirmos em nossos cultos, nós, a Igreja, estejamos irmanados em um espírito de adoração sincera e nunca praticando um ritualismo, uma obrigação. E será ainda pior se alguns de nós olharmos para a congregação como um negócio a ser explorado e não como uma família a ser convivida. Papias, um dia, você será um bispo; por isso, não se esqueça do alerta do profeta Ezequiel:

Assim diz o Senhor Jeová: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas? Comeis a gordura, e vos vestis de lã, e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas. A fraca não fortalecestes, e a doente não curastes, e a quebrada não ligastes, e a desgarrada não tornastes a trazer, e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza.[5]

— Não temas, presbítero João, pois não me esquecerei dessas palavras que acabei de ouvir, nem da sua prática que meus olhos contemplaram nessa reunião da qual acabamos de sair.

— Como assim, Papias, a que prática você se refere?

— Ora, do seu esforço, como um verdadeiro pastor, indo atrás daqueles que se perderam, trabalhando para fortalecer aqueles que estavam fracos na fé e lutando para trazer os desgarrados de volta para nossa comunidade.

— Muito bem, Papias, você compreendeu bem a função de um verdadeiro pastor. É um trabalho sofrido, mas de grandes recompensas espirituais para aqueles que nele militam.

Surpreendi-me com suas palavras. Esta noite foi muito proveitosa para o amadurecimento espiritual desse jovem.

Chegamos finalmente em casa. A hora já estava bem avançada e Papias logo adormeceu em sua cama. Quanto a mim, porém, havia algo mais a fazer. Ponho-me de joelhos e começo a orar. Clamo para que o Espírito Santo traga à minha memória tudo o que for necessário para reconquistar o povo perdido para Cerinto e combater a doutrina desse anticristo.

Subitamente, ouço alguém bater à minha porta. Estranho o fato, visto já ser uma hora bastante avançada.

— Quem é? — pergunto com curiosidade, mas também com receio.

— Sou eu, apóstolo, Aristarco. Rápido, por favor.

— Um momento, irmão Aristarco, já vou abrir.

Com alguma dificuldade, levanto a tranca de madeira que prende a porta e a abro. Diante de mim está Aristarco, o latoeiro. Ao ver-me, retira o capuz de sua capa que lhe cobria a cabeça, olhando nervosamente para os dois lados. Há medo em seus olhos.

— O que aconteceu, meu irmão? Em que posso ajudá-lo?

— Na verdade já me ajudaste, apóstolo. Tuas palavras hoje abriram meus olhos sobre o abismo para o qual eu estava caminhando. Eu era um dos que estava participando das reuniões de Silvano. Nós nos chamávamos a nós mesmos de gnósticos. Há uma conspiração em andamento e vim alertá-lo que você corre grande perigo!

— Gnósticos? Nunca ouvira antes esse nome. Mas entre! Vamos entrar e conte-me tudo o que está acontecendo.

— Sim, vamos, oh não! — ele para de repente com o olhar petrificado de medo em direção ao final da rua. Lá eu vejo o vulto de um homem alto e forte entre as sombras.

— O que foi irmão?

— Eles me seguiram! Não tenho mais tempo. Por favor, ouça-me depressa. Não confie em ninguém. Há um gnóstico infiltrado entre pessoas muito próximas a você.

— Mas quem é ele? Qual o seu nome?

— Ele está vindo para cá! Entre em sua casa e tranque a porta, João! Tenho que ir! Obrigado por resgatar minha alma hoje!

Dizendo isso, Aristarco praticamente me empurra para dentro de casa e fecha a porta. Em seguida, ouço-o correndo para longe. Com o coração disparado e as mãos trêmulas, tranco a porta e sento-me ao chão contra ela. Logo depois, ouço passos pesados de alguém se aproximando e parando diante de minha porta. Tenho medo. Ouço novamente os passos pesados, desta vez se afastando.

Não tenho coragem de levantar-me. Fico onde estou e começo a orar. Oro intensamente para que Aristarco esteja a salvo.

---

[1] Sl 115.1-8

[2] Mt 16.26a

[3] Jo 2.16

[4] Jo 2.17

[5] Ez 34.2-4

Capítulo

8

SURPRESA NAS TERMAS ROMANAS

No dia seguinte, ainda estava pensando sobre tudo o que ocorrera naquela reunião e mais ainda no que ocorrera na porta de minha casa. O que está acontecendo? Que tipo de adversário é este Cerinto?

Cerinto. Que tipo de homem seria esse que conscientemente se esforça, com toda a sorte de mentiras e enganos, para afastar os homens da luz? Eu não o conheço, mas apenas saber de sua existência faz acender em mim as perigosas chamas da ira. Não, não posso ceder a esses sentimentos. Tenho de concentrar minha atenção não nele, mas naqueles a quem desejo libertar de suas mãos. Por amor a eles, farei tudo o que for possível para desmascarar suas heresias.

Algumas horas após o almoço, eu estava em casa repousando enquanto Papias fazia, sem muito interesse, anotações e comentários sobre o que tinha ouvido não apenas de mim, mas de outros irmãos na fé acerca de nosso Senhor desde que ficou sob meus cuidados.

Subitamente, ouvimos palmas à nossa porta. Não esperava ninguém para hoje. Será que Demétrio ou Gaio tem alguma novidade sobre a repercussão de minhas palavras na reunião de ontem? Ou seria Aristarco vindo concluir seu alerta de ontem?

Antes mesmo que eu solicitasse, Papias, em um salto, foi ver quem estava à porta, e ao ver quem era, exclamou com grande alegria:

— É Policarpo!

— Policarpo? — respondi surpreso. — Oh, meu Deus, que alegria! Abra a porta

Papias, rápido! Que boa notícia para um pobre velho como eu poder rever um de seus filhos!

A porta se abre e um jovem alto e bem apessoado adentra na casa, abaixando o capuz de sua capa e fazendo uma reverência com a cabeça.

— Paz seja nesta casa — saúda-me o jovem.

— Paz seja com você também, meu filho!

Como de costume, Policarpo se aproxima e se curva para beijar-me a mão como nos tempos em que fora discipulado por mim. Porém, desta vez, não o permiti. Sem entender, o jovem olha para mim, enquanto o coloco de pé e ponho minhas mãos sobre seus ombros. Por fim, ao olhar-me nos olhos, finalmente compreende: não somos mais mestre e discípulo, mas sim dois servos a serviço do Senhor Jesus. Por isso, saudamo-nos mutuamente com o ósculo santo. Colocamos as mãos nos ombros um do outro, nos abraçamos em seguida, beijamo-nos fraternalmente, primeiro a face direita e depois a esquerda. Só depois começamos a conversar.

— Quanto tempo faz desde que o recomendei para a igreja de Esmirna? Um ano?

— Cerca de um ano e meio, creio eu — respondeu-me. — Perdoe-me pelo atraso, mestre. Gostaria de vê-lo junto com Demétrio e os demais, porém alguns assuntos em Esmirna impediram-me de chegar antes.

— Não há o que perdoar, meu filho. Como está Esmirna?

— Sim, como está a segunda maior cidade da Ásia? — provocou Papias zombeteiramente.

Policarpo dá uma gostosa gargalhada ao ouvir o comentário do rapaz.

— Esmirna, a segunda? E qual seria a primeira cidade? Pérgamo? Meu caro Papias, Esmirna continua bela como sempre. Há diversas fontes cujas águas são alimentadas por aquedutos e seu belo teatro pode ser visto de diversos pontos, já que foi construído numa das áreas mais elevadas da cidade.

— Hunf — desdenhou Papias. — Duvido que nele caibam 24 mil pessoas como

em nosso anfiteatro.

— É verdade — reconheceu Policarpo. — Mas tente imaginar as belas ruas de Esmirna contornando os montes, com sua biblioteca, ginásios, termas e um estádio. É uma bela cidade, não há duvida. Sem contar que Homero nasceu lá.

— Sim, mas Éfeso...

— Ora, meus filhos, deixemos esses assuntos mundanos de lado.

— interrompi-os docemente. — Afinal, nem Éfeso, nem Esmirna, nem mesmo Jerusalém são nossos verdadeiros lares. Lembremo-nos das palavras de nosso Senhor: “Na casa de meu Pai há muitas mora-das”. Bem sei que não há maldade nessa disputa entre as cidades, mas se deixarmos que essa pequenina semente de divisão brote em vossos corações, qual será o próximo passo? A igreja em Esmirna considerarse mais santa do que a de Éfeso? Ou esta se achar mais instruída na Palavra do que a sua irmã em Esmirna?

Embora surpresos com minha interrupção, imediatamente se aquietam e passam a ouvir-me de forma reverente. É como se o tempo voltasse ao passado e mais uma vez Policarpo tivesse a idade que hoje tem Papias. Continuo ainda a falar-lhes.

— São duas belas cidades, é verdade, mas, meus filhinhos, não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo. E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.

— Perdão, mestre — respondeu-me Policarpo, de cabeça baixa, fitando o chão à sua frente. — Deixei-me levar pela alegria do reencontro e não fui vigilante como convém.

Observo o jovem Policarpo à minha frente. Lembro-me de quando veio a mim ainda um menino para ser discipulado, assim como faço com Papias agora. É reconfortante vê-lo um homem feito. Vejo em seus olhos não apenas o brilho da presença da luz de Cristo que há em todo cristão verdadeiro, mas também percebo maturidade e segurança. Vejo claramente que minha decisão de enviá-lo para Esmirna para concluir seu aprendizado e colocá-lo a serviço da igreja

daquela cidade foi acertada. Quando saiu de Éfeso, era pouco mais do que um mancebo sedento de conhecimento, e hoje é um homem a serviço do Reino de Deus.

— Não há motivo para se desculpar, meu filho. Nem você nem Papias. São apenas recomendações de um pobre velho que muito já viveu na causa do Mestre. Mudemos de assunto. Você também veio por causa do alvoroço que este Cerinto está provocando nas Igrejas do Senhor?

— Sim. Suas ideias perniciosas estão se alastrando rapidamente por toda a Ásia. Por essa razão, vim estar a par do que será feito e qual será a sua orientação para a igreja de Éfeso, a fim de que eu possa transmiti-la também à Esmirna.

— Policarpo, você deve estar cansado e faminto depois dessa viagem. Quer comer alguma coisa? — perguntou Papias.

— Agora que estou reparando, como você cresceu, rapaz! Quando fui para Esmirna, você era pouco mais do que uma criança. Espero que esteja aproveitando bem a sua estadia com o mestre João para aprender tudo acerca de nosso Senhor Jesus Cristo. Esteja certo de que não achará melhor mestre do que esse. — Balancei negativamente a cabeça sorrindo. — Mas, respondendo à sua pergunta, não, obrigado, Papias. Não tenho fome, pois ao entrar na cidade, comi em uma estalagem. Entretanto, sinto-me um trapo velho, coberto pela poeira da estrada. O que eu preciso mesmo é de um bom banho.

— E por que não vamos então ao banho público? — sugeriu Papias.

— Excelente ideia, meu rapaz! Vamos, mestre João?

— Não, obrigado. Vão vocês, meus filhos.

— Ora, vamos presbítero! Será bom para você sair um pouco desta casa, fazer uma caminhada e se refrescar — argumentou Papias, animado com o passeio.

— Sim, mestre. Durante a caminhada conversaremos como nos velhos tempos. Que tal?

— Está bem, então. — Rendi-me a tantos argumentos. — Vamos ao banho público.

Saímos de casa e caminhamos sem pressa, pelas ruas entramadas de Éfeso. Quando cheguei aqui anos atrás, os locais me informaram que elas eram chamadas assim porque todas se cruzam entre si, tal qual a trama de um tecido, o que facilitava sobremaneira a circulação das pessoas e o acesso aos principais prédios públicos da cidade.

Em nossa caminhada, não posso deixar de notar que Policarpo, agindo como um visitante estrangeiro, olha para todos os lados procurando observar e reter na memória cada detalhe da cidade que deixara para servir ao Senhor em Esmirna. E, realmente, há muita coisa para se ver aqui, como a Biblioteca Celsus pela qual acabamos de passar em frente. Um majestoso edifício romano de dois andares com três portas à frente, cada uma delas ladeada por colunas jônicas, mas no segundo andar, curiosamente, as colunas são decoradas ao estilo coríntio.

— Policarpo, meu filho, você já esteve em um desses banhos públicos? — perguntei.

— Sim, mestre. Tanto aqui quanto em Esmirna — respondeume o rapaz.

— E como é tal lugar?

— Bem, os romanos chamam os banhos públicos de termas. São construções luxuosas com diversas salas dispostas em círculo onde o visitante pode relaxar o corpo, a alma e se esquecer dos problemas da vida. Primeiro, o visitante adentra em imensos vestiários com divisórias. Em suas paredes há nichos onde são guardados as roupas e os calçados. Lá ele calça sandálias de madeira para não escorregar nos pisos de mármore decorados com mosaicos.

— E depois? — perguntou Papias.

— Em seguida há o Tepidarium — esclareceu Policarpo. — Uma sala quente e úmida onde o corpo relaxa, se aquece e começa a transpirar.

— As pessoas pagam para transpirar? Fazíamos isso de graça em nossas andanças pela Galileia.

— Mas é diferente, mestre — respondeu-me Policarpo. — Como não há esforço nem cansaço, o calor produz relaxamento no corpo, preparando-o para a próxima sala.

— E o que há nela? — quis saber Papias.

— Há o Caldarium. É uma sala menor e menos iluminada do que Tepidarium. Mas nesse recinto há uma grande banheira coletiva. O fundo dela é decorado com mosaicos de peixes, divindades ou monstros marinhos, e a água nela é muito quente. As pessoas ficam lá, o tempo que quiserem, mergulhados na água até a cintura ou até os ombros. Caso o calor começasse a incomodar, podiam se refrescar com uma grande cuba com água fria.

— Então o visitante vai até lá para se esquentar? — perguntei.

— Não, ainda há o Frigidarium, a sala fria — explicou Policarpo. — É a mais alta e espaçosa sala com piscinas de água fria. É recomendável que ao sair do Caldarium se retorne ao Tepidarium para baixar a temperatura do corpo antes de se mergulhar na piscina do Frigidarium.

Embora os dois estejam animados, não me sinto da mesma forma com a visita ao lugar. Acompanho-os a fim de não decepcioná-los. Na minha idade avançada, ficar horas do pouco tempo que me resta, sem fazer nada em um lugar como Policarpo descrevera, me parece uma perda de tempo.

Ao sairmos do mercado, nos deparamos com um grande monumento: o Portal de César Augusto. Subitamente, paro minha caminhada e fico a contemplá-lo.

Papias e Policarpo, ainda envolvidos em uma animada conversa sobre as Termas, demoram um pouco para perceber que eu havia parado e, finalmente, se dão conta de que não estou junto deles e olham para trás. Ao ver-me parado diante do portal, voltam-se com a dúvida estampada em seus rostos.

— O que foi, mestre? Há alguma coisa errada? — perguntou-me Policarpo.

— Não, meus filhos, não há nada errado. Apenas estou contemplando esta construção.

É um portal monumental, sem dúvida. É composto de três enormes passagens em forma de arco. Foi construído em honra a César Augusto e, por isso, nele há estátuas dele e de seus familiares olhando para baixo, como se observassem a todos os que o atravessam.

Ainda olhando para o monumento, pergunto a Papias:

— Papias, meu filho, você sabe quando esta imponente construção foi erguida?

— Não, senhor.

— E você, Policarpo?

— Tampouco eu, mestre. Porventura o senhor sabe?

— Sim, eu sei. Está registrado aqui, você pode ver? — aponto com o cajado para uma inscrição em uma de suas paredes. — Este portal tem pouco mais de noventa anos.

— Está querendo nos dizer algo, não está? — indagou Policarpo. Não há como não sorrir de alegria, e por que não dizer, de orgulho ao ver o quanto este jovem cresceu e amadureceu nesses poucos anos. Sim, ele percebeu minha intenção, embora ainda não saiba o que quero lhes mostrar. Em vez de responder-lhe, continuo com o jogo.

— Papias, o que lês nesta inscrição?

O jovem discípulo levanta a cabeça e aperta os olhos para ler o antigo texto:

— “Augusto, filho da divindade”.

— E o que mais? — pergunto.

— Aqui diz que ele, além de imperador, era sumo sacerdote.

— Isso mesmo, meu filho.

— Vamos, mestre, conte-nos o que o senhor tem em mente! — exclamou Policarpo.

— Está bem, bem filho. Eu disse que esse portal foi construído há mais de noventa anos. O que essa informação quer dizer?

— Que foi construída antes de o senhor nascer? — arriscou Papias.

— Que foi construída na mesma época que nosso Senhor Jesus Cristo nasceu — esclareci.

— Não estou compreendendo, presbítero — confessou Papias. — Qual a importância disso?

— Espere, acredito que estou começando a compreender! — exclamou Policarpo com os olhos arregalados. — Na mesma época em que nosso Senhor Jesus Cristo nascia, o imperador Augusto era honrado com esse portal sendo chamado de “filho da divinda-de” e de “sumo sacerdote”.

— Exatamente, meu filho. Enquanto aqui, na rica e orgulhosa cidade de Éfeso, um monumento era erigido em honra ao imperador, um homem que era tratado como um deus e como intercessor entre os deuses e os homens, na pequenina e inexpressiva Belém, uma estrela marcava o nascimento do Rei dos reis, o verdadeiro Filho do Deus Altíssimo e único Sumo Sacerdote entre Deus e os homens.

— É verdade! — exclamou Papias. — Não havia prestado atenção a todos esses paralelos.

— Sim, mas as semelhanças terminam aí — disse eu. — Enquanto Augusto está morto e seus restos devidamente sepultados, Jesus está vivo, sentado a destra do Pai, cheio de graça e verdade. Vede o povo a passar por este monumento. Não há um que levante a sua cabeça para contemplá-lo ou para ler a inscrição nele gravada. As estátuas de Augusto e sua família não têm qualquer poder sobre a vida daqueles que atravessam o portal. Não passam de sombras de um passado há muito esquecido. Enquanto isso, Jesus...

— Ele é a verdadeira porta — afirmou Policarpo. — Aquele que atravessá-la, passará da morte para a vida.

— Isso mesmo, meu filho — concordei. — A cada dia, mais e mais almas atravessam a porta. E, por isso, tenho a certeza de que nunca o nome do verdadeiro unigênito Filho de Deus será esquecido. Pois seu nome e seus títulos não estão gravados em pedra fria, mas em nossos corações, para sempre.

Volto mais uma vez meus olhos para o Portal de Augusto.

— Este monumento, apesar de sua beleza e força, não passa de uma usurpação, uma imitação mal feita da glória que deve ser dada ao único que é digno de recebê-la: Jesus Cristo, nosso Senhor. Durante nossa caminhada, aproveitamos para conversar sobre como fora a viagem de Policarpo de Esmirna a Éfeso e

também o colocamos a par do que ocorrera na noite anterior. Tais assuntos lembraram a Papias sobre uma dúvida que tivera a respeito das peregrinações de Jesus e dos discípulos, mas que, por timidez, não chegara a fazer.

— Presbítero João, pelo que entendi, Jesus e sua comitiva eram bem recebidos em todas as aldeias onde pediam pousada durante sua peregrinação pela Judeia, certo? — perguntou-me Papias.

— Na verdade, não, meu filho. Jesus não foi bem recebido em todos os lugares. — Dou um profundo suspiro, como se o ar pudesse trazer minhas lembranças com mais força à minha memória. — Houve uma aldeia samaritana que não o quis receber. Lucas registrou isso.

Como de costume, Jesus enviou mensageiros para saber se poderiam preparar pousada para eles ali, mas a resposta foi negativa. Seus discípulos, como era de se esperar, após o cansaço da caminhada até aquela aldeia, ficaram indignados com a falta de hospitalidade deles e, logo de quem, dos samaritanos!

Os samaritanos, como já ensinei, são uma raça misturada, um povo mestiço, fruto da ocupação assíria que utilizava a miscigenação de povos e culturas como uma estratégia de ocupação e de colonização das nações por eles conquistados. O resultado dessa prática nas terras de Samaria foi o surgimento desse povo, que além de não ser descendência legítima de Abraão, desenvolveu para si uma versão particular da lei. Eram tão separados que nem adoravam ao Senhor no Templo de Jerusalém, mas sim nos montes de Samaria. Para um judeu que se orgulha de sua ascendência abraâmica e da lei recebida por Moisés diretamente de Deus, a simples presença dos samaritanos causava mal-estar e indignação.

Esse é o motivo da reação extremada de dois dos discípulos de Jesus. Tiago e João perguntaram a Jesus se queria que eles mandassem cair fogo do céu sobre a aldeia samaritana e os consumisse como Elias fizera, a fim de que fossem castigados por não recebê-lo.

A resposta de Jesus foi de uma contundência proporcional ao tamanho do despropósito sugerido por eles: “Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, para salvá-las”.[1]

Não havia como não ficar constrangido diante da resposta de Jesus. Esses discípulos estavam extasiados com as demonstrações de poder que Ele praticara recentemente: cinco pães e dois peixes milagrosamente multiplicados

alimentaram cinco mil pessoas; Jesus transfigurado, cheio de glória e esplendor ladeado por Moisés e Elias; demônios expulsos pelo poder de sua palavra; e a confissão de Pedro, de que Ele, Jesus, era o Cristo. Presenciar todos esses fatos foi demais para eles. O espanto deu lugar à euforia e esta se transformou em ambição e soberba. A sede de poder subiu às suas jovens cabeças levando-os a perder a visão do Reino de Deus, fato este que pode ser constatado em três ocasiões seguidas.

Primeiro, uma disputa tola para saber qual discípulo seria o maior entre eles. Em seguida, a tentativa de proibir outras pessoas que não faziam parte do grupo de discípulos de expulsarem os demônios em nome de Jesus e, por fim, essa demonstração de ambição e dureza de coração contra a pobre aldeia samaritana.

Sim, ambição, porque não sugeriram que Jesus a destruísse, mas que lhes delegasse autoridade para clamarem aos céus para que descesse fogo e a consumisse. Seu real interesse não era demonstrar zelo por Jesus. Muito pelo contrário, queriam mostrar que eram homens de Deus cheios de poder e que, por isso, deveriam ser temidos, mesmo que isso custasse a vida de inúmeras pessoas.

Mas Jesus conhecia a intenção de seus corações, tanto que os havia apelidado de Boanerges (que significa filhos do trovão, uma forma bem-humorada de lembrá-los de controlar seu temperamen-to), e tratou de abrir-lhes imediatamente os olhos sobre quem Ele era e qual a sua missão: Jesus veio salvar almas, e não destruir. Todo o poder lhe foi dado nos céus e na terra, mas somente seria utilizado para fazer o bem, para a glória de Deus.

Tomemos, pois, muito cuidado com nossas atitudes que, muitas vezes, dizemos que são para a glória de Deus. Serão mesmo? Ou seriam para ganharmos respeito e prestígio na igreja em que congregamos? Se passamos por cima de tudo e de todos para alcançarmos nossos objetivos, então o espírito do evangelho não está presente em nós. Se buscamos o aplauso e o reconhecimento daqueles que nos cercam, onde pois o nome de Cristo será glorificado? Se esmagarmos ao nosso próximo que não pensa igual a nós ou não possui simpatia para conosco como uma forma de demonstrar poder e autoridade, não estaremos coxeando entre dois espíritos, como disse nosso Mestre e Senhor Jesus Cristo?

Jesus os ensinou a agir de forma bem diferente quando definiu a missão dos discípulos: “E, se ninguém vos receber, nem escutar as vossas palavras, saindo daquela casa ou cidade, sacudi o pó dos vossos pés. Em verdade vos digo que,

no Dia do Juízo, haverá menor rigor para o país de Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade”.[2]

Jesus não veio julgar ninguém; ao contrário, veio salvar o que se havia perdido. Ele deixou isso bem claro quando leu o livro do profeta Isaías na sinagoga de Nazaré: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos e a abertura de prisão aos presos; a apregoar o ano aceitável do Senhor”.[3]

Propositadamente, Jesus não citou o restante do texto, que se referia ao “dia da vingança do nosso Deus”. Jesus foi ungido pelo Espírito Santo de Deus para anunciar as Boas-Novas do ano aceitável em que Deus estava inaugurando um período de perdão a todos aqueles que se arrependessem de seus pecados.

Os discípulos compreenderam a repreensão de Jesus e seguiram para outra aldeia. Ele não veio condenar o mundo, mas sim salvá-lo. Essa era missão da qual os discípulos eram participantes. Eles estavam ali para servir, e não para serem servidos. Exatamente como seu Mestre.

O ano aceitável não terminou com a subida de Jesus aos céus. Cabe a cada um de nós, servos de nosso Senhor Jesus Cristo, continuarmos a sua missão de pregar as Boas-Novas aos mansos, restaurar os contritos de coração, proclamar liberdade aos cativos e a abertura de prisão aos presos e apregoar o ano aceitável do Senhor até que Ele volte e nos leve para seu Reino e se inicie, aí sim, o Dia do Juízo.

— Mestre João, tenho uma dúvida.

— Pode perguntar, amado Policarpo, fico feliz em saber que ainda posso ser útil para esclarecer algo a respeito de Jesus.

— Este fato que o senhor acabou de narrar está descrito nos escritos que Lucas nos deixou, porém, em Mateus também está escrito que quando Jesus mandou os discípulos dois a dois pregarem sua mensagem, proibiu-os de irem às aldeias dos samaritanos. Como é que agora Ele mesmo os envia justamente aos samaritanos e estes o rejeitam?

— Essa é uma boa pergunta, Policarpo, e gostaria de ter uma boa resposta — digo em meio a um sorriso. — Mas o fato é que Jesus nunca nos explicou por

que fez isso e nós não lhe perguntamos, contudo tenho minhas suposições.

— E quais seriam elas?

— Bem, Jesus nos orientou a não entrarmos nas aldeias dos samaritanos, pois naquele momento sua mensagem estava voltada exclusivamente para o povo judeu. Somente após a rejeição dos judeus foi que o evangelho foi pregado a toda criatura, como Ele mesmo ordenou que fizéssemos. Então, por que Ele nos enviou para lá, sabendo que seríamos rejeitados? Creio eu que exatamente por isso, para que conhecêssemos a nós mesmos, como não estávamos preparados para a rejeição, como estávamos cegos pelo orgulho de sermos seguidores do Messias e pela vaidade de sermos judeus, o povo escolhido por Deus.

— O senhor então nunca mais voltou àquela aldeia?

— Sim, meu filho, tempos depois, voltamos lá, Pedro e eu, e oramos para que fogo dos céus descesse sobre eles, o que de fato aconteceu.

— Não entendo. — Mas o Senhor Jesus não os havia recriminado justamente por isso?

— Não foi esse fogo que fomos levar para lá — respondi, divertindome com as dúvidas do rapaz. — Após a ressurreição do Senhor e a descida do Espírito Santo sobre nós, Filipe pregou o evangelho em Samaria, e muitos creram e foram batizados ali. Os apóstolos, então, ao ouvirem o que Deus fazia em Samaria, enviaram a mim e a Pedro, e nós orávamos e impúnhamos as mãos sobre eles para que recebessem o Espírito Santo.

— Chegamos! — exclamou Papias.

Eu estava tão distraído com nossa conversa que nem reparara que já havíamos chegado à Casa de Banhos. Construída em estilo romano, ela era o ponto de encontro dos homens de Éfeso para lazer, negócios e também para contatos políticos. Policarpo abriu um largo sorriso já imaginando os maravilhosos efeitos de uma piscina refrescante sobre seu corpo cansado de viajante.

Entramos no recinto, Papias mais à frente, Policarpo e eu, andando mais devagar. Já tirávamos nossas sandálias, quando vejo Papias retornando com um ar preocupado.

— O que foi Papias? O que aconteceu?

— Presbítero João, andava eu pelas piscinas admirando o local quando vi Silvano em uma delas conversando reservadamente com outro homem de aproximadamente sessenta anos, barbado e de olhar misterioso. Tomado pela curiosidade, perguntei a um dos servos do local se sabia quem seria aquele homem.

— E ele sabia quem era? — perguntei.

— Sim.

— E quem era então o tal homem? — perguntou Policarpo, curioso.

— Era Cerinto. Ele está em Éfeso.

— Cerinto? Aqui? — perguntei não querendo acreditar.

— Sim, e pelo visto, estava dando orientações a Silvano.

Ao ouvir o nome de Cerinto, voltaram à minha memória o que Gaio e Demétrio falaram a respeito das doutrinas pregadas por esse homem. Lembrei-me também do olhar distante de alguns irmãos que anos antes foram batizados por mim mesmo e, agora, desprezavam meus ensinos. Meu coração batia acelerado, pensando em quantas almas estavam em perigo mortal de apostatarem da fé em Cristo para seguir um aventureiro que ninguém sabia de onde vinha. Comecei a me sentir mal, enojado de estar no mesmo lugar que este anticristo.

— Vamos embora — disse, calçando minhas sandálias apressadamente. — Não fico neste lugar nem mais um momento sequer!

— Mas presbítero... — tentou argumentar Papias.

— Vamos! — ordenei bruscamente enquanto corria para a porta sem nem olhar para trás para ver se Papias e Policarpo me acompanhavam. — Fujamos para que o banho não caia sobre nós, já que Cerinto, aquele inimigo da verdade, está lá dentro.[4]

Voltamos os três para casa, em silêncio. Eles sabiam que em momentos como esse seria mais prudente deixar-me com meus pensamentos. Mesmo assim, pude

ouvir Papias resmungando baixinho:

— Maldito Cerinto! Estragou nosso passeio.

---

[1] Lc 9.55,56

[2] Mt 10.14,15

[3] Lc 4.18,19

[4] A saída brusca do banho público e a frase de João estão registradas no capítulo XXVIII do livro História Eclesiástica, de Eusébio de Cesareia.

Capítulo

9

DOIS LÁZAROS

Asemana passou lentamente para todos nós. Pedi a Papias que procurasse por Aristarco, mas desde a última reunião ninguém mais o vira. Tenho andado bastante preocupado com ele e apreensivo com o que me disse. Um gnóstico em meu círculo íntimo de amizades. Tenho percebido a curiosidade e a ansiedade estampada no rosto de Gaio e Demétrio quando vinham visitar-me, querendo saber sobre o que falarei na próxima reunião, porém receavam tocar no assunto. Será uma simples curiosidade natural ou há algo por trás desse interesse? Na dúvida, não toco no assunto. Também mantive silêncio a respeito do que pretendia dizer à Igreja, pois havia um bom motivo para isso. Ainda não tinha uma ideia clara do que contaria. Na verdade, sabia o que queria passar-lhes, mas não estava claro para mim por onde começar.

Tenho estado calado e pensativo mais tempo do que de costume. É necessário organizar melhor as lembranças já que não há nada escrito sobre esses fatos.

Finalmente chega o grande dia. Passo boa parte dele em oração, clamando ao Pai por sabedoria e iluminação. Papias e os demais tentaram me convencer a não ser muito rigoroso em meus jejuns por causa da minha idade. A princípio, relutei, porém Demétrio lembrou-me de que as Escrituras narram o jejum de comidas aprazíveis aos olhos, feito por Daniel em sua velhice, e concordei em comer algo.

Com meu espírito, alma e corpo preparados, segui para a reunião.

Mesmo lugar e hora, pude perceber que havia mais irmãos presentes. Pelo visto, a reunião anterior despertou o interesse da comunidade e aqueles que não

estiveram presentes antes, vieram hoje.

Ao chegar ao cenáculo, saúdo a Pátroclo e seus familiares e dirijome a Diótrefes, que já se encontrava no local.

— Amado Diótrefes, paz seja com você. Fez o que lhe pedi?

— Paz seja com o senhor, apóstolo. Sim, conversei com diversos membros de nossa comunidade para sondar como receberam sua palavra e, a meu ver, a receptividade foi muito boa, porém...

— Há algum problema? — indaguei em um misto de curiosidade e apreensão.

— Silvano não se conformou com esta situação e também visitou diversos irmãos para dissuadi-los a não levar em conta o que o senhor disse na última reunião.

— E qual o argumento dele para convencê-los?

— Bem, ele afirmou que o avanço de sua idade e os vários anos que separam os fatos ocorridos da época em que estamos vivendo podem estar lhe turvando a compreensão e distorcendo o relato tanto dos fatos quanto das palavras proferidas por Cristo.

— É um argumento convincente, sou forçado a concordar. Especialmente para quem não me conhece a fundo. Mas procurarei com zelo demonstrar que o que vi e ouvi em minha mocidade é inesquecível.

— Perdão, presbítero João — disse Papias ao se aproximar, — mas Demétrio pediu-me para avisá-lo de que todos já chegaram.

— Silvano também? — perguntei.

— Sim. E ele está sentado na primeira fila, bem à sua frente.

— Pelo visto, o amado irmão Silvano está pronto e ansioso para o embate — comentei com um sorriso amargo. — Não vamos fazê-lo esperar, então.

Dirigimo-nos aos nossos lugares. Com efeito, bem à minha frente, está Silvano, encarando-me de braços cruzados como se fosse um gladiador na arena a estudar

seu oponente antes de desferir o primeiro golpe. Sinto-me desconfortável com isso, porém, procuro não demonstrar meu incômodo. Observo o semblante dos presentes e, desta vez, vejo em todos um olhar atento e interessado.

Antes de a reunião se iniciar, percebo a presença de dois irmãos conversando junto a uma coluna, situada pouco atrás de meu assento. Não percebem que, de onde eu estou, acabo por ouvir sua conversa.

— Já está quase na hora. Vamos para nossos lugares.

— Espero que não seja tão enfadonha quanto a última!

— Como assim?

— Ora, João já está muito velho! Ele se perde em seus pensamentos, não consegue contar uma simples história com começo, meio e fim. E aquele jeito antiquado de falar! Compreendo que ele, além da idade, é um estrangeiro e não tem a obrigação de dominar nosso idioma, mas que é muito mais agradável ouvir uma pessoa culta e articulada como Silvano não há dúvida, não acha?

— Meu irmão, mais importante do que como é dito é o que é dito. Mas vamos tomar nossos assentos.

Embora possa perceber que não há mais um espírito de contrariedade ou indiferença neles, sei que ainda não os reconquistei completamente para Cristo. Sou um velho pastor de ovelhas em busca de novidades, e elas não reconhecem mais a minha voz. Meu desafio é grande e não me sinto à sua altura. Mas não fui eu que o busquei; foi o Senhor que me chamou, portanto, eis aqui teu servo, Senhor! Usa-me em sua obra!

Como dantes, o culto se inicia. Os cânticos, as orações e a sua santa presença. Sim, eu posso sentir. Jesus está aqui. Meu coração se aquieta e fico em paz.

Contudo, quando me é concedida a palavra, antes mesmo que possa começar a falar, sou bruscamente interrompido por Silvano:

— Perdoa-me por interrompê-lo, João, mas após a sua última palavra, fiquei com algumas dúvidas que gostaria que fossem esclarecidas antes de continuarmos.

Pego de surpresa, não tive outra alternativa a não ser concordar com sua petição. Aonde ele queria chegar?

— Na última reunião, você nos contou a história de como Jesus conheceu a Marta e Maria, irmãs de Lázaro, e você mesmo nos disse que tal história estava narrada nos escritos de Lucas, não é verdade?

— Sim, é verdade — respondi.

— Pois bem. Após a reunião, procurei meditar em suas palavras. Lembrei-me, então, de que essa história já nos fora lida anos atrás diretamente de uma cópia dos escritos de Lucas, e nem eu e nenhum dos mais antigos desta comunidade se lembra de ela mencionar que Marta ou Maria fossem irmãs desse tal Lázaro. Pergunto: Por que Lucas não mencionou esse fato? Será que ele se esqueceu ou será que você, pelo avanço da idade, não estaria misturando nomes e fatos?

Finalmente pude entender qual era sua intenção. Tal qual uma cobra peçonhenta, ele sorrateiramente se preparou para lançar seu bote mortal sobre mim. Silvano está tentando desacreditar-me ante minha própria Igreja! Subestimei sua capacidade. Os presentes também foram surpreendidos com seu comentário. Vejo rostos com o espanto estampado ao mesmo tempo em que ouço seus cochichos. Sua estratégia está funcionando.

— Você está me chamando de senil ou de mentiroso, Silvano? — Desta vez, não consegui chamá-lo de irmão. — Quem é mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? É o anticristo, esse mesmo que nega o Pai e o Filho! — respondi, sem conseguir esconder minha indignação.

— Perdão, mestre João, não tive intenção de ofendê-lo. Apenas me causou estranheza o fato de Lucas não citar em seus escritos que Lázaro fosse irmão de Marta e Maria. Aliás, Lucas nunca citou a existência de algum Lázaro — respondeu-me fria e calmamente, encarando-me todo o tempo.

— Não é verdade — retrucou Gaio. — Lucas narrou uma parábola de Jesus sobre o homem rico e um mendigo chamado Lázaro. Seria este Lázaro o irmão de Marta e Maria, apóstolo João?

— Não, amado Gaio, não creio que fossem a mesma pessoa. O Lázaro da parábola era um mendigo, sem lar, que vivia à porta de um homem rico vestido de linho finíssimo, enquanto o irmão de Maria e Marta possuía trabalho, família

e casa em Betânia. Não, definitivamente, eles não eram a mesma pessoa. Todavia, ocorreu-me agora, uma possibilidade interessante — respondo pensativo, tentando organizar meus pensamentos.

— O que você tem em mente, apóstolo?

— Esta é a única parábola na qual Jesus citou o nome de alguém. Nas outras, não havia nomes, mas a viúva, o rei, os servos, o semeador. Nessa, há um nome: Lázaro. Isso pode ter um significado.

— Que essa parábola não é só uma história com ensinamento espiritual, mas sim um acontecimento real? — arriscou Gaio.

— Ou que Jesus resolveu homenagear um grande amigo com essa parábola. Alguém que, por suas qualidades morais e espirituais, teria a honra de ter seu nome citado por Jesus.

— Citado como um mendigo. Quanta honra! — desdenhou Silvano.

— Sim, como um mendigo, um dos pobres e desprezados deste mundo, mas que, em sua morte, foi levado por anjos de Deus para o seio de Abraão. Você acharia melhor que tivesse seu nome ligado ao do rico insensível que foi condenado a sofrer no Inferno? — respondi-lhe com firmeza.

— O senhor então crê que Jesus deu o nome de Lázaro ao personagem da parábola como uma homenagem ao seu amigo de Betânia?

— Não posso afirmar com certeza, Gaio. Mas é uma possibilidade tão plausível quanto crer que essa parábola não é apenas uma história, mas um fato real narrado por Jesus. Como o nome Lázaro significa “Deus é meu socorro”, também pode ser uma ilustração usada por Jesus para reforçar em sua parábola que o mendigo não tinha mais ninguém com quem pudesse contar, a não ser com Deus em sua infinita misericórdia. Contudo, acredito que só saberemos a verdade quando nos encontrarmos na glória com Jesus. E com Lázaro.

— Irmão João — volta a falar Silvano com a sagacidade que lhe é peculiar —, sem querer parecer insistente, o senhor ainda não nos explicou por que Lucas não fala de Lázaro como irmão de Marta e Maria.

— É verdade, irmão Silvano. Infelizmente, nunca conversei com Lucas sobre

isso. Por essa razão, só posso lhe oferecer apenas suposições.

— Pois vamos ouvi-las, estamos todos aqui para isso.

Em sua resposta havia um sarcasmo, um tom desafiador que me desagradava profundamente. E pensar que enfrentamos tantas perseguições, tanto de judeus no passado quanto dos romanos, desde os dias de Nero até hoje, para agora termos de suportar afrontas dentro da própria Igreja! Dediquei-me a eles orando, pregando, visitando os enfermos. Quantos eu mesmo havia batizado com minhas próprias mãos! Tudo isso me deixa mal, como que apunhalado pelas costas. Mas agora não é hora para discussões. Respiro fundo e procuro falar com ele de maneira bem pacífica.

— Lucas não estava lá quando os fatos que narrou aconteceram, por isso, como ele mesmo escreveu, teve de contar com a colaboração de testemunhas que lhe contaram os acontecimentos e as palavras ditas por Jesus. Seu esforço não foi em vão. Seus textos são fiéis aos fatos, posso testemunhar isso. E ele, em seu diligente trabalho, relatou muitas coisas que não foram contadas nem por Mateus nem por Marcos. Devemos ter em mente que seu objetivo era dar um detalhado relato dos fatos e dos ensinos de Jesus para os gentios, isto é, para aqueles que não são judeus. Mas ele não contou tudo. E nem poderia! Há ainda muitas outras coisas que Jesus fez e, se cada uma delas fosse escrita, cuido que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem. Portanto, creio que Lucas não escreveu sobre Lázaro porque não foi devidamente informado sobre seu parentesco com Marta e Maria ou porque não julgou relevante para a história que pretendia contar para o mundo gentio de língua grega. Satisfeito, irmão Silvano? — pergunto, desafiando-o.

— Sim, irmão João, estou satisfeito — responde-me a contragosto.

— Então vamos à história de Lázaro.

Capítulo

10

UM CEGO DE GRANDE VISÃO

Pude perceber que voltei a ter o domínio da situação. Porém, não poderia me descuidar, pois a qualquer momento Silvano tentaria uma nova cilada com suas perguntas capciosas. Respiro profundamente e começo a contar-lhes os fatos que meus cansados olhos presenciaram quando eram jovens e cheios de vida.

— Tudo começou quando estávamos em Jerusalém durante a Festa da Dedicação. Era inverno e Jesus passeava no Templo, no alpendre de Salomão, conhecem? Não, claro que não conhecem, que tolice da minha parte. A maioria de vocês nunca saiu daqui de Éfeso, e já faz mais de vinte anos que o Templo não existe. O Alpendre de Salomão era um pórtico coberto, que era sustentado por grandes colunas de pedra, situado no pátio do Templo.

— O que é a Festa da Dedicação? — pergunta-me Papias.

— Ah! Meu filho, é uma bela festa que em hebraico chama-se Hanukkah. Também é conhecida como Festa das Luzes, na qual o povo judeu comemora a purificação do Templo efetuada por Judas Macabeu, fi lho do sacerdote Matatias, depois que Antíoco Epifânio o contaminara sacrificando porcos no altar durante a ocupação síria. Essa ação reacendeu o orgulho do povo após tantos anos de dominação estrangeira, a qual, infelizmente, não foi a última.

— E o que aconteceu lá? — perguntou Gaio.

— Como eu disse, Jesus passeava no Templo, no Alpendre de Salomão. Os judeus o rodearam e disseram-lhe: “Até quando terás a nossa alma suspensa? Se tu és o Cristo, dize-no-lo abertamente”.[1]

— E o que Jesus respondeu? — perguntou Silvano.

— Respondeu-lhes Jesus: “Já vo-lo tenho dito, e não o credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai, essas testificam de mim. Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas, como vo-lo tenho dito. As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebata das minhas mãos. Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las das mãos de meu Pai. Eu e o Pai somos um”.[2]

— Jesus realmente disse isso, que Ele e o Pai são um? — perguntou mais uma vez Silvano, com descrédito em sua voz.

— Disse — respondi com firmeza, encarando-o nos olhos.

— Decerto Ele não afirmou isso literalmente. Provavelmente quis dizer apenas que estava em comunhão com o Pai celeste em sua missão.

— Não tente enganar a si mesmo nem a nós que estamos aqui. Você sabe que foi exatamente isso o que Ele quis dizer, que Ele e o Pai são um, portanto, Ele é Deus. Aliás, foi exatamente isso que os judeus entenderam, tanto que pegaram pedras para apedrejá-lo!

— Mas por que queriam apedrejá-lo? — perguntou-me Pátroclo, o curtidor.

— Amado Pátroclo, você não é judeu, por isso não sabe que na lei está escrito que qualquer homem que blasfemasse deveria morrer. Para eles, qualquer homem, por maiores sinais e maravilhas que fizesse, que afirmasse ser o Deus Altíssimo ou que compartilhasse da sua divindade estaria blasfemando. Ainda me lembro deles recitando de cor o texto da lei:

E aquele que blasfemar o nome do Senhor certamente morrerá; toda a congregação certamente o apedrejará; assim o estrangeiro como o natural, blasfemando o nome do Senhor, será morto.[3] — E o que aconteceu, então? Eles apedrejaram a Jesus?

— Não, eles não fizeram tal coisa. Jesus respondeu-lhes: “Tenhovos mostrado muitas boas obras procedentes do Pai; por qual dessas obras me apedrejais?” Os judeus responderam dizendo-lhe: “Não te apedrejamos por alguma obra boa, mas pela blasfêmia, porque sendo tu homem, te fazes de Deus a ti mesmo”.[4]

— Amado João, o que me chama a atenção é que eles em nenhum momento negaram que Jesus fizesse sinais em nome de Deus. Para mim, seria um claro sinal de que Deus estava com Ele e apoiava suas palavras, mas, mesmo assim, queriam apedrejá-lo — afirmou Demétrio.

— É verdade, Demétrio. Mas lembre-se do que Jesus lhes respondeu: “As obras que eu faço em nome de meu Pai, essas testificam de mim. Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas, como vo-lo tenho dito”.[5] A resposta de Jesus para eles foi dura. Não faziam parte de seu rebanho, não estavam com seu coração voltado para Deus, logo não reconheciam a Jesus como o enviado de Deus. Recusaram-se a acreditar em Jesus e então fecharam seus corações para Ele. Por isso, o que qualquer pessoa sensata podia constatar era que somente alguém enviado por Deus faria sinais como esses, mas isso era negado pelos fariseus, como fizeram no caso do cego de nascença.

— Perdão, apóstolo João, que cego de nascença? — perguntou nosso anfitrião Pátroclo.

— Amado irmão Pátroclo, antes de tudo, perdoe-me não ter lhe agradecido publicamente a sua hospitalidade ao nos receber em sua casa. Mas nunca lhes contei a história do cego de nascença? — perguntei sem acreditar que durante todos esses anos não tivesse contado à igreja a bela história vivida por nosso Senhor Jesus.

A curiosidade estava estampada no rosto de todos os presentes, logo não havia como negar que eu, de forma involuntária, omitira alguns fatos importantes da vida de Jesus que todos deveriam saber. Lázaro terá que esperar um pouco, pois eu tinha que corrigir o quanto antes essa minha falha.

— Pois bem, pouco antes desses fatos que estou lhes contando ocorrerem, Jesus estava passando e viu um homem cego de nascença. Então, nós, os discípulos, perguntamos: “Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” Jesus respondeu: “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus”.[6] Tendo dito isso, cuspiu na terra, e, com a

saliva, fez lodo, e untou os olhos do cego. E disse-lhe: “Vai, lava-te no tanque de Siloé (que significa o Enviado). Foi, pois, e lavou-se e voltou vendo”.[7]

Ao ouvirem meu relato, a igreja glorificou o nome do Senhor com grande alegria.

— Meus amados irmãos, a história ainda não terminou, vocês verão o que Jesus disse aos judeus que não criam nos sinais que Ele fazia em nome de Deus — retruquei. — A cura do cego causou grande alvoroço entre seus vizinhos e naqueles que antes viram que ele era cego. Levaram-no, pois, aos fariseus. E era sábado quando Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos.

Ele então contou aos fariseus como passou a ver. E alguns deles diziam: “Este homem não é de Deus, pois não guarda o sábado”. Diziam outros: “Como pode um homem pecador fazer tais sinais”? E havia dissensão entre eles. Tornaram, pois, a dizer ao cego: “Tu que dizes daquele que te abriu os olhos?” Ele respondeu: “Que é o profeta”.[8]

— E nem assim, eles acreditaram em Jesus? — perguntou Demétrio.

— Nem em Jesus e nem no cego. Os judeus não creram que ele tivesse sido cego e que agora via enquanto não chamaram os seus pais, os quais confirmaram, apesar do temor que sentiam dos fariseus, que ele era seu filho e que nascera cego.

— E qual era o motivo desse medo? — quis saber Gaio.

— Os judeus tinham resolvido que se alguém confessasse ser Jesus o Cristo seria expulso da sinagoga. Por isso os pais do cego disseram: “Tem idade, perguntai-lho a ele mesmo, e ele falará por si mesmo”.[9] Chamaram, então, pela segunda vez o homem que era cego e disseram-lhe: “Dá glória a Deus, nós sabemos que este homem é pecador”.[10] Mas ele não se deixou intimidar por eles e respondeu com uma declaração cristalina do que realmente importava para alguém que desde o seu nascimento viveu na mais completa cegueira, dependendo da boa vontade do próximo para as atividades mais simples: “Se é pecador, não sei; uma coisa sei, e é que, havendo eu sido cego, agora vejo”.[11] Sem querer acreditar no que estava diante de seus olhos, eles então perguntaram mais uma vez como fora curado. Já irritado em ter que contar de novo a mesma história, respondeu-lhes: “Já vo-lo disse e não ouvistes, para que o quereis tornar a ouvir? Quereis vós, porventura, fazer-vos também seus discípulos?”[12]

Ao me lembrar desse fato, não me contive e soltei uma sonora gargalhada. Todos me olharam sem entender do que eu estava rindo.

— Ah, meus filhinhos, como eu gostaria de ter visto essa cena! Os principais dos sacerdotes e os fariseus sendo convidados a se tornar seguidores de Jesus por um pobre homem do povo que até bem pouco tempo andava se arrastando pelas ruelas de Jerusalém, sentando nas calçadas e sendo acusado de ser o culpado do seu infortúnio! Obviamente, a arrogância deles não apenas os impediu de aceitarem o convite como ainda o injuriaram e disseram: “Discípulo dele sejas tu; nós, porém, somos discípulo de Moisés. Nós bem sabemos que Deus falou a Moisés, mas este não sabemos de onde é”.[13]

Mas aquele que fora cego não se intimidou. Sua cegueira não desanimou seu espírito e a cura de seus olhos lhe dera a convicção de que fora abençoado por Deus. Por essa razão, não poderia se calar ao ouvir tamanhas infâmias contra Jesus. Ele então lhes respondeu cheio de coragem, ironia e real sabedoria acerca das coisas espirituais: “Nisto, pois, está a maravilha: que vós não saibais de onde ele é e me abrisse os olhos. Ora, nós sabemos que Deus não ouve a pecadores; mas se alguém é temente a Deus e faz a sua vontade, a esse ouve. Desde o princípio do mundo, nunca se ouviu que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença. Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer”.[14]

Mesmo diante de argumentos tão cristalinos, eles não reconheceram a Jesus como o enviado de Deus. Seus corações estavam endurecidos e acreditavam serem superiores em santidade e conhecimento das Escrituras em relação àquele pobre homem que fora cego. Encheram-se de indignação pela petulância dele em dar-lhes uma aula. Responderam eles: “Tu és nascido todo em pecados e nos ensina a nós?”15 E expulsaram-no. Não há argumentos que vençam aquele que teve um encontro com Cristo. Não há sabedoria humana, riqueza ou posição que se compare à presença de Deus na vida daquele que foi tocado por Jesus. Por esse motivo o expulsaram da sinagoga, pois não tinham como contra-argumentar com Ele. Sua cegueira espiritual não os deixou enxergar a mensagem que Jesus enviava para eles e para toda a nação.

— Mas que mensagem seria essa? Que Ele cura os cegos de nascença? — perguntou-me Gaio.

— Você também não entendeu, Gaio? Você se lembra do que eu disse: diferentemente, nós, os discípulos, sabíamos que aquela doença não era fruto de

pecado cometido por seus pais ou um castigo antecipado por algum pecado que ele cometeu ao longo de sua vida. Nem todo sofrimento que passamos é fruto de um castigo divino. Às vezes, é o resultado de vivermos em um mundo injusto, mergulhado no pecado, mas pode ser também um meio de Deus agir na vida de algumas pessoas. Jesus disse que aquela cegueira era “para a obra de Deus”.[16] Ele untou os olhos do cego com lodo e disse para lavá-los no tanque de Siloé, em hebraico Shliloach. Siloé significa “o enviado”. Tudo isso aconteceu para que Jesus fosse apresentado como o Cristo e seu ministério se revelasse. Todo aquele que estiver em trevas espirituais, cego por seus pecados, deve dirigir-se ao enviado de Deus, Jesus, a fim de que tenha seus olhos limpos pela água viva e seja liberto das trevas eternas. Era essa a mensagem. Mas eles não a compreenderam e, mais uma vez, o rejeitaram.

— E quanto ao que fora cego?

— Bem, Jesus ouviu que o tinham expulsado e, encontrando-o, disse-lhe: “Crês tu no Filho de Deus?” Ele respondeu e disse: “Quem é ele, Senhor, para que eu creia?” E Jesus lhe disse: “Tu já o tens visto e é aquele que fala contigo”. Ele disse: “Creio, Senhor. E o adorou”.[17]

Em seu primeiro encontro com Jesus, ele percebeu, pela manifestação de seu poder, que Jesus era o profeta que viria. Agora, entendeu muito mais, que Ele é o próprio Filho de Deus digno de honra, glória e adoração como seu Pai celestial. E foi exatamente o que ele fez: adorou a Jesus Cristo.

Meus filhinhos, quanto mais andarmos com Jesus, maior será o nosso conhecimento sobre Ele e sobre qual é a sua vontade para a nossa vida. Não permitam que a dor e o sofrimento esmoreçam a vossa fé. Quando a adversidade vier, e é inevitável que ela venha, não se perguntem: “O que eu fiz de errado”? ou “Por que isso aconteceu”? Em vez disso, perguntem: “Para quê isso aconteceu”? Busquem a Deus a fim de que lhes dê força para suportar esse momento difícil. Peçam-lhe que revele a vocês como essa situação pode ser útil para o desenvolvimento da obra que Ele tem a realizar, a fim de que o seu nome seja glorificado. Contudo, os principais do povo não estavam com seus corações abertos para reconhecer, como fizera o homem que Jesus curou, que Jesus é o Messias, e mais importante, que Ele é um com o Pai.

Esse fato mostrou que os verdadeiros cegos eram aqueles que, apesar de possuírem olhos saudáveis, não conseguiam aceitar a verdade diante de si. Seus

pecados, sua arrogância, seu amor à letra da lei, e não ao seu espírito, turvaram sua visão de tal forma que as palavras de Jesus, curas e milagres não puderam convencê-los daquilo que até mesmo um pobre cego podia ver: que Jesus é o Cristo, o unigênito Filho de Deus.

Por isso Jesus disse que não faziam parte de seu rebanho. Eles não reconheciam a Jesus como Filho de Deus, como também pretendiam prendê-lo. Mas sua hora ainda não havia chegado. Como Jerusalém se tornara um lugar perigoso demais para Jesus continuar exercendo seu ministério, retirou-se outra vez para além do Jordão para o lugar onde João o batizara, e ali ficou.

— Então Jesus e os discípulos saíram de Betânia? — perguntou-me Gaio.

— Sim — respondi.

— E qual o nome do lugar para onde foram? — perguntou-me de novo.

— Para Betânia.

— Desculpe-me, presbítero — disse Silvano —, mas Jesus saiu de Betânia e foi para Betânia? Isso não faz sentido! O senhor está certo disso?

Mais uma vez, Silvano tenta me envergonhar diante da congregação. Senhor, será que ele não desiste?

— Sim, amado Silvano, estou certo disso. Eu estava lá. Mas o prezado irmão não me deu tempo de explicar. São duas localidades diferentes. Uma é a vila onde Jesus estava, que ficava a quinze estádios de Jerusalém. A outra fica a leste do Jordão, na Pereia, onde João batizara, como já disse.

— Eu conheço esse lugar! — exclamou Miriam, a judia. — Mas seu nome não é Betábara? Então Jesus não foi para tão longe de Jerusalém.

— Sim, é verdade. A Betânia do outro lado do Jordão também é chamada de Betábara. Obrigado por ajudar este pobre velho, minha filha. — Agradeço carinhosamente, — mas respondendo ao seu comentário, embora não fosse tão longe de Jerusalém, ela ficava em outra região. Enquanto Jerusalém ficava na Judeia, governada por Pôncio Pilatos, o qual era sujeito às pressões dos sacerdotes do Templo, Betânia, digo, Betábara, ficava na Pereia, que era governada por Herodes Antipas. Lá, muitos iam vê-lo e diziam: “na verdade,

João, o Batista, não fez sinal algum, mas tudo quanto João disse a respeito de Jesus era verdade. E muitos ali creram nele". Satisfeito, irmão Silvano? — perguntei-lhe, mais uma vez, em um misto de desafio e ironia

— Ficarei satisfeito quando esse tal Lázaro aparecer nessa história, o que, pelo visto, ainda vai demorar muito, já que Jesus não está mais na cidade onde o dito cujo habita — respondeu-me contrariado.

— Paciência, paciência. Lázaro não demorará a surgir.

---

[1] Jo 10.24

[2] Jo 10.25

[3] Lv 24.16

[4] Jo 10.32

[5] Jo 10.25

[6] Jo 9.3

[7] Jo 9.7

[8] Jo 9.16,17

[9] Jo 9.21

[10] Jo 9.24

[11] Jo 9.25

[12] Jo 9.27

[13] Jo 9.29

[14] Jo 9.30-32 15 Jo 9.34

[16] Jo 9.3

[17] Jo 9.35-38

Capítulo 11

LÁZARO, FINALMENTE

Não há motivo para esperar mais. Todos estavam ansiosos por ouvir esta história. Na verdade, minha intenção era tê-la contado desde o início, porém a vida de Jesus é tão rica de ensinamentos e de fatos encadeados que não houve como fazê-lo antes.

Finalmente chega o momento. Sinto minha garganta seca e peço um copo de água, e prontamente sou atendido pela mulher de Pátroclo, o curtidor. Bebo-a calmamente, sem pressa, sentindo o precioso líquido matar minha sede e revigorar meu corpo cansado.

Respiro profundamente, como se o ar inalado pudesse me ajudar a voltar no tempo, para aqueles gloriosos dias, nos quais o Filho de Deus caminhou pela terra e eu estive ao seu lado como seu discípulo amado.

Com voz grave, começo a falar-lhes:

— Como acabei de contar para vocês, os judeus procuravam prender a Jesus outra vez, mas Ele escapou de suas mãos, e retirou-se outra vez para além do Jordão, para o lugar onde João tinha primeiramente batizado, e ali ficou e muitos creram nEle.

Estava, então, enfermo um certo Lázaro, de Betânia, aldeia de Maria e de sua irmã Marta. Mandaram-lhe, pois, suas irmãs dizer: “Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas”. Elas tinham conhecimento dos milagres e curas que Jesus fizera e, por isso, quando seu irmão Lázaro adoeceu, não hesitaram em apelar pela sua ajuda. A mensagem recebida era curta, porém eloquente. Alguém a quem Jesus amava e, portanto, com quem Ele muito se importava, estava doente e, sem dúvida, deveria ser algo muito sério a ponto de enviar um mensageiro tão longe à procura de Jesus.

Meus filhinhos, isso nos ensina algo muito importante: Jesus nos ama e se importa conosco. Sempre que nós ou alguém que amamos estiver em uma situação de aflição, sem demora devemos levar nosso clamor até o Senhor. Ele é poderoso o suficiente para resolver nossa situação, conforme sua infinita misericórdia e de acordo com sua profunda sabedoria.

— Jesus então voltou para Betânia? — perguntou-me Gaio.

— Sim, Gaio, mas não imediatamente. Ouvindo a mensagem das irmãs de Lázaro, Jesus disse: “Esta enfermidade não é para a morte, mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela”.[1] Ouvindo, pois, que Lázaro estava enfermo, ficou ainda dois dias no lugar onde estava.

— Perdão por interrompê-lo mais uma vez, presbítero João — Silvano começa mais um ataque —, mas o senhor acabou de nos dizer que Jesus nos ama e se importa conosco, por isso devemos clamar a Ele, mas no caso de Lázaro, que você afirma que era amado por Jesus, não me parece que Ele tenha demonstrado pressa ou interesse em socorrê-lo.

— Também não entendo, apóstolo. — Desta vez, foi Pátroclo quem se manifestou. — O senhor disse que a doença era grave; entretanto, Jesus demorou mais dois dias antes de seguir até Betânia?

— Sim, ficou.

— E Ele não poderia curá-lo a distância, como fizera com o servo do centurião romano em Cafarnaum?

— Sim, poderia amado Pátroclo.

— E por que não o fez?

— Ele mesmo disse o motivo: aquela enfermidade seria para a glória de Deus, a fim de Ele fosse glorificado.

— Eu não entendo.

— Sim, eu sei. Nem você nem todos os que estão aqui me ouvindo narrar esses acontecimentos. Como Jesus nos disse certa vez: “O que eu faço, não sabes tu, agora, mas tu o saberás depois”.[2]

— Ora, Jesus amava a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro. Sendo assim, por que depois de saber sobre a enfermidade de Lázaro ficou ainda dois dias no mesmo lugar? Embora a atitude de Jesus pareça de desinteresse e desamor, o que Ele pretendia realmente era usar esse triste acontecimento para transformá-lo em uma grande bênção, a fim de que tanto a fé da família de Lázaro quanto a nossa fosse alicerçada e a glória de Deus fosse manifestada de forma inequívoca. Meus filhinhos, Deus é Senhor do tempo e também de nossas vidas. Ele sabe o momento certo de intervir em nosso favor e também o tipo de intervenção que deve ser feita. Por isso é fundamental que em meio à tribulação busquemos a Deus com fervor e constância, mas respeitando sua soberana vontade em relação à maneira e ao tempo de resolver as questões que levamos a Ele. Quando a provação vier, saibam que, acima de tudo, Jesus ama vocês. No momento oportuno, segundo a sua infinita sabedoria, agirá por vocês. Nem um momento antes nem um momento depois. Ele agirá no momento certo, como sempre fez. Como está escrito: “Esperei com paciência no Senhor, e ele se inclinou para mim e ouviu o meu clamor”.[3]

— E o que aconteceu? — perguntou Papias

— Depois disso, Jesus disse aos seus discípulos: “Vamos outra vez para a Judeia”. Disseram-lhe os discípulos: “Rabi, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e tornas para lá?”[4] Nós, os discípulos, ficamos muito impressionados com a reação negativa à pregação de Jesus em Jerusalém. Mais de uma vez, os judeus tentaram apedrejá-lo e, sinceramente, não esperávamos reação tão violenta contra seus ensinos. Entretanto, na outra banda do Jordão, onde estávamos, fomos muito bem recebidos, as pessoas eram receptivas à mensagem e, por isso, batizamos muitas pessoas e outras tantas foram curadas e libertas. Por tudo isso, ficamos bastante apreensivos com a possibilidade de voltar à Judeia, pois temíamos pela vida dEle. E pela nossa também.

Jesus, porém, respondeu: “Não há doze horas no dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo. Mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz”.[5]

— Mas o que Ele quis dizer com isso? — quis saber Demétrio.

— Jesus disse certa vez: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida”.[6] Ele estava nos dizendo para confiarmos nEle e em suas decisões. Enquanto estivéssemos com Ele, nada de mal nos aconteceria.

Ao falar da diferença que há entre andar à luz do dia, onde há segurança, e andar à noite, quando não podemos ver onde estamos pisando, sujeitos a tropeços e perigos, Jesus nos alerta para a importância de pautarmos nossa vida na luz do evangelho, e nos convida a sermos seus fiéis seguidores, deixando que seus ensinamentos iluminem nossa estrada. O dia, portanto, simboliza o conhecimento da vontade de Deus para a nossa vida, o que somente é possível quando somos iluminados pelo sol da justiça — Cristo. E somente pode ser iluminado por Ele quem o segue. Portanto, queridos irmãos, sigamos e prossigamos em conhecer ao Senhor. Quem o segue, como Ele mesmo disse, não andará em trevas, não será confundido e saberá qual é a sua vontade para cada momento da vida. Se andarmos na luz, como Ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado.

— Ainda não tínhamos ouvido nada parecido, até Jesus declarar isso. Não me lembro de ter ouvido Jesus ter afirmado ser Ele a luz do mundo quando os escritos de Mateus, Marcos ou mesmo Lucas são lidos em nossas reuniões. Pelo visto, João, o "discípulo amado", como é chamado, é portador de conhecimentos secretos sobre as palavras de Jesus as quais não foram entregues à Igreja e nem mesmo aos demais apóstolos.

— Será que Jesus realmente o amava mais do que aos demais discípulos para revelar a você essas coisas? — Silvano não perdeu tempo em desferir outro ataque contra mim. Quanta maledicência ainda jorrará desse coração tenebroso? Antes me acusava de senilidade, agora, de soberba. Mais uma facada em minhas costas, sendo que as anteriores ainda fazem a minha alma sangrar em mágoa e tristeza. Será que os demais acreditarão nessas mentiras? Será que pensarão que sou uma pessoa consumida pela vaidade? Sempre que eu contava à igreja os fatos acerca de Jesus que presenciei ou mesmo participei, tinha o cuidado de omitir meu nome para que não houvesse nenhuma dúvida de quem deveria ser exaltado. Como disse João, o Batista, "importa que Ele cresça e eu diminua". Por isso, quando era necessário citar algum fato ou palavra dita por mim, me referia a mim mesmo como "o discípulo a quem Jesus amava". Não era para me exaltar, muito pelo contrário, era para me esconder. Não posso tolerar mais essas ofensas!

— Silvano, seus ardis começam a irar-me. Já disse antes que os escritos que recebemos de Mateus, Marcos e Lucas são fiéis e dignos de crédito, porém, não contam tudo o que Jesus disse e fez. Mesmo que quisessem não poderiam contar,

não que haja algum segredo ou mistério a ser revelado a uns poucos escolhidos, mas porque Jesus realizou tantas coisas que escreveram somente aquilo que era relevante. Talvez, se registrassem tudo o que Jesus realizara, nunca concluiriam os seus Evangelhos. Você tem todo o direito de não acreditar em minhas palavras, tal como os demais presentes. Existe alguém que duvide do meu relato acerca do que Jesus ensinou? Manifeste-se sem medo — desafiei, visivelmente irritado, encarando a cada um dos presentes, já cansado de tantas intervenções de Silvano.

Instaurou-se um silêncio. Ninguém, nem mesmo Silvano, se atreveu a duvidar de minha honra ou de minha sanidade.

— Irmão — Demétrio toma a palavra, tentando me acalmar. — Ninguém aqui duvida de você. Sabemos que dedicou sua vida a esta comunidade e à pregação das Boas-Novas. Muitos de nós, recém-nascidos, recebemos orações em seus braços, e aos seus pés, ainda pequeninos, ouvimos os ensinos de Jesus. Por favor, continue com a história de Lázaro. O que aconteceu quando Jesus falou essas palavras aos discípulos?

As palavras de Demétrio acalmam meu espírito e o velho Boanerges, o filho do trovão, dá lugar a João, o apóstolo.

— Muito bem. Prossigamos, então. Jesus assim falou e, depois, disse-lhes: “Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono”. Disseram, pois, os seus discípulos: “Senhor, se dorme, estará salvo”. Ao ouvirem essas palavras, entenderam que se Lázaro dormia, sua doença havia passado e, agora, repousava. Portanto, não havia motivos para se arriscarem retornando para Betânia e serem alcançados pelos fariseus. Mas eles não compreenderam o que Jesus queria dizer. Então, Jesus disse-lhes claramente: “Lázaro está morto, e folgo, por amor de vós, de que eu lá não estivesse, para que acrediteis. Mas vamos ter com ele”.

— Lázaro morreu? — exclamou o jovem Papias, surpreso.

— Sim, meu filho, infelizmente, sim. Lázaro estava morto, mas a sua história não acabou aí. Você percebeu, amado Papias, o que Jesus disse? “Folgo, por amor de vós, de que eu lá não estivesse, para que acrediteis.” Jesus retardou conscientemente a sua ida até Betânia por amor a seus discípulos, a fim de que por meio daquele acontecimento eles revelassem uma fé inabalável nEle.

— Então Jesus tinha um plano para eles? — perguntou Papias.

— Jesus sempre tem um plano para nós, meu filho. Muitas vezes, vivemos momentos de incerteza, de provação e dor. Entretanto Jesus tem sempre algo bom para nós, mesmo que a princípio não consigamos discernir o que é.

— E o que aconteceu então? — perguntou Gaio, com viva curiosidade.

— Bem, os discípulos não estavam tão confiantes assim. Após Jesus comunicar sua decisão, se afastou para preparar-se para a viagem, mas eles continuaram onde estavam, olhando uns para os outros, em um misto de apreensão e dúvida sobre o que fazer. Estavam todos assim, quando falou Tomé, chamado Dídimo, aos condiscípulos: “Vamos nós também, para morrermos com Ele”.

— Pelo visto, Tomé não acreditava que a decisão de Jesus fosse a mais acertada. Demonstrações de fé nunca foram realmente o seu forte — comentou Demétrio, com certo sarcasmo.

— Não seja tão duro com Tomé, irmão Demétrio — disse eu. — Naquele momento, nenhum de nós acreditava que seguir a Jesus até a Judeia fosse uma boa ideia. Embora tivéssemos tentado convencer a Jesus de desistir de sua decisão, sabíamos que seria inútil. Tampouco o acompanhamos prontamente; ficamos todos lá, parados feitos estátuas, sem saber o que fazer. Se não houve da parte de Tomé, e de nenhum de nós, uma demonstração viva de fé e confiança em Jesus, pelo menos Tomé demonstrou amor e uma grande fidelidade a Jesus ao nos convidar a segui-lo, mesmo que isso significasse a nossa morte. Não havia ânimo nas palavras de Tomé, muito pelo contrário, elas revelavam pessimismo e conformismo, contudo também demonstraram uma nobreza de alma que nos inspirou: Se somos verdadeiros seguidores de Jesus, devemos seguir os seus passos em qualquer circunstância, não importando o que acontecerá. Um verdadeiro discípulo de Jesus o seguirá para sempre, mesmo que isso lhe custe a própria vida. Mas esse é um preço pequeno a se pagar. É melhor morrer com Jesus do que viver sem Ele. Nós, os discípulos, compreendemos a importância da mensagem de Tomé. Ela nos marcou para sempre. Hoje, todos os apóstolos já descansam no Senhor, só eu fiquei. Todos sofreram o martírio por amor a Cristo e não negaram o seu nome.

Meus filhos, os dias são maus e ainda há muitos que estão vivendo o mesmo dilema que vivemos naquele dia: seguir a Cristo e correr o risco de perdermos

tudo, inclusive a própria vida, ou voltarmos para trás negando tudo o que vimos e vivemos com Ele? Se as tribulações que a vida nos impõe enfraquecerem a fé de vocês, pelo menos ajam como Tomé: não deixem que enfraqueçam a sua fidelidade a Jesus. Não importa o que aconteça, Ele permanece fiel.

— Tomé conseguiu convencer os demais discípulos? — perguntou Policarpo.

— Sim, a palavra de Tomé foi o estímulo que precisávamos para que saíssemos daquele estado de dúvida e tomássemos a decisão certa naquela situação: voltar para a Judeia com Jesus, independentemente do que acontecesse conosco.

— E o que aconteceu depois? — perguntou Papias.

— O que aconteceu depois? — repeti a pergunta. — Contemplamos com nossos próprios olhos a humanidade e a divindade do Messias e a manifestação da glória de Deus.

---

[1] Jo 11.4

[2] Jo 13.7

[3] Sl 40.1

[4] Jo 11.8

[5] Jo 11.9,10

[6] Jo 8.12

Capítulo

12

UMA GRAVE ACUSAÇÃO

Chegando, pois, Jesus, já fazia quatro dias que estava na sepultura. (Ora, Betânia distava de Jerusalém quase quinze está-dios.) E muitos dos judeus tinham ido consolar a Marta e a Maria, acerca de seu irmão.

— Quatro dias?! — exclamou Silvano. — O que Ele foi fazer lá, se passara tanto tempo?

— Levar consolo a uma família querida e enlutada — respondeu Gaio, já farto das interrupções de Silvano. — Pelo visto, você não compreendeu o que significa amizade ou fi delidade.

— O que eu entendendo é que as irmãs de Lázaro pediram ajuda a Jesus, mas por algum motivo Ele chegou tarde demais para fazer qualquer coisa pelo pobre homem!

Divirto-me vendo-os tentarem adivinhar o que aconteceria e o porquê da atitude de Jesus, porém não os recrimino. Nós, os discípulos, também não compreendemos a motivação nem as atitudes de Jesus até que tudo acontecesse. Ignoro seus comentários e continuo a contar-lhes o que vi naquele dia.

— Como acabei de dizer, do lugar onde estávamos até Betânia foram dois dias de viagem. Por essa razão, quando chegamos lá, encontramos muitos judeus que já haviam chegado de Jerusalém para consolar a Marta e Maria, visto que Lázaro era uma pessoa muito querida e conhecida, e sua aldeia ficava a apenas quinze estádios de distância de Jerusalém. E quanto ao fato de Lázaro estar sepultado havia quatro dias, devo explicar-lhes, já que a maioria de vocês não conhece a

Judeia, que o clima quente da região favorece a decomposição dos corpos; logo, as pessoas tinham de ser sepultadas rapidamente, exceto, é claro, nos sábados ou nos dias santos.

— Já que Jesus não teve pressa para se dirigir a Betânia, podemos supor que essa viagem levou menos tempo, não? — perguntou Silvano.

— Não se engane com minha idade avançada e minha aparência frágil, irmão Silvano. Sei aonde você quer chegar com tais insinuações. Não, Jesus não foi de maneira alguma indiferente ao sofrimento da família de Lázaro. O que o mensageiro disse era verdade. Jesus amava a Lázaro, a Marta e a Maria. Houve, porém, uma razão, uma importante razão, para que Jesus esperasse dois dias para seguir até Betânia. Contudo, quando decidiu que chegara a hora de seguirmos para Betânia, nossa partida foi imediata. Mal tivemos tempo de preparar os mantimentos para a viagem. Ainda me lembro do que levamos em nossos alforjes: pão, cereais torrados e frutas secas para aproximadamente dois dias. E diferente do que você possa imaginar, Silvano, as estradas da Palestina não são iguais às romanas. Se um dia tiver oportunidade de viajar até Roma, tu não encontrarás estradas retas e niveladas, construídas com quatro camadas de areia, pedras e bem pavimentadas. As estradas por onde Jesus e os discípulos andaram não passavam de trilhas onde as pedras haviam sido removidas, as lombadas diminuídas e os buracos eram preenchidos de terra. Normalmente, durante o verão, o calor era tão grande que evitávamos viajar ao meio-dia. Era mais confortável viajar pela manhã e à noite. Mas como ainda estávamos no inverno, o dia não estava tão quente, e pudemos caminhar durante o período da tarde em vez de nos arriscarmos no escuro da noite. Por isso, apesar da distância, que não era pequena, chegamos a Betânia em apenas dois dias.

— Mas, irmão Silvano, sou forçado a reconhecer que as atitude de Jesus não faziam sentido nem mesmo para nós, os discípulos. Primeiro, Ele recebe a notícia de que seu amigo Lázaro estava gravemente doente, mas não faz menção de sair do lugar para socorrê-lo. Depois nos afirma que Lázaro estava morto e, mesmo assim, decide seguir até lá com urgência!

— E o que aconteceu quando Jesus chegou a Betânia? — perguntou Gaio.

— Ele encontrou um coração em luto, cheio de dor, mas também cheio de fé.

— O coração de Maria? — arriscou Papias

— Não. O seu próprio coração.

— Como assim?

— No momento certo você compreenderá, meu filho. Como eu estava dizendo, quando chegamos a Betânia, Lázaro já tinha sido sepultado fazia quatro dias, e muitos judeus tinham ido consolar a Marta e a Maria. Ouvindo, pois, Marta que Jesus vinha, saiu-lhe ao encontro; Maria, porém, ficou assentada em casa. Disse, pois, Marta a Jesus: Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Mas também, agora, sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá. Disse-lhe Jesus: Teu irmão há de ressuscitar. Disse-lhe Marta: Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia.

— Essa era a história que você queria nos contar? — disparou Silvano. — Que Jesus fugiu de Jerusalém para não ser apedrejado porque não acreditaram que Ele era o Cristo? E mesmo sabendo que seu amigo Lázaro estava doente, esse mesmo Lázaro que você disse que era amado por Ele, Jesus levou dois dias para vencer seu medo e sair de onde estava para visitá-lo? E, ao chegar a Betânia, encontrou-o morto já fazia quatro dias? É esse Jesus que você deseja nos apresentar como o Cristo encarnado?

Suas palavras foram duras e incisivas. Preciso responder à altura, e rápido.

— Irmão Silvano, você não está compreendo o que aconteceu lá. Não foi nada disso, tanto que Marta disse...

— Todos nós ouvimos de sua própria boca o que Marta disse: “Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido” — interrompeu-me bruscamente, sem me dar chance de respondê-lo. — Marta culpou a Jesus por não ter respondido prontamente ao seu chamado desesperado para salvar o seu pobre irmão! E quanto a Maria, a doce Maria que se assentou aos pés de Jesus para ouvi-lo ensinar? Nem se deu ao trabalho de levantar-se para recebê-lo! Permaneceu onde estava de tão decepcionada que se encontrava com seu Mestre!

Silvano se colocara de pé, claramente me desafiando, enquanto discursava em alta voz. Pelo visto, ele acredita ter encontrado o momento ideal para me desacreditar, mas não está percebendo o estrago que sua estratégia está efetuando. Sua intenção original era levar a igreja a crer que o Cristo, embora parecesse ser um homem, não tinha um corpo físico. Portanto, não poderia estar

sujeito às fraquezas e emoções humanas. Mas em sua ânsia de me derrotar, não percebeu que ao tentar difamar Jesus, ele mina a fé da igreja neste Cristo sem corpo o qual ele defende, pois é impossível separar Jesus de Cristo. Jesus é o Cristo justamente por ser o unigênito Filho de Deus nascido da mulher, como predisse o profeta Isaías: “Portanto, o mesmo Senhor vos dará um sinal: eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel”.[1]

Emanuel: Deus conosco. Deus entre nós, vivendo entre os homens, nascido de uma virgem. O profeta não poderia ter sido mais claro, mas mesmo assim homens como Cerinto e Silvano se recusavam a ver aquilo que estava claro para qualquer criança.

A situação ficara realmente preocupante. As palavras de Silvano funcionaram como uma brasa que cai sobre um campo de folhas secas. Os cochichos logo aumentaram e se tornaram discussão aberta entre aqueles que criam na doutrina dos apóstolos e aqueles que eram seguidores de Cerinto. Enquanto isso, outros que estavam em dúvida a tudo observavam, atônitos e com um olhar assustado com o rumo que as coisas estavam tomando. Preciso agir, fazer alguma coisa, mas o quê?

---

[1] Is 7.14

Capítulo

13

FAZENDO CONTAS

Oque devo fazer? Encerrar a reunião desse jeito e esperar que os ânimos se acalmem? Não. Deixar que as palavras de Silvano tivessem tempo para se enraizar no coração dos presentes seria o mesmo que permitir que o fermento levedasse toda a massa. Após longos minutos, tomo minha decisão.

Subitamente, ponho-me de pé e, com todo o vigor, bato com meu cajado contra o piso do cenáculo três vezes, fazendo um barulho surdo, porém forte o suficiente para ser ouvido por todos que, automaticamente, voltam os olhos e se calam um tanto assustados com meu olhar e sem saber o que farei ou direi a eles.

Começo a falar-lhes com uma voz mais dura, como uma forma de tentar resgatar a autoridade perdida.

— Meus irmãos, as acusações feitas por Silvano são graves — não olho para ele ao citar o seu nome — e não podem ficar sem resposta, pois levantam dúvidas não apenas a respeito da divindade de Jesus, mas também do seu amor para conosco e até mesmo da sua dignidade.

— Mas eu não quis afirmar isso! — balbuciou Silvano, tentando defender-se.

— Mas foi exatamente isso que você insinuou com suas palavras capciosas, que afirmo não passarem de mentiras sórdidas! — Não posso fraquejar na escolha das palavras agora. Elas têm de ser duras para que a igreja tenha real consciência do que está acontecendo. — Você não percebe, mas ao servir ao interesse de Cerinto, serve na verdade ao Anticristo, que por toda a sorte de sutilezas e vãs filosofias tenta afastar os homens da verdade, e isso, eu, João, apóstolo de nosso

Senhor Jesus Cristo, não vou permitir!

Silêncio. Nenhuma palavra, nenhum comentário, nada. Todos estão quietos me observando, alguns espantados, outros impressionados e outros, como Gaio, Policarpo e Demétrio, estão até exultantes com a defesa veemente que fiz de meus ensinos e de minha autoridade apostólica, mas ninguém, absolutamente ninguém, está indiferente à minha presença. Continuo a falar-lhes.

— Há quantas décadas estou entre vocês ensinando a Boa-Nova? E o que eu ganhei com isso? Poder? Riquezas? Glórias? Desde que me tornei um seguidor de Cristo vi e ouvi coisas maravilhosas da parte de Deus, mas presenciei também muita dor e sofrimento. Eu estava lá quando nosso Senhor foi aprisionado no monte das Oliveiras. Presenciei a sua crucificação e o vi morrer diante de meus olhos, mas glórias a Deus, pois o vi ressuscitado subindo aos céus! Recebi o dom do Espírito Santo com os discípulos no Dia de Pentecostes e saímos a pregar a Palavra de Deus. Mas sepultei muitos irmãos e irmãs mortos por amor a Cristo. Primeiro aqueles que foram perseguidos pelos judeus e, depois, aqueles que foram perseguidos pelos romanos. Entretanto, as perseguições não impediram o Reino de Deus de crescer. Logo, estamos reunidos em nome daquEle diante do qual todo joelho se dobrará e toda língua confessará como Reis dos reis e Senhor dos senhores. Que interesse teríamos nós, os apóstolos, em contar a vocês uma história falsa acerca de Cristo? Tudo o que ganhamos nesta terra foram o chicote, os grilhões e o nosso sangue derramado. Nossa recompensa não é visível com olhos carnais, mas somente pela fé. Vocês são a nossa recompensa. Cada um de vocês, que passou da morte para vida, das trevas para luz. Julgai, pois, entre vós quem é o mais digno de crédito. Nós que sempre estivemos com vocês nos bons e nos maus momentos, na paz e na perseguição e nunca houve engano em nossa boca, ou aqueles que agora chegam sorrateiramente querendo poder, honra e glória para si, mas que durante a perseguição desaparecem, deixando-os à mercê da espada?

Nesse momento, percebo que Silvano levanta os olhos, novamente com um olhar acusador, mas quando este ameaça abrir sua boca para destilar seu veneno contra mim, impeço-o com um olhar duro e erguendo minha mão em sinal de que exigia silêncio, pois ainda não tinha acabado de falar.

— Não é necessário que gaste seu fôlego, Silvano. Sei o que você quer. Você ia me perguntar se suas palavras, ou melhor, as suas acusações acerca de Cristo e da resposta que Marta lhe dera não estão erradas porque ainda não lhe respondi,

não é isso? — seu olhar agora é de espanto, o que me faz crer que acertei em meu julgamento. — Mas tenha calma, pois lhe responderei agora mesmo.

Volto a sentar-me calmamente, demonstrando a todos que retomei o controle da situação. Mais uma vez, a atenção está toda voltada para mim, todos à espera da explicação que lhes prometi. Ilumina-me, ó Pai eterno! Não permita que eu me esqueça de nenhum detalhe importante, não agora.

— Você afirmou que Jesus Cristo chegou demasiado tarde para fazer alguma coisa por Lázaro, e isso por causa de uma suposta covardia de Jesus para enfrentar os judeus de Jerusalém. Somente após dois dias de luta interior, Jesus teve coragem de seguir para Betânia e, ao chegar lá, havendo já quatro dias que seu amigo fora sepultado, foi cobrado de sua ausência pela irmã de Lázaro, sendo até mesmo acusado de ser responsável pelo falecimento dele, não é isso?

Todos sabiam que era exatamente isso o que Silvano afirmara, mas ele não teve coragem de levantar a voz para repetir tais palavras. Agora é a minha hora de falar.

— Pelo visto o amado irmão Silvano não é um bom amigo dos números, senão teria percebido o que estava absolutamente claro tanto para Marta quanto para Maria: Lázaro já estava morto quando Jesus recebeu a informação do mensageiro de que seu amigo estava terrivelmente doente.

Ao ouvir minha afirmação, Silvano, que estava com a cabeça abaixada, levantou-a e me encarou com um olhar ao mesmo tempo surpreso e confuso, sem entender como cheguei a essa conclusão. Aliás, nem ele nem os demais presentes, pois em todos eu podia ver o mesmo olhar de assombro. Policarpo, que estava encostado de braços cruzados em uma das colunas do cenáculo, descruzou-os, pôs-se ereto e ficou certo tempo pasmo, até que, tomando a palavra, perguntou-me:

— Perdão por interrompê-lo, mestre, mas como o Senhor chegou a essa conclusão?

— Meu filho, não há mistério nisso, nem tampouco alguma revelação sobrenatural. Basta apenas fazer alguns cálculos para entender o que estou dizendo. Acompanhe meu raciocínio: Jesus e os discípulos deixaram a aldeia de Betânia e seguiram para a Bethabara, a outra banda do rio Jordão, onde João, o Batista, batizara. Jesus avisara aos moradores da aldeia para onde iria, por isso o

mensageiro soube onde procurá-lo quando Lázaro adoeceu.

Disse a vocês que Jesus, após receber a mensagem da doença de seu amigo, ficou ainda mais dois dias onde estava e, depois, seguiu viagem para Betânia, mas quando chegou à cidade Lázaro já estava morto havia quatro dias!

Olho para cada um deles e claramente percebo que ainda não haviam compreendido aonde queria chegar. Será tão difícil assim compreender o que estou querendo lhes mostrar?

— Mas será possível que não compreenderam ainda? Se quando Jesus chegou a Betânia Lázaro estava morto há quatro dias e Ele esperara ainda dois dias onde estava, então a viagem levou cerca de dois dias, correto?

Alguns balançam a cabeça, concordando com os meus cálculos, muitos ainda mantêm o olhar de dúvida sem compreender direito o meu raciocínio, e outros não entendem aonde quero chegar. Continuo a explicar-lhes.

— Meus filhos, o que quero lhes dizer é que se Lázaro estava morto já fazia quatro dias quando Jesus chegou a Betânia, então de nada adiantaria se o Mestre tivesse seguido imediatamente para Betânia em vez de ter permanecido mais dois dias onde estava, pois, quando lá chegasse, seu amado amigo Lázaro já estaria igualmente morto a pelo menos dois dias.

Agora todos compreenderam. Foi como se todo o cenáculo se iluminasse com a luz do conhecimento. Todos começaram a se entreolhar e a comentar uns com os outros sobre essa pequena revelação. Ela mudava, naquele momento, a compreensão da atitude tanto de Jesus quanto de Marta e Maria.

Perplexo com a descoberta, Gaio exclamou:

— Mas é claro! Como não pudemos perceber isso antes? Se somarmos o tempo necessário que o mensageiro levou de Betânia até Pereia (uma jornada), os dois dias que Jesus ainda permaneceu nessa província, e a jornada que Ele mesmo precisou fazer para ir a Betânia, percebe-se que soma-se exatamente quatro dias!

— Portanto, pouco depois da partida do mensageiro para procurar Jesus, o tempo de Lázaro entre os vivos já estava findando — completou Demétrio.

— Exatamente, meus filhos — disse-lhes com alegria ao vê-los finalmente

compreendendo o que lhes declarava. — O mensageiro levou cerca de um dia para nos encontrar. Ficamos dois dias onde estávamos e levamos mais um dia para retornarmos a Betânia. Eis aí os quatro dias. Como vocês podem perceber, não houve covardia, nem tampouco demora da parte de Jesus em atender ao chamado da família de Lázaro. Ele sabia que o seu amigo já estava morto e retardou sua chegada a Betânia para que não houvesse dúvidas sobre isso.

Mais uma vez Silvano se pôs a falar.

— Apóstolo João, é uma bela explicação, reconheço. Mas ela não é suficiente para tirar todas as minhas dúvidas sobre esse episódio.

— Pois vamos a elas, irmão Silvano — respondo de pronto. — Acredite, me esforçarei muito para não deixar nenhuma delas sem uma resposta.

Suas frequentes interrupções começam a me irritar profundamente.

— Muito bem, então — começou ele. — Corrija-me se eu estiver errado, mas no início você nos contou que Jesus dissera ao mensageiro que “esta enfermidade não é para a morte”, não é verdade?

Confirmo, balançando minha cabeça afirmativamente, já antevendo aonde ele pretende chegar.

— Mas o fato é que Lázaro efetivamente morreu, e há quatro dias! Mais ainda, quando Jesus disse isso, talvez o pobre homem estivesse morto. Se Jesus realmente sabia da morte de seu amigo, como fez tal afirmação? Ele não teria se enganado? Ou talvez, foi você quem se enganou a respeito do que Jesus realmente disse ou fez?

Antes mesmo que eu pudesse lhe responder, continua a destilar seu veneno, sem me dar chance de contradizê-lo.

— Ainda há mais dúvidas, apóstolo. Se Jesus não poderia ter evitado a morte de Lázaro, por que Marta fez tamanho lamento, tamanha reclamação pela ausência de Jesus? E se Ele realmente sabia que Lázaro estava morto, como você contou, por que ficou ainda dois dias onde estava? O senhor nos disse que era “para que ninguém tivesse dúvida da morte dele”; por que haveriam de ter dúvida se já estava até sepultado? Que diferença faria para um defunto estar sepultado dois ou quatro dias? Mais uma vez, peço-lhe perdão por minha impertinência,

apóstolo, mas essa história está obscura demais para ser crível, mesmo sendo contada pelo senhor, uma testemunha ocular de fatos acontecidos há mais de cinquenta anos.

Novo murmúrio entre os presentes. Mais uma vez, Silvano consegue semear a dúvida e a discórdia na igreja de Éfeso. Seu raciocínio é rápido como o estalar de um chicote e sua argumentação é muito convincente, especialmente entre os mais inocentes. A cada palavra sua percebo uma presença maligna inspirando-o, soprando em seu ouvido cada palavra usada contra mim. Porém, maior é o que está em nós do que o que está no mundo. Mas contra este inimigo, preciso de ajuda. Ajuda do alto. É hora de fechar meus olhos e, silenciosamente, orar.

Oh! Pai, clamo ao Senhor neste momento! Suplico em nome de seu filho Jesus Cristo, para que o Consolador, o Espírito Santo, mais uma vez me revista com a sua santa presença e me lembre de todas as coisas, a fim de que nenhuma afronta do acusador fique sem a devida resposta. Lembre-me, ó Senhor! Peço mais do que isso: fale por minha boca! Que sejam as suas palavras e não as minhas, para que toda a sorte de mentiras e dúvidas seja desmascarada aqui e agora. Amém!

Abro meus olhos e o encaro com firmeza, sem sombra de temor ou receio. Ele percebe que algo está diferente em mim. Vejo claramente o quanto ficou preocupado com o que falarei à igreja. Pois bem, darei a ele razão para se preocupar. Abro minha boca e deixo que o Espírito Santo guie minhas palavras.

— Silvano, direi a você as mesmas palavras que o nosso Senhor Jesus Cristo disse a Pedro quando este tentou convencê-lo de que não deveria se entregar para cumprir sua missão: “Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens!”[1]

As palavras saem com tanta autoridade, que não apenas Silvano, mas os demais presentes sentem sua força. Todos se calam, não há mais murmúrios e o olhar de Silvano não é mais de desafio ou desdém, mas de espanto e temor. Não sinto mais aquela presença maligna junto a ele. Veremos se sozinho conseguirá ser tão ardiloso contra mim.

— Suas acusações levianas, mascaradas de falsas dúvidas, são fruto da sua impaciência, pois se tivesse me dado permissão para contar toda a história de Lázaro sem ser interrompido a cada instante, você teria compreendido tudo o que aconteceu naquela época. Posso continuar a contá-la?

— Sim — respondeu-me secamente, com uma voz quase inaudível.

Louvado seja o Senhor! Consegui segurá-lo, pelo menos por enquanto.

— Muito bem. Como eu disse, quando Jesus chegou a Betânia, Lázaro já estava morto e sepultado fazia quatro dias. Todos na cidade, inclusive Marta e Maria, tinham noção de quanto tempo se gastava em viagens como essa. Por isso, quando seu amado irmão faleceu pouco após o mensageiro ter seguido viagem para avisar a Jesus, sabiam que seu esforço para que ele fosse curado tinha sido em vão, pois mesmo se Jesus tivesse voltado imediatamente com o mensageiro encontraria apenas um sepulcro selado e, dentro dele, um cadáver de dois dias.

Podemos imaginar o quanto essas duas irmãs oraram para que Deus curasse o seu irmão ou que lhe desse força para aguentar até que Jesus retornasse para eles. Elas sabiam do que Jesus era capaz. Viram muitos dos seus milagres, tanto em Jerusalém quanto lá mesmo, em Betânia. Mas agora, justamente agora, quando mais precisavam dEle, não podiam contar com seu poder, pois viajara para longe.

Para elas, o mais enigmático fora a resposta que Ele lhes enviara por meio do mensageiro: “Esta enfermidade não é para a mor-te”. Lázaro já estava sepultado quando receberam essa resposta. Será que Jesus se enganara? Decerto que não, pois elas o viram pregar e ensinar, e nunca, jamais encontraram engano em suas palavras. Elas não tinham dúvidas: Jesus é o profeta que havia de vir. Então, qual o sentido dessa mensagem? Será que Jesus ainda pode fazer alguma coisa por Lázaro? Não. É melhor não tentar enganar o coração com falsas esperanças. Seu irmão está morto e já se passaram dois, não há mais nada a fazer. Então o que Jesus quis dizer? Será que Ele quis nos consolar? Sim, deve ser isso. Elas já haviam aprendido com Jesus sobre a ressurreição do último dia e se lembraram de suas palavras:

Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição

da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação.[2]

— Elas então se convenceram de que Jesus queria consolá-las. Lembraram-se de que no final dos tempos voltariam a se encontrar com seu amado irmão. Mas apesar das suas palavras, a dor da perda era muito forte e seus corações se recusavam a ser consolados. E lá ficaram, em casa, chorando aquela perda irreparável e recebendo as condolências dos amigos de Betânia e de Jerusalém.

Mas dois dias após receberem a resposta de Jesus enviada pelo mensageiro, elas recebem um novo recado: Jesus estava chegando a Betânia!

Como da primeira vez, quando Jesus chegara à aldeia, ouvindo, pois, Marta que Jesus vinha, saiu-lhe ao encontro. Maria, porém, ficou assentada em casa. A convivência com Jesus e o aprendizado aos seus pés mudaram profundamente as convicções e os corações das duas irmãs, mas não o seu jeito de ser. Marta continuou a ser a mulher ativa e de liderança, enquanto Maria a pessoa contemplativa. Deus quer moldar nosso caráter, não a nossa personalidade. Ele quer nos usar como somos, porém, purificados da influência do pecado que deturpa o nosso jeito de ser. Foi o que Jesus fez com Marta, por exemplo, quando da primeira vez que se conheceram. Ele não mudou seu temperamento nem recriminou sua maravilhosa predisposição para servir, mas lhe ensinou a estabelecer critérios para saber discernir o que é prioritário e relevante.

Portanto, quando ela soube que Jesus estava chegando a Betânia, desta vez não pensou na casa cheia de amigos pranteando a perda de seu irmão, na recepção a ser oferecida a Jesus e aos seus discípulos, em nada. Ela simplesmente largou tudo e todos e foi se encontrar com Jesus. Diante da dor e da tragédia, todas as nossas convenções e regras de comportamento tornam-se tremendamente irrelevantes e só uma coisa tem importância: estar junto a Deus para receber o consolo e a força para continuar a vida.

Disse, pois, Marta a Jesus quando o encontrou: “Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Mas também, agora, sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá”.

Vede, meus filhos, o lamento que há nas palavras de Marta. Lamento, não revolta. Ela não está recriminando a Jesus porque não atendeu prontamente ao seu chamado. Ela sabia que não daria tempo. Lamenta o fato de Jesus não poder

continuar habitando em Betânia, visto que tempos atrás Ele e seus discípulos, em razão da oposição dos judeus, tiveram de deixar de pregar em Jerusalém e dirigiram-se para a outra banda do Jordão. Se Jesus continuasse viver em Betânia, Lázaro seria curado ainda no início de sua enfermidade e, portanto, não teria morrido. Marta lamentou as circunstâncias, não a atitude de Jesus.

Mas havia mais do que tristeza em suas palavras. Havia fé. Ela disse também: "Mas também, agora, sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá". Marta não tinha certeza do que Jesus poderia fazer em uma situação como aquela, mas sabia que Ele poderia fazer alguma coisa. Jesus tinha livre acesso ao Pai. Embora ela não quisesse alimentar falsas esperanças, ainda se lembrava de outra palavra que Jesus dissera pouco antes de ter ensinado sobre a ressurreição do último dia:

Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai, porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente. Porque o Pai ama ao Filho e mostra-lhe tudo o que faz; e ele lhe mostrará maiores obras do que estas, para que vos maravilheis. Pois assim como o Pai ressuscita os mortos e os vivifica, assim também o Filho vivifica aqueles que quer.[3]

Seria possível? Não, é melhor não pensar nisso. Já tem quatro dias de sepultado. Em que condições estará agora o corpo de Lázaro a esta altura dos acontecimentos? Se ao menos Jesus conseguir consolar o seu coração despedaçado pela dor, já será um grande milagre. Na verdade, a simples presença de Jesus ali, na sua frente, já lhe trazia algum conforto. Seu coração, mesmo que momentaneamente, começava a se acalmar.

Mas ela não estava preparada para a resposta de Jesus ao seu pedido de socorro.

Disse-lhe Jesus: "Teu irmão há de ressuscitar".

Olhando para o chão, mais calma e com uma voz conformada, disse-lhe Marta: "Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia". Depois de ter acompanhado passo a passo o adoecimento de seu irmão, ver seu estado piorando a cada dia e todos os seus esforços para curá-lo terem sido em vão,

preparar e sepultar seu corpo sem vida no túmulo e prantear a sua morte durante quatro dias, Marta atenderia a qualquer pedido que Jesus fizesse, mas ela não tinha mais forças para acreditar que o impossível pudesse se tornar possível.

Todavia, não era essa a resposta que Jesus queria ouvir. Ele olhou firmemente para ela e, apesar de ela estar com a cabeça abaixada, pôde perceber uma lágrima que rolava de sua face.

Disse-lhe Jesus: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá. Crês tu isso”?

O que nosso Senhor estava querendo dizer à Marta? Sua resposta fora correta. No porvir, todos aqueles que dormiram no Senhor acordarão ao som das trombetas e, em um abrir e fechar de olhos, ressuscitarão para a vida eterna, todos juntos, em uma única e eterna família chamada Igreja do Senhor. Foi o que Jesus ensinara e, após aquele primeiro jantar em Betânia, Marta se tornara uma ouvinte disciplinada e atenta. Mas o que Jesus estava lhe dizendo agora era algo novo.

“Eu sou a ressurreição e a vida.” Tentem imaginar, meus filhos, a autoridade dessas palavras. Jesus não disse que Ele tinha a vida, mas que Ele é a vida. Não estava falando para ela depositar sua fé naquilo que Ele pode em um futuro distante fazer, mas para depositar a sua fé nEle que tinha todo o poder para mudar aquela trágica situação naquele mesmo instante.

E Ele disse mais: “Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá. Crês tu isso”?

Jesus não estava falando apenas daquilo que Ele podia fazer por ela ou por seu irmão, mas de algo muito mais profundo. Ele estava desafiando Marta a compreender quem realmente Ele era. Jesus acabara de afirmar que é mais do que um Mestre, mais do que um profeta, mais do que um rei. Jesus é a própria vida! Ele é a ressurreição e a vida! Fisicamente falando, a morte vence a vida, mas a ressurreição vence a morte. Ao fazer tal afirmação acerca de si mesmo, Ele estava querendo dizer a Marta, e a cada um de nós, que nem mesmo a morte poderia impedi-lo de estar junto daqueles que o amam e creem nEle. E essa era chave para ter acesso à vida eterna: crer. Simplesmente crer.

“Crês tu isso?” Jesus lançou o desafio para Marta. Ela teria condições de crer

contra todas as evidências à sua volta? Um homem, por mais sábio e espiritual que fosse, mas ainda assim um homem, acabara de afirmar que era a própria ressurreição e a vida e que seu irmão sepultado já há dias ressuscitaria. Sim, meus filhos, é um verdadeiro desafio à nossa fé. Quem de nós aceitaria esse desafio?

Mas ela o aceitou.

Ao ouvir tais palavras, proferidas com amor como ela jamais ouvira ninguém falar antes, levantou a cabeça e, sem conseguir segurar as lágrimas que agora desciam livremente, respondeu convicta ao mestre: “Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo”.

Entranho. Sinto minha mão mais trêmula do que de costume. Seguro meu cajado com mais força, torcendo para que ninguém tenha percebido. Continuo a falar à Igreja.

— Uma resposta cheia de fé. A fé verdadeira não é cega. É, ao contrário, o fruto de uma íntima convivência. A fé é a convicção que somente tem aqueles que conhecem a Deus. E todos aqueles que depositaram nEle a sua confiança, não ficaram decepcionados. Como dizem as Escrituras: “Provai e vede que o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nele confia”.[4]

Deus nos convida a andarmos com Ele, convivermos com Ele, provarmos de seu poder e de sua fidelidade. Foi o que Marta fez, assim como o cego de nascença que viu o invisível. Ela compreendeu aquilo que os principais do povo se negavam a entender ou aceitar. Marta, em um ato de fé, declarou publicamente que Jesus é o Cristo, o Messias que viria. Isso significava muito mais do que aquilo que era ensinado nas sinagogas. Enquanto uns aguardavam o Messias com um guerreiro libertador como fora o grande rei Davi, outros sonhavam com um profeta milagreiro, como o fora Elias, mas Marta entendera que o Cristo seria o próprio Filho de Deus. E Ele estava ali, diante dela, Jesus, o Messias, prometendo que seu irmão ressuscitaria.

Desta vez, sinto minha boca seca e uma súbita fraqueza toma conta do meu corpo. Ao mesmo tempo, uma sensação de frio percorre meu corpo e meu coração dispara como um cavalo bravio pelos campos. É uma sensação muito ruim, mas não posso parar de falar-lhes, não agora, que consegui sua atenção e também o silêncio de Silvano. Não sei quando terei outro momento como esse e

não tenho a intenção de desperdiçá-lo. Respiro fundo e continuo.

— Meus filhos, aprendamos como Marta a depositar nossa confiança em Jesus mesmo quando a vida parece não sorrir para nós. Todos passamos por momentos em que Jesus parece não estar por perto ou parece ser indiferente a nossa dor, mas saibamos que isso não é verdade. Em vez de lamentarmos a aparente ausência de Jesus, justamente nos momentos em que mais precisamos dEle, tenhamos consciência de que Ele é poderoso o suficiente para nos guardar no dia mau e no momento certo mover o seu poderoso braço em nosso favor. Precisamos ter essa confiança, pois, assim como Marta, não depositamos nossa fé naquilo que sabemos que Jesus pode fazer, mas sim no fato de sabermos quem Ele é: o Filho unigênito do Pai.

De repente, minha vista fica turva, e sinto minha cabeça girar. Ouço as vozes das pessoas, mas não consigo distinguir o que dizem, e elas vão ficando cada vez mais distantes. Não vejo nem ouço mais nada.

Desmaio.

---

[1] Mt 16.23

[2] Jo 5.28,29

[3] Jo 5.19-21

[4] Sl 34.8

Capítulo

14

UMA PAUSA FORÇADA

Abro os olhos lentamente, sem saber muito bem onde estou. Percebo que estou deitado em uma cama e que há um cobertor aquecendo meu corpo, mas o lugar não se parece com a minha casa. O aposento onde me encontro possui paredes revestidas de gesso e pintadas com temas de animais silvestres e pássaros ao estilo romano. Uma lamparina esmaltada ilumina o quarto. Com certeza, não estou em minha casa.

— Ele acordou!

Reconheço a voz de Papias e vejo-o levantando-se de uma cadeira junto à minha cama e correndo em direção à porta do quarto. Ouço-o dando a notícia, e rapidamente o quarto fica cheio de rostos familiares alternando expressões de preocupação e a alegria por me verem consciente. Firmo minha vista e reconheço-os um a um: Papias, Demétrio, Policarpo, Pátroclo e sua esposa Fabíola.

— O que aconteceu? Onde estou? — pergunto a eles, com uma voz estranhamente arrastada e um tanto fraca.

Eles entreolham-se por alguns instantes, como se tivessem receio de contar alguma notícia desagradável. Por fim, Policarpo me responde.

— Paz seja com o senhor, mestre João. Ontem, durante a reunião, enquanto falava à igreja, o senhor perdeu os sentidos de forma súbita e desmaiou, sendo rapidamente amparado pelos irmãos Gaio e Diótrefes que, seguindo a orientação de nosso irmão Pátroclo, o trouxeram para este quarto de sua residência, ficando

sob os cuidados de sua esposa Fabíola.

— Agradeço tanto cuidado para comigo, meus filhos. Respondolhes com sincero carinho. Sinto-me envergonhado por ter sido o motivo da interrupção da reunião. Tinha tanta coisa para partilhar com vocês! Não sei o que aconteceu!

— Fraqueza, apóstolo — responde-me Fabíola. — Papias nos contou que o senhor tem se dedicado demasiadamente ao jejum e à oração durante a madrugada, e, na sua idade, o corpo precisa de mais cuidados.

— Bobagem — retruco com incredulidade. — Sempre jejuei e orei a minha vida inteira e nunca me fez mal algum. Ao contrário! Após esses momentos de consagração, sentia-me mais forte e preparado para enfrentar as ciladas do Inimigo.

— Não duvidamos disso, irmão João — respondeu-me Demétrio. — Mas como a irmã Fabíola bem disse, o senhor não é mais um jovem pescador, e, apesar de sua robustez, vemos que o peso dos anos são refletidos sobre o seu corpo. Por isso, amado apóstolo, pedimos que o senhor seja mais condescendente com seu o próprio corpo, respeitando os limites que os anos lhe impõem e que evite atitudes que o prejudiquem.

— Compreendo, meus filhos — respondo em meio a um suspiro de resignação —, e humildemente me penitencio, pois eu fui o culpado pela interrupção da reunião. Mas o tempo é curto e temos muito trabalho a fazer. Demétrio, marque outra reunião para hoje à noite a fim de que eu conclua a história de Lázaro.

Mais uma vez, eles se entreolham claramente constrangidos pela minha ordem.

— Sinto muito, apóstolo, mas não poderemos atendê-lo — respondeu-me Demétrio.

— Por que não?

— Presbítero João, já é noite. O senhor dormiu o dia inteiro — respondeu-me Papias.

— O que está me dizendo, Papias? — pergunto arregalando meus olhos, realmente surpreendido.

— É verdade, mestre. O senhor dormiu realmente todo esse tempo — confirmou Pátroclo, meu anfitrião.

— Bem, sendo assim, seria possível então marcarmos para amanhã? — sugiro enquanto me recosto na cama, ficando com uma postura mais ereta.

— De modo algum! — protestou Fabíola. — O senhor dormiu bem, mas ainda falta o principal.

Ao dizer isso, ela bate palmas duas vezes e entra uma serva com um prato fumegante.

— O que é isso?

— Um delicioso prato de caldo de galinha que eu mesma preparei. Enquanto não recuperar suas forças não sairá deste quarto — respondeu-me Fabíola com uma voz firme e um sorriso doce que era impossível me opor.

— Está bem, meus filhinhos, está bem — respondo rendendome a tanto carinho e atenção. — Cerinto terá de me esperar mais um pouco. Mas agora, amada irmã Fabíola, este caldo está com um cheiro maravilhoso!

Risos enchem o recinto enquanto a esposa de Pátroclo se senta junto à cama e me serve uma revigorante e deliciosa refeição. Depois de tudo o que já vivi ao longo de minha vida, sou tratado agora como se fosse uma criancinha. Mas, a bem da verdade, é uma experiência bem agradável.

***

Os dias passam e não há palavras suficientes para agradecer a hospitalidade de Pátroclo e sua família para comigo durante a minha convalescência em sua casa. A atenção e os cuidados dispensados por Fabíola e seus servos produziram efeitos quase milagrosos em minha recuperação.

Foi também muito reconfortante receber a visita de tantos irmãos em Cristo, sinceramente preocupados com a minha recuperação. Pena que Fabíola, em seu zelo quase filial, não os deixava ficar muito tempo conversando comigo em meu quarto, pois temia deixar-me cansado. Na verdade, essas visitas me revigoravam, porque ao perceber em cada um deles a preocupação com minha saúde e o interesse pela história de Lázaro, meu desejo de me fortalecer e sair daquela

cama aumentava cada vez mais.

Não me surpreendi por não receber a visita de Silvano. Meu receio é que o tenha perdido definitivamente para Cerinto. Mas, se for assim, não há nada que eu possa fazer, pois cada um dará conta de si mesmo a Deus.

Mas, finalmente, sinto-me recuperado, dentro das limitações que o tempo impõe às pessoas da minha idade, é claro. Apesar de terem se passado poucos dias, sinto como se tivesse me convalescendo durante meses.

Subitamente, a porta se abre e Demétrio entra pelo quarto. Seu semblante está carregado, triste.

— O que foi amado, Demétrio?

— Perdemos uma de nossas ovelhas, João.

— O que aconteceu?

— Nosso irmão Aristarco. Está morto.

Meu coração gelou.

— Morto? Como foi? O que aconteceu com ele? Conte-me Demétrio!

— Ele foi encontrado boiando no rio, com a garganta cortada.

— Oh, meu Deus!

— Ele estava sem a sua bolsa. Tudo leva a crer que tenha sido a obra de salteadores.

— Tudo leva a crer... — repito sem convicção. A lembrança daquela noite na qual ele me procurou me tortura profundamente. Meu coração se revolta, dizendo que eu deveria ter saído de casa e procurado por ele naquela noite, mas minha razão me diz que fiz a coisa certa, pois na minha idade não havia nada que pudesse fazer para protegê-lo. Mas a dor e a vergonha por ter sentido medo ainda persistem.

— Organize uma coleta na igreja. Não deixe que a viúva nem seus filhos passem

qualquer necessidade.

— Sim, apóstolo. Com licença.

É hora de agir. O mal está ganhando força. Não há limites para Cerinto, e se há algo que é precioso para pessoas da minha idade, é o tempo.

— Papias! — chamo o jovem. — Papias!

— Estou aqui, presbítero! — responde Papias, ofegante da corrida que deu ao me ouvir chamá-lo. — Está sentido alguma coisa?

— Sim, meu filho. Sinto que é tempo de voltarmos para nossa casa. Venha, ajude-me a levantar desta cama e a colocar minha roupa.

— O senhor está certo, mestre? — perguntou-me Papias, receoso. — Não seria melhor esperarmos mais um pouco?

— Sim, tenho certeza. Vamos, venha ajude-me logo, meu filho! — respondo com certa impaciência.

Finalmente ele se aproxima e me ajuda a ficar de pé.

— Passe-me então meu cinto de couro. — Prendo-o à altura da cintura sobre a túnica que eu estava vestindo, como de costume. — Ajuda-me agora a vestir o manto, a calçar minhas velhas sandálias de couro e, por fim, me entrega meu cajado.

Apoiado nele, ergo-me e me ponho de pé. Respiro fundo e dou um sorriso de satisfação ao ver mais uma vez que tinha condições de tomar conta da minha vida sem ter que depender dos outros. Não é ingratidão, longe disso! Simplesmente não quero ser pesado para ninguém. Em minha casa, faço meus horários, tenho meus rituais, sem contar a liberdade que nunca terei na casa de outros, por mais amáveis e bem-intencionados que pudessem ser. Para alguém como eu, que por toda a sua vida foi direcionado pelo Espírito a ir aos mais diversos e inusitados lugares, ter agora que se justificar para onde vai, como se precisasse da autorização de outros, não é algo que esteja disposto a fazer a esta altura da minha vida.

Ao chegar ao pátio da residência, encontro-me com minha anfitriã, irmã Fabíola,

esposa de Pátroclo. Como era de esperar, Fabíola e os demais de sua casa tentaram demover-me de minha intenção de retornar para minha casa, sem sucesso. Novamente, agradeço a sua generosa hospitalidade e abençoo sua casa antes de partir.

Já caminhando pelas ruas tumultuadas de Éfeso, falo a Papias:

— Meu filho, não se esqueça de mais tarde ir a Demétrio dizer-lhe para convocar em meu nome à Igreja no Dia do Senhor, para que eu volte a falar-lhes e termine o que comecei.

— Sim, presbítero.

Enquanto caminhamos pelas ruas de Éfeso, noto que o rapaz está estranhamente calado, como se algo o incomodasse.

— O que você tem, Papias? Vejo que algo o perturba.

Ao ouvir minhas palavras, o jovem para de caminhar, levanta a cabeça para mim, olha dentro dos meus olhos e diz:

— Mestre João, posso fazer um pedido?

— Claro, meu filho.

— Por favor, ao se preparar para a próxima reunião, não deixe de se alimentar, sim? Quando o vi perder os sentidos na última reunião, tive muito medo de perdê-lo.

Se há alguma coisa que todos esses anos me ensinaram foi saber discernir a intenção dos homens, por isso não havia qualquer sombra de dúvida em meu coração quanto à sinceridade de Papias. Seu olhar e sua voz claramente revelavam seus sentimentos de apreensão pelo futuro. Um futuro sem a presença para orientá-lo.

— Ah, meu filho! — coloco a mão em seu ombro enquanto respondo emocionado. — Não tenha medo. Não pretendo voltar a me exceder nos jejuns, como antes. Não fui sábio e meu corpo pagou o preço por minha imprudência. Papias, você precisa se preparar para minha partida, pois minha idade está muito avançada e logo irei embora. Na verdade, se comparado aos moradores de Éfeso

e de outras grandes cidades, tenho vivido quase o dobro dos anos que a maioria das pessoas daqui costuma alcançar. Sem falar nas perseguições que a Igreja do Senhor passa de tempos em tempos. Quem sabe eu me una aos meus irmãos discípulos em seu destino: o martírio por amor a Cristo. O importante é permitir que a minha vida seja guiada pelo Espírito Santo para cumprir a sua vontade. Sabe, Papias, procuro praticar aquilo que Paulo escreveu: “Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho”.[1]

— E quanto a nós? — protestou Papias. O que será da Igreja do Senhor sem seus ensinos?

— Você mesmo deu a resposta. A Igreja é do Senhor e não minha. Ela continuou existindo após a morte de Tiago, Paulo, Pedro e dos demais apóstolos, e continuará depois da minha morte também. Lembre-se, meu filho, que você é templo do Espírito Santo, o Consolador habita em você como habita em mim também. Ele trará à sua memória todas as coisas que tenho ensinado a você, assim como me lembrou ao longo de todos esses anos tudo o que Jesus me ensinou. A Igreja do Senhor não está alicerçada na capacidade de homens falíveis e mortais, mas sim em uma pedra angular que não pode ser removida nem tampouco substituída. E você sabe o nome dessa pedra, não sabe?

— Nosso Senhor Jesus Cristo — respondeu-me Papias.

— Muito bem, meu filho. Jesus é insubstituível, não nós. Aprendeu bem o que tenho ensinado a você e creio que em um futuro próximo a Igreja do Senhor contará com novos bispos para guiá-la: Policarpo e Papias.

— Quem, eu? — exclamou o jovem arregalando os olhos. — Mas sou pouco mais do que uma criança, ainda tenho muito o que aprender acerca do Reino de Deus!

— Ora, e o que eu era quando me tornei um seguidor e discípulo de Jesus? — respondi a ele sorrindo.

---

[1] Fp 1.21

Capítulo

15

“LÁZARO, VENHA PARA FORA!”

Mais uma vez estamos reunidos no cenáculo da casa de Pátroclo no Dia do Senhor. Percebo uma receptividade bastante favorável da parte dos demais irmãos presentes. Creio que minha convalescência despertou neles, assim como em Papias, um sentimento de apreensão e até mesmo de medo de perder a minha companhia definitivamente.

Agora posso compreender por que adoeci. O Senhor, em sua infi-nita sabedoria, permitiu que isso acontecesse para que sua Igreja em Éfeso despertasse e, assim, ficasse mais atenta e receptiva à palavra que Ele tem a lhe dizer. Louvado seja o seu santo nome, Senhor!

Tomamos nossos lugares e o culto ao Senhor se inicia com orações e cânticos. Fecho os olhos e com um leve sorriso nos lábios saboreio cada momento como um faminto saborearia uma deliciosa refeição. Como é bom estar de novo reunido com meus irmãos!

A certa altura da reunião, Demétrio toma a palavra:

— Amados irmãos, a paz seja convosco. Estamos mais uma vez reunidos para louvar e adorar ao Senhor e, desta vez, também para agradecer pelo pleno restabelecimento de nosso amado apóstolo João que, neste momento, dará prosseguimento ao relato dos atos de nosso Senhor Jesus em Betânia, quando da morte de seu amado amigo Lázaro.

Dizendo isso, sentou-se e me convidou com o olhar para que eu tomasse a palavra. Levanto-me de meu assento e me aproximo da mesa, apoiando as mãos

sobre ela. Começo então a falar-lhes:

— Meus filhinhos, alegrei-me demasiadamente quando alguns de vocês vieram me visitar. Não somente pelo fato de eu estar fraco e carente de suas orações, como realmente estava, mas sim por poder ver em cada visita que recebia que a fé de vocês em Cristo estava mais forte. Não tenho maior alegria que esta: de ouvir que meus filhos andam na verdade.

Posso ver alguns abaixando o rosto, constrangidos, pois ainda não estão certos de quem devem seguir. Silvano, porém, está com seu rosto impassível, como se fora esculpido em pedra. Seu olhar revela que me vê como um inimigo, um estorvo à sua liderança do grupo. Mas ele não é tolo. Após meu desfalecimento na última reunião, não creio que tentará um ataque direto contra mim como das outras vezes. Se eu sofresse uma nova crise, ele seria visto como o seu causador por não respeitar a minha idade e meu estado de saúde. E é por isso que começa falando com voz mansa e dissimulada:

— Amado apóstolo, a paz seja convosco. Creio que falo em nome de todos ao saudá-lo com as boas-vindas ao nosso convívio. Ficamos muito preocupados após o incidente, mas louvamos ao Senhor por vê-lo restabelecido e pronto para continuar a nos contar a história de Lázaro. Caso não se lembre, o senhor nos contava que Marta...

— Obrigado pelo interesse, irmão Silvano — interrompo-o. — Lembro-me bem a parte da história de Lázaro que estava sendo contada quando desmaiei. Ouvindo, pois, Marta que Jesus vinha, saiulhe ao encontro; Maria, porém, ficou assentada em casa. Disse, pois, Marta a Jesus: “Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Mas também, agora, sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá”. Disse-lhe Jesus: “Teu irmão há de ressuscitar”. Disse-lhe Marta: “Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último Dia. Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá. Crês tu isso”? Disse-lhe ela: “Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo”. Não foi isso que contei para vocês?

— Sim, foi isso sim — respondeu-me Silvano, claramente impressionado com minha pronta resposta.

Na verdade, para me preparar adequadamente para esta reunião, eu já havia

perguntado a Demétrio alguns dias antes em que parte da história tinha parado. Antes, perguntara a Papias, mas o pobre rapaz ficou tão impressionado com meu desmaio que não pôde me ajudar muito. Entretanto, já esperava que Silvano tentasse alguma coisa. Ao se oferecer para me "ajudar a lembrar" do que eu havia contado anteriormente, na verdade, tentava se mostrar como uma pessoa solícita aos demais, ao mesmo tempo em que se tornava patente aos outros que minha memória não era confiável e, por consequência, a história que eu narrava também não.

— Pois bem, como acabei de dizer, Marta respondeu a Jesus: "Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo". E, dito isso, partiu e chamou em segredo a Maria, sua irmã, dizendo: "O Mestre está aqui e chama-te". Ela, ouvindo isso, levantou-se logo e foi ter com ele.

— Perdão, apóstolo, quer dizer então que Jesus não chegara ainda a Betânia? — perguntou-me Policarpo.

— Não, Jesus não tinha chegado à aldeia, mas estava no lugar onde Marta o encontrara.

— E o que Maria fez ao receber o recado dado por sua irmã? — perguntou Gaio desta vez.

— Maria apressadamente se levantou e saiu para se encontrar com Jesus. Vendo, pois, os judeus que estavam com ela em casa e que a consolavam a sua saída, seguiram-na, dizendo: Vai ao sepulcro para chorar ali. Tendo, pois, Marta chegado aonde Jesus estava e vendo-o, lançou-se aos seus pés, dizendo-lhe: "Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido".

Quando rememoro os fatos que vivi no passado, levanto os olhos e contemplo o infinito, desligando minha visão do tempo presente em uma tentativa de tornar as lembranças mais vívidas em minha mente. Neste momento, porém, minha atenção se volta mais uma vez para a igreja à minha frente.

— Meus filhinhos, há algo que eu gostaria que vocês compreendessem acerca do que acabei de lhes contar. Percebam que Marta acabara de ter uma revelação acerca de Cristo. Seu coração se enchera de esperança e foi rapidamente dar o recado à sua irmã de que o Mestre finalmente chegara e estava a chamá-la sem, contudo, contar-lhe o que Jesus falara.

Marta sabia que Maria precisava de consolo e que nenhum dos presentes teria condições de aquietar seu coração abalado. Nem mesmo ela, Marta, teria condições de fazer isso; somente Jesus. Maria também sabia disso. A morte de seu irmão a abalara profundamente, roubando-lhe a esperança e o ânimo. Tanto foi assim que, ao ouvir que Jesus se aproximava de Betânia, não teve ânimo de se levantar de onde estava pranteando enquanto sua irmã Marta correu ao encontro de Jesus. Mas agora, ao ouvir de sua irmã que Ele estava às portas de Betânia e que a chamava, ela despertou de sua letargia e seguiu imediatamente ao seu encontro. Não entendeu o porquê da alegria na voz de Marta e do brilho em seus olhos. Não havia mais nada que Jesus pudesse fazer, pensava ela. Lázaro estava morto e sepultado já fazia quatro dias. Mas Jesus transmitia paz e segurança; era alguém com quem ela sentia liberdade para derramar sua alma e chorar a perda de seu irmão. Ela sabia que Jesus a compreendia e, por isso, correu ao seu encontro. Maria não buscava milagre. Buscava consolo. E sabia que o Consolador se chamava Jesus de Nazaré.

Maria repetiu letra por letra o lamento que sua irmã dissera a Jesus: o fato de a doença e morte de Lázaro terem ocorrido justamente durante o período da sua ausência da aldeia de Betânia, onde moravam. A meu ver, o motivo de as duas irmãs terem feito o mesmo comentário para Jesus revela o quanto se sentiram impotentes diante da doença de seu querido irmão. Quantas vezes não lamentaram a ausência do Médico dos médicos, enquanto tentavam, em vão, cuidar de seu irmão enfermo? E pensar que há pouco tempo o viram com seus próprios olhos curar diversas pessoas acometidas pelas mais terríveis moléstias ali mesmo, em Betânia! E no momento mais dramático de suas vidas, Jesus não estava lá. Lázaro morrera repentinamente.

Jesus, pois, quando a viu chorar e também chorando os judeus que com ela vinham, moveu-se muito em espírito e perturbou-se. Ele viu Marta e Maria, como era o costume, vestidas de saco, chorando e lamentando a morte de seu irmão, e não apenas elas, mas também os vizinhos e demais amigos choravam com sincera dor e tristeza na alma. A família de Lázaro não era uma família de grandes posses, por isso não havia carpideiras contratadas para chorar a sua morte. Todos que estavam ali o conheciam e ficaram realmente abalados com a perda de um bom amigo. Lázaro não era apenas amado por Jesus e suas irmãs, mas também por todos que o conheciam.

— Perdoe-me por interrompê-lo, apóstolo — falou Pátroclo. — Tenho uma dúvida. Muitos de nós não temos familiaridade com os costumes judaicos para o

sepultamento de seus mortos. Vestidos de sacos, carpideiras... Poderia nos explicar melhor antes de continuarmos?

— Muito boa a sua pergunta, amado irmão Pátroclo. Perdoemme, meus filhinhos, mas ao rememorar esses acontecimentos, meu coração se empolga e me esqueço de entrar em maiores detalhes que para mim são corriqueiros, mas para vocês são naturalmente desconhecidos — respondi. — Irmã Miriam, poderia explicar para os demais os nossos costumes acerca do sepultamento?

— Quem? Eu? — assustou-se Miriam.

— Sim, minha irmã, por que não? Sabes tanto quanto eu acerca desse assunto e ao nos falar farás dois grandes favores a todos. Poderei descansar um pouco a minha garganta que já está seca e também aliviarás os ouvidos de todos os presentes, que já devem estar cansados de ouvir a voz deste pobre velho falando sem parar — respondo com um leve sorriso.

Enquanto me sento, faço um gesto com a mão para que irmã Miriam se ponha de pé e fale aos demais. Aproveitarei este pequeno intervalo em minha participação para beber um pouco de água e descansar.

— Está bem, então — concordou ela, com um sorriso tímido. — Bem, quando alguém morria, havia um período de choro e lamentações na casa para avisar à vizinhança que alguém morrera. A família se reunia para prantear em alta voz a fim de demonstrar sua tristeza e seu amor pelo falecido. Muitas famílias ricas contratavam mulheres para chorar junto com eles e assim prantearem ainda mais alto. Além disso, os familiares se vestiam de saco, isto é, com desconfortáveis roupas de couro de cabra, batiam no peito diversas vezes e rasgavam suas vestes para demonstrar publicamente a sua dor.

Depois, vinha a preparação para o sepultamento. O corpo do morto era lavado, envolto em um lençol de linho, enquanto seu queixo era amarrado com uma faixa e, após isso, colocado em uma padiola para ser levado ao túmulo.

— Não. Nossos mortos são sepultados em sepulcros, isto é, em cavernas naturais ou escavadas situadas fora das cidades, onde os corpos são colocados. Depois do sepultamento, a caverna era fechada com uma pesada pedra de formato circular que era rolada à frente da entrada do sepulcro. O período de luto durava uma semana, por isso é chamado de shiv’ah, que significa sete. No shiv’ah as pessoas enlutadas sentam-se no chão ou em um assento baixo na casa do morto,

deixando de lado suas tarefas cotidianas, festividades e até mesmo as orações nas sinagogas enquanto recebiam a visita dos amigos para confortar e orar com elas. Tempos depois, quando só restassem os ossos, eram guardados em urnas de pedra chamadas de ossuários, a fim de que outros corpos da família possam ser sepultados no mesmo sepulcro. Creio que seja isso — finaliza olhando para mim, quase que suplicando para se sentar.

— Falaste muito bem, irmã Miriam. Estamos profundamente agradecidos por tua valiosa colaboração — digo enquanto me apoio em meu cajado para me levantar. Volto então a contar-lhes a história do ponto em que tinha parado.

Como eu disse antes, todos ali estavam abalados com a morte de um grande amigo, inclusive Jesus. O unigênito Filho de Deus desceu de sua glória, fez-se homem ao nascer de uma mulher e habitou entre nós. E, ao fazer isso, teve que conviver com a doença, a miséria, a injustiça, o desprezo, o pecado e também com a morte. Mas esta convivência não significou conformismo. Onde havia doença, Ele levou a cura. Onde a miséria existia, Ele não apenas multiplicou pães e peixes, mas também ensinou a repartir e a partilhar. Onde havia a injustiça, Ele trouxe a justificação. Onde o pecado imperava, Ele trouxe o perdão. E onde a morte se manifestou, Ele trouxe a vida. Mas agora era diferente.

— Por que era diferente? — perguntou Demétrio.

— Porque Jesus conhecia Lázaro e sua família. Lembra-te das palavras do mensageiro: “Eis que está enfermo aquele a quem tu amas”. Não estamos falando de alimentar uma multidão de desconhecidos com cinco pães e dois peixes ou de curar leprosos e cegos encontrados pelo caminho. Nem mesmo da cura a distância de um servo do centurião, sem nem ao menos vê-lo, ou da ressurreição da filha de um homem importante que acabara de falecer. Estamos falando da morte de um ente querido e da dor que isso causa aos familiares e amigos. Meus filhinhos, tentem imaginar o que Jesus sentiu ao ver pessoas que amava, com as quais convivera bastante tempo durante sua estadia em Betânia, sofrendo a dor da separação causada pela morte. Jesus sentiu esse mesmo sofrimento e se incomodou muito com esse sentimento de perda, tristeza, luto.

E disse Ele: “Onde o pusestes”? Disseram-lhe: “Senhor, vem e vê”.

Jesus chorou. Nunca antes o unigênito Filho de Deus, o próprio Deus feito

homem, se mostrara tão humano. Lágrimas brotaram de seus olhos e molharam sua face, enquanto de sua garganta se ouviam soluços de dor e pesar. Jesus, o Cristo, chorou a morte de um homem. O mesmo Jesus que dissera que Abraão havia se alegrado ao ver o seu dia, que havia contemplado da eternidade onde habitava o nascimento, vida e morte de cada homem e mulher sobre a face da terra, chorou publicamente a morte de um único homem. Jesus, que do seu trono contemplara a morte de Moisés, Davi, Salomão e dos grandes reis do passado, chorou a morte de um morador de uma humilde aldeia da Judeia. Mas por que Jesus chorou?

Porque Ele se identificou com aquele homem. Quando presenciamos a morte e a dor que ela causa, temos a consciência do quão frágeis somos e ficamos profundamente abalados, pois não fomos criados para morrer. O Senhor Deus nos criou para vivermos eternamente com Ele, mas o pecado nos afastou do Senhor. E, se Deus é vida, sem a sua santa presença nós morremos.

Porém, o pecado não conseguiu apagar o que está gravado em nossa alma: que fomos criados para ser eternos. Por isso, meus filhinhos, temos tanta dificuldade de pensar no dia derradeiro de nossa existência. E quando esse dia finalmente chega para nossos entes queridos, nos perturbamos. Sentimos a dor da separação, da saudade, o terrível peso na alma de sabermos que nunca mais veremos nesta vida aqueles que dormiram no Senhor. Com o homem chamado Jesus de Nazaré não foi diferente.

Portanto, creiam em mim, Deus compreende a dor que sentimos quando somos confrontados com a separação causada pela morte. Mas Deus, que conhece a dor que a morte de um ente querido pode causar, é o mesmo Deus que sabe que a morte não é o fim de tudo, contudo o começo da melhor parte para aqueles que dormiram nEle. Por tudo isso, Jesus, na pessoa do Espírito Santo, o consolador, tem condições e autoridade para consolar nosso coração nessas horas tão difíceis.

— E o que aconteceu depois? — perguntou Policarpo.

— Ao verem Jesus chorar, disseram, pois, os judeus: “Vede como o amava”. E alguns deles disseram: “Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer também com que este não morresse”?

— Sim, esta é uma boa pergunta — retrucou Silvano. — Ouvimos agora mesmo

o senhor nos dizer que Jesus, certa vez, curara a distância o servo do centurião romano sem nem ao menos pisar na casa onde o homem jazia. Lembro-me também de uma vez o senhor nos dizer que Jesus libertara a filha de uma mulher estrangeira que estava endemoniada sem nem precisar chegar perto dela. Mas por que desta vez não foi assim? Haveria alguma limitação para ação do poder de Jesus, visto que Ele estava longe quando recebeu a notícia da doença de seu amigo?

— Irmão Silvano, teu silêncio já estava me preocupando! Ficaste tanto tempo calado que julguei haver perdido o interesse na história que estou contando — respondi com ironia, provocando risadas entre os presentes. — Amado irmão, respondendo à tua indagação, sim, é claro que Jesus poderia ter curado a Lázaro de onde Ele estava. Não há limites para o poder do Filho de Deus, como Ele mesmo nos disse após ter ressuscitado: "É-me dado todo o poder no céu e na terra".[1]

— Não foi esse o motivo por que Jesus não curou a Lázaro. O próprio Jesus deixou claro que havia uma razão para tudo isso quando disse que se alegrava por amor de nós de que lá não estivéssemos quando da doença e morte de seu amigo, a fim de que acreditássemos nEle. Não te esqueças, irmão Silvano, que embora tenhamos nossos próprios desejos, vontades e planos, e esperemos que o Senhor haja de acordo com eles, a vontade de Deus é sempre soberana e perfeita em seus propósitos. Como Ele mesmo declarou por meio do profeta Isaías, "os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos".[2]

— Por mais que naquele momento nenhum de nós entendêssemos, Deus tinha um plano por meio da doença e morte de Lázaro e, dentro desse plano, não apenas a sua cura era desejável, mas a presença de Jesus em Betânia após os quatro dias de sepultamento seria fundamental. Entretanto, irmão Silvano, acredite que até o fim desta história entenderás o propósito de Deus nisso tudo.

Pois bem, enquanto tais questionamentos circulavam entre os judeus que foram prestar seus pêsames à família de Lázaro, Jesus, pois, movendo-se outra vez muito em si mesmo foi ao sepulcro, e era uma caverna e tinha uma pedra posta sobre ela.

Disse Jesus: "Tirai a pedra".

Ele não pedira; ordenara. Mas para os judeus aquela ordem era obviamente fruto de alguém profundamente emocionado e que estaria, decerto, querendo despedir-se de seu amigo, visto que chegara atrasado para o funeral. Afinal, um judeu em sã consciência não pode tocar em um defunto ou mesmo em um sepulcro e correr o risco de ficar imundo e ter que cumprir os rituais de purificação prescritos na lei para adorar a Deus. Tanto era assim, que os sepulcros eram pintados de branco para que ninguém tocasse neles por engano.

Por isso Marta, irmã do defunto, disse-lhe: “Senhor, já cheira mal, porque é já de quatro dias”.

Mas Ele não queria se despedir de seu amigo Lázaro. Não era essa a sua intenção. Disse-lhe Jesus: “Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?”

Quando Marta ouviu Jesus dizer tais palavras com tamanha autoridade, ela, que estava envolvida com a emoção do momento, lembrou-se do que Jesus lhe dissera na estrada que dá acesso a Betânia: “Teu irmão há de ressuscitar”. Possivelmente ela pensou: Meu Deus, será isso possível? Eu ouvi falar que Ele ressuscitara uma menina pouco depois de ela morrer, e também um rapaz que estava sendo levado em um esquife para ser sepultado. Mas tinham acabado de morrer, e meu irmão já está sepultado faz quatro dias! Certamente o corpo já está cheirando mal. Não, isso não é possível, nem mesmo para Ele. Mas Ele afirmou com tamanha certeza...

Com o coração disparando e a respiração ofegante, ela olhou para sua irmã Maria que, sem entender o que estava acontecendo, via espantada o brilho de esperança nos olhos de Marta e Jesus olhando fixamente para o túmulo à sua frente. Marta então fez sinal para que os judeus movessem a pedra que selava a entrada do sepulcro.

Foi preciso empenho, pois a pedra, apesar de ter sido lavrada em formato circular, era muito pesada. Lentamente, ela se moveu revelando a entrada do sepulcro, sinistramente envolta em trevas.

Nós, os discípulos, observávamos completamente mudos, quer dizer, não apenas nós, mas todos os presentes.

E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: “Pai, graças te dou, por me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isso por causa

da multidão que está ao redor, para que creiam que tu me enviaste”.

Meus filhinhos, percebam que essa oração foi feita para ser ouvida por todos. Jesus, mais uma vez, fez questão de deixar claro a sua filiação: Jesus não é apenas o filho de Davi, mas também é o Filho de Deus. E o filho compartilha da intimidade de seu pai. Jesus estava declarando de forma clara que Ele é o Filho de Deus, que tem intimidade com o Pai celeste e que foi o próprio Deus Altíssimo quem o enviou. Mas falar não bastava, era necessário provar. E foi isso o que Ele fez a seguir.

Jesus, tendo dito isso, olhou firmemente para a entrada do sepulcro que o desafiava e clamou com grande voz:

“LÁZARO, VENHA PARA FORA!”

Silêncio. Não havia som de pássaros, do vento roçando a copa das árvores, de nada. Era como se o tempo tivesse parado. Olhávamos para dentro do sepulcro, mas nada víamos. O angustiante silêncio continuava. Olhei para Jesus, mas nunca o vira antes com aquela expressão resoluta e determinada do rosto. Ele olhava para o túmulo que estava diante dEle como se encarasse a própria morte a desafiá-lo, tal qual um guerreiro que encontra seu adversário no campo de batalha.

Sua voz ainda ecoava dentro de mim enquanto eu contemplava essa cena dramática. A mesma autoridade que o Senhor manifestara no princípio dos tempos ao ordenar “Haja Luz” agora era manifestada pelo Filho ao chamar a Lázaro.

Subitamente, o ar é cortado por um grito de pavor proferido por uma das mulheres presentes. Todos os olhares se voltaram para ela quando apontou para o sepulcro e caiu desmaiada. Marta e Maria se abraçam e, chorando e tremendo muito, caem de joelhos louvando a Deus. Todos olhamos para o túmulo, e a multidão, em uníssono, grita de espanto e terror:

Lázaro estava à porta do sepulcro! Vivo!

Ao ouvir meu relato, o cenáculo da casa de Pátroclo é tomado pelo maravilhoso som dos louvores proferidos por todos os presentes, com exceção de Silvano. Homens e mulheres choram de alegria enquanto glorificam o santo nome do Senhor sem cessar. Como é bom ver meus filhinhos novamente em comunhão com o Senhor, e não mais com seus corações corroídos pela frieza e pela dúvida!

Contudo, a história ainda não terminara. Tenho outras coisas importantes para falar-lhes.

— Meus filhinhos, meu velho coração muito se alegra ao vê-los mais uma vez louvando ao Senhor, porém se acalmem um pouco, pois ainda tenho muitas coisas para contar. — Digo isso enquanto gesticulo para que se controlem e se acalmem. — Além do mais, a hora já está avançada e devemos ser prudentes

para não chamarmos a atenção dos vizinhos e, principalmente, dos guardas que patrulham as ruas à noite, pois os dias são maus.

Embora tivessem escutado as minhas palavras, todos ainda estavam muito felizes, mas com a ajuda de Gaio, Demétrio e Policarpo, aos poucos se aquietaram e pude então continuar a contar os maravilhosos fatos que vi e vivi naquele dia em Betânia. Respiro fundo, volto a sentar-me e, calmamente, falo à igreja em Éfeso:

— Jesus, como homem que era, chorou a morte de um amigo chegado. E esse mesmo Jesus, no instante seguinte, que tantas vezes afirmara que era um com o Pai, o provou revelando seu poder ressuscitando esse amigo dos mortos. Jesus é o Cristo.

— Foi por isso que Ele retardou sua ida a Betânia, a fim de que por meio da realização de um milagre jamais realizado em toda a história de Israel, a ressurreição de um morto já sepultado há dias, ficasse patente aos olhos de todos quem Ele de fato era — afirmou Policarpo.

— Disseste bem, Policarpo. Jesus realmente sabia de tudo quanto estava por acontecer e até mesmo havia nos alertado o que faria e por que faria, mas nós, seus discípulos, estávamos tão preocupados com a sua segurança (e a nossa) que não atentamos para as suas palavras.

— Mas quando Jesus os alertara sobre todas essas coisas? — perguntou Silvano, ainda tentando encontrar algum engano em minhas palavras.

— Não prestaste atenção ao que tenho relatado nestes dias, irmão Silvano? Lembrar-te-ei — respondi, provocando-o. — Primeiro, ao receber a notícia dada pelo mensageiro, Jesus afirmou que aquela enfermidade não era para morte. Dois dias depois, quando decidiu seguir para Betânia, disse que Lázaro dormia, mas que iria despertá-lo de seu sono. Como não compreendíamos o que Ele dizia, afirmou então claramente que seu amigo Lázaro estava morto e disse mais, que folgava por não ter estado lá quando isso acontecera para que acreditássemos nEle. Jesus nos avisou o que faria, e assim foi.

— E por que Ele permitiu que isso acontecesse com seu amigo Lázaro e sua família? Por que o ressuscitou? Para uma simples demonstração de poder? — insistiu ele.

— Ainda não compreendeste? Tudo aconteceu por amor. Por amor de todos nós, e não apenas dos doze discípulos, mas de todos os que o amam e buscam a verdade. Jesus permitiu que isso acontecesse na vida de Lázaro e de sua família para que conhecêssemos em sua plenitude. E por amor a Lázaro e a sua família, Jesus transformou pranto em alegria, luto em festa e morte em vida. De forma oportunista, Jesus mostrou toda a sua humanidade e toda a sua divindade, não deixando dúvidas no coração dos discípulos de quem Ele realmente era.

Este é o momento. Todos estão exultantes com a narração do milagre e, por isso, receptivos à minha palavra. Não posso desperdiçar essa oportunidade de desmascarar Cerinto:

— Amados! Ouçam a minha voz, uma vez mais — conclamo imediatamente todos a prestarem atenção em mim. — Estais lembrados do que motivou esta reunião e as anteriores que tivemos aqui na casa de nosso irmão Pátroclo? Em nosso meio foram lançadas sementes de discórdia e de engano. E que engano seria esse? A heresia ensinada por Cerinto e seus seguidores de que Jesus Cristo não veio em carne. Alguém que não veio em carne poderia chorar? Alguém que não fosse homem como nós poderia se mover de íntima compaixão e perturbar-se ao contemplar a tragédia que a morte provoca? E esse mesmo homem, que derramou lágrimas sinceras pela perda de seu amigo, o ressuscitaria após quatro dias de sepultado, se também não fosse o próprio Deus encarnado na pessoa de seu Filho?

Mais uma vez todos os olhos estão voltados para mim. Muitos com olhos marejados de lágrimas, alguns já chorando enquanto outros, com olhar atento, refletem sobre cada palavra que estou dizendo. Mas o olhar mais marcante é o de Silvano. Um misto de derrota e raiva claramente se vê em sua face. Continuo a falar-lhes:

— Hoje, todos vós aprendestes um pouco mais sobre o que nosso Senhor Jesus Cristo fez e quem Ele é. Olhai por vós mesmos, para que não percais o que ganhastes. Antes, recebamos o inteiro galardão. Todo aquele que prevarica e não persevera na doutrina de Cristo não tem a Deus. Quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto o Pai como o Filho. Por isso, como Josué perguntou ao povo de Israel, pergunto a vós: agora, pois, escolhei a quem sirvais, se ao deus deste século ou ao Senhor, na pessoa de seu Filho Jesus Cristo.

Após um pequeno momento de hesitação, Miriam põe-se de pé e levanta a

cabeça olhando para mim. Posso ver em seus olhos o intenso brilho de lágrimas prontas a correr por sua face.

— Apóstolo João — começa a falar, com a voz claramente embargada pela emoção —, eu disse na primeira reunião que estava confusa, sem saber em quem acreditar. De fato, era assim que me sentia. Mas agora, mais uma vez te agradeço por teres dedicado a tua vida a nos ensinar a Palavra de Deus, pois agora sei, e não há mais dúvida em meu coração de que Jesus é o Cristo que viria para nos salvar de nossos pecados — concluiu ela sentando-se.

— Eu gostaria de falar também — disse Fídias. — Estava angustiado, pois não encontrava nas Escrituras subsídios para rebater as doutrinas de Cerinto, até que tu nos revelaste todos os maravilhosos fatos de Betânia que ouvimos hoje, e mais, nos explicaste outras passagens que ouvimos antes, mas, na verdade, não conhecíamos de forma completa.

— Perdão, apóstolo. — Desta vez, é Pátroclo, nosso anfitrião, que se põe de pé e, timidamente, começa a falar. — Entre todos os presentes, eu sou um dos mais novos na fé que conheci graças à dedicação e paciência de minha amada esposa Fabíola e ao testemunho de muitos irmãos e, especialmente, o seu próprio, apóstolo.

A atenção de todos os presentes se volta respeitosamente para ele. Posso ver no rosto de sua esposa a emoção e o orgulho de ouvi-lo testemunhar publicamente sua fé. Pátroclo continua a falar:

— Como todos vocês sabem, sou um homem de negócios. Fiz fortuna com o curtume, produzindo peças de couro que nem mesmo em Roma são encontradas. Porém, minha dedicação ao trabalho não me fazia feliz. Pelo contrário, afastava-me cada vez mais da minha família e não conseguia preencher o vazio de minha alma. Minha esposa, a princípio, tentava compensar minha ausência com festas, joias e sedas do oriente, mas não conseguiu. Ela então passou a sacrificar a todos os deuses conhecidos tentando o seu favor para reconquistar minha atenção. Contudo, mais uma vez, sem sucesso. Até que ela se tornou cristã. A princípio, suas explicações a respeito de Cristo me pareciam loucura, afinal, onde já se viu alguém que alegasse ser o Filho de um Deus que, em vez de ser um poderoso guerreiro como Hércules ou Aquiles, fosse um mero carpinteiro judeu que morreu crucificado?

Porém, comecei a notar algo diferente nela. Não havia mais o apego às joias e outras frivolidades. De repente, começou a se importar e a ajudar os pobres de Éfeso, doando roupas e comida. Até mesmo a postura em relação a nossos servos mudou, passando a tratá-los de maneira mais humana. Não diria que ela se transformou em outra pessoa, não. Continuou sendo a Fabíola, minha amada esposa, mas agora, era uma pessoa melhor. E isso chamou a minha atenção. Comecei a perceber que aquele Jesus a quem minha esposa servia e adorava tinha um poder que Hércules, Aquiles e nenhum dos deuses do Olimpo jamais tiveram: o de tornar as pessoas melhores. E eu sabia que precisava mudar, eu queria mudar. Foi então que ela me apresentou ao apóstolo João e ele me apresentou Jesus Cristo. — Nesse instante, Pátroclo olha para mim e posso ver que a timidez dera lugar à tranquilidade.

Meus irmãos — continuou ele —, eu estava morto como Lázaro. Quer dizer, não morto fisicamente, mas aqui. — Ao dizer isso, ele aponta para seu coração. — Eu tinha riqueza, prestígio, uma família honrada, mas não vivia, apenas existia. Minha existência era um suceder de dias e noites sem significado, sepultadas em meu curtume e, o que é pior, sepultando todos à minha volta juntamente comigo. Estava morto em meus pecados, mas Cristo me chamou para a vida, assim como fez com Lázaro, e hoje eu sou nova criatura.

O que estou querendo dizer, meus irmãos, é que somente o Filho do Deus Altíssimo faria o milagre que experimentei. Eu, um homem egoísta e insensível, ter meus pecados perdoados, minha mente purificada e meu coração cheio de amor pelo próximo. O que aprendi hoje é que Jesus não apenas pode nos salvar, mas que Ele quer salvarnos, pois se importa conosco. E a prova disso é que Ele abriu mão de sua glória nos céus e veio em carne, e viveu entre nós. Por isso, nos compreende e nos aceita.

Enfim, por tudo o que tenho vivido e aprendido desde a minha conversão, não tenho como acreditar em doutrinas que tentem separar Jesus de Cristo. Não sou apóstolo nem mestre para ter a pretensão de ensinar alguma coisa a alguém, mas tenho a convicção em minha alma — sua voz começa a ficar embargada pela emoção — de que o carpinteiro judeu que viveu há mais de cinquenta anos na Judeia e morreu crucificado por meus pecados, mas ressuscitou dos mortos ao terceiro dia e que antes disso ressuscitara a Lázaro, seu amigo, morto havia quatro dias, não era outro senão Jesus Cristo, o unigênito Filho de Deus, meu Senhor e meu Deus! — Ao dizer isso, chorando, cai de joelhos e, erguendo os braços, começa a glorificar o santo nome do Senhor.

Nesse instante, a glória do Senhor desce e todos adoram a Deus e a seu Filho Jesus.

Oh, meu Deus, que cena maravilhosa! Todos juntos glorificavam o nome do Senhor e adoravam a Jesus, o Filho do Deus Altíssimo! Glória a Deus! Obrigado, Senhor, muito obrigado! Posso sentir tua presença neste lugar, posso ver a tua luz inundado o cenáculo com a tua glória. Não há dúvida de que a verdade prevaleceu!

Quanto a Silvano, sua face não esboça nenhuma reação. Não creio que vá tentar lançar mais nenhuma pergunta vil contra mim, pois ele sabe que perdeu e que Cristo venceu. Lentamente, ele se levanta e vai embora, sem dizer única palavra a ninguém. Vejo uma sombra sinistra, uma presença demoníaca, que o acompanha ao sair. Lamento muito por ele, mas não há mais nada que possa fazer. Ele escolheu esse caminho de trevas e seu orgulho o impede de voltar atrás.

Mas agora é tempo de alegria, e não de lamento. A Igreja do Senhor em Éfeso está reunida e novamente alicerçada na doutrina dos apóstolos e mergulhada na presença do Espírito Santo. Definitivamente, esta reunião não tem mais hora para acabar.

Glória a Deus por isso!

---

[1] Mt 28.18

[2] Is 55.8

Capítulo

16

A HISTÓRIA POR TRÁS DA HISTÓRIA

Por fim, aos poucos os irmãos retornam para suas casas, ainda sob o impacto de tudo o que ouviram e vivenciaram no cenáculo da casa de Pátroclo, inclusive eu.

Gaio tinha ainda algumas dúvidas sobre a história de Lázaro e queria aproveitar a oportunidade para me fazer algumas perguntas.

— Mas e quanto a Lázaro? O que aconteceu com ele? — perguntou.

— O que aconteceu? Lázaro saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o rosto envolto num lenço, como era o costume nos sepultamentos. Disse-lhes Jesus: “Desligai-o e deixai-o ir”. E assim o fi zeram os judeus que lá estavam. Muitos, pois, dentre os judeus que tinham vindo a Maria e que tinham visto o que Jesus fizera creram nEle. Lázaro, o amigo de Jesus, que esteve na sepultura por quatro dias, voltou para Marta e Maria, suas irmãs, e para o convívio com o povo de Betânia.

— E o que Jesus fez depois desse milagre? — perguntou Demétrio.

— Bem, muitos dos judeus que tinham vindo a Maria e que viram o que Jesus fizera creram nEle. Mas alguns deles foram ter com os fariseus para contar o que Jesus fizera. Desde aquele dia, consultavam-se para o matarem. Jesus, pois, já não andava entre os judeus, mas retirou-se para a terra junto ao deserto, para uma cidade chamada Efraim. Ali andava com seus discípulos.

— Então Jesus mais uma vez se afastou de Jerusalém — afirmou Policarpo.

— Sim, mas não por muito tempo. Estava próxima a Páscoa dos judeus, e muitos

daquela região subiram a Jerusalém antes da festa para se purificarem.

— Jesus foi com eles? — perguntou Fídias.

— Sim, Jesus e os discípulos voltaram para Betânia seis dias antes da Páscoa. A sua última Páscoa — respondi.

— Mas Ele não teve receio de que o povo novamente tentasse apedrejá-lo? — indagou Papias.

—Não, pois algo maravilhoso acontecera. Lembram-se de que eu disse que muitos judeus que viram Lázaro ressuscitar creram em Jesus? Eles espalharam a notícia por toda a Jerusalém, logo muitas pessoas souberam que Jesus estava em Betânia participando de uma ceia e foram até lá, não só por causa de Jesus, mas também para ver Lázaro, a quem ressuscitara dos mortos, e ao verem, creram em Jesus.

Neste instante, paro de falar e fico pensativo, relembro-me daqueles dias que antecederam a fatídica Páscoa na qual meu Senhor morreu na cruz.

— O que foi presbítero, está sentindo alguma coisa? — perguntou Papias, preocupado com minha saúde.

— Não, meu filho, estou bem. Mas estou pensando sobre uma coisa para a qual não havia me atentado antes.

— O que seria, apóstolo? — perguntou Demétrio.

— Papias fez uma pergunta oportuna a respeito da possibilidade de Jesus não ser bem recebido em Jerusalém, pois, de fato, Ele fora praticamente expulso da cidade sob o risco de apedrejamento.

— É verdade, lembro-me de que tu nos contaste que os discípulos estavam temerosos de voltar a Betânia e Tomé declarou: “Vamos para morrermos com ele” — lembrou-se Gaio.

— Isso mesmo, amado Gaio, mas agora, tudo era diferente! Agora, os judeus o procuravam, queriam vê-lo e criam nEle! — respondi, cada vez mais animado com minha conclusão.

— Por causa de Lázaro? — arriscou Policarpo.

— Sim, meu filho, por causa de Lázaro. A ressurreição de Lázaro criou as condições para que Jesus fosse recebido como um rei em Jerusalém, pois a multidão que estava com Ele quando Lázaro foi chamado para a sepultura testificava que o ressuscitara dos mortos. Por essa razão, a multidão lhe saiu ao encontro, pois ouviram que Ele fizera esse milagre.

— Então a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém é consequência direta de Jesus ter ressuscitado a Lázaro em Betânia — concluiu Gaio.

— Mais do que isso, meu filho, mais do que isso. O testemunho de Lázaro e daqueles que o viram se levantar dentre os mortos abriram os olhos do povo e eles perceberam que Jesus era o Cristo que havia de vir. Tudo isso fez com que o recebessem com ramos de palmeiras e saíssem ao seu encontro clamando: “Hosana! Bendito o Rei de Israel que vem em nome do Senhor!” Ao verem isso, os fariseus decidiram não perder mais tempo em seu plano de matarem Jesus. A ressurreição de Lázaro foi o ponto de partida dos eventos que culminaram com a morte de Jesus na cruz e a sua consequente ressurreição três dias depois!

— Santo Deus! É verdade, todos os fatos se encaixam! — exclamou Demétrio. — E pensar que tudo começou com a doença e morte de um homem comum na pequena aldeia de Betânia!

— Sim, amado irmão Demétrio, mais uma vez percebemos que até mesmo a dor ou o sofrimento podem ter um significado maior e uma grande importância dentro do plano de Deus.

— Como eu gostaria de ter estado lá e ter visto esse milagre de Jesus! — exclamou Gaio em um suspiro. — Afinal, a ressurreição de Lázaro foi um fato único e inigualável que poucos tiveram o privilégio de presenciar.

— Muito pelo contrário, irmão Gaio. Jesus repetiu e tem repetido milhares de vezes esse mesmo milagre, inclusive aqui entre nós.

— Como assim? — perguntou ele.

— Este acontecimento que presenciei em Betânia é uma eloquente ilustração da obra redentora de Cristo. Da mesma forma que este milagre de Jesus somente foi possível graças à colaboração de muitas pessoas, Ele espera que nós também

participemos com Ele nesta obra na vida de muitos outros.

— Perdoe minha ignorância, mas não estou entendendo o que está querendo nos dizer — afirmou Diótrefes. — Por favor, esclareça-nos o mistério na história de Lázaro e que pessoas são essas que participaram da sua ressurreição.

— Claro, meu filho. Prestem atenção, todos. Jesus ama a cada homem e a cada mulher deste mundo tanto quanto amava a Lázaro. Ele sabe que muitos estão mortos em seus próprios pecados, sepultados em densas trevas espirituais. Mas Jesus não quer que continuem assim.

A oração, é como um mensageiro a clamar em favor daqueles que estão separados do amor de Deus, da mesma forma como Marta e Maria enviaram um mensageiro para avisar a Jesus a respeito de Lázaro. No tempo oportuno, Jesus agiu. Portanto, é nosso dever interceder por aqueles que desejamos que conheçam Jesus.

Mas não basta orarmos é trabalho da Igreja retirar a pedra, isto é, tirarmos todo e qualquer embaraço que impeça aqueles que estão espiritualmente mortos de ouvir a voz de Jesus. E isso se faz pregando o evangelho, falando do amor de Jesus, convidando-as para nossas reuniões, mostrando o amor de Deus por elas em cada palavra, gesto e olhar. Isso significa retirar a pedra. Assim, quando Jesus as chamar, ouvirão a sua voz, atenderão ao seu chamado e saltarão da morte para a vida!

— Compreendo, apóstolo — respondeu Gaio. — Há uma importante participação da Igreja, ou seja, de todos nós, no plano da salvação e é na oração, na evangelização e no testemunho.

— Mas ainda há mais, meus filhos. Nossa missão não termina aí. Lembremos que Lázaro ressurgiu dos mortos com o rosto coberto e as mãos e os pés enfaixados. Por isso Jesus ordenou que o desligassem e o deixassem seguir em frente, pois com esses panos sobre o corpo Lázaro não conseguia ver claramente o que estava à sua volta nem se locomover com liberdade, muito menos segurar em alguma coisa. Estava vivo, mas sem condições de viver plenamente, porque ainda estava preso aos costumes dos mortos.

— E o que isso significa, mestre? — perguntou-me Policarpo.

— Quando Cristo nos salva de nossos pecados, é como se saíssemos de um

escuro e frio sepulcro e encontrássemos do lado de fora um belo e quente dia ensolarado. Mas os resquícios de nosso estado anterior ainda estão presentes. Os maus hábitos, a conduta imprópria e os preconceitos de uma vida de pecado ainda estão conosco, impedindo-nos de ver com clareza e compreender todas as belezas do Reino de Deus, bem como de seguir andando em nossa caminhada espiritual e também de sermos úteis para a sua obra.

— Para resolver isso, Jesus conta mais uma vez com aqueles que estão em volta, isto é, conosco. Assim como Jesus ordenou aos judeus que estavam em volta de Lázaro que o desligassem, Ele quer que façamos o discipulado, isto é, que ajudemos nossos irmãos novos na fé a se livrarem de todas as amarras de sua vida pregressa a fim de que possam viver a liberdade do evangelho sem culpas nem limitações.

— Então quer dizer que cada um de nós tem uma importante participação na obra redentora de Jesus? — perguntou Diótrefes.

— Sim, meu filho — respondi. — Essa é a grande lição da história de Lázaro. Jesus se importa conosco. Ele se move de íntima compaixão ao contemplar nossa dor e tem todo o interesse em nos ajudar. Contudo, apesar de ter em suas mãos todo o poder nos céus e na terra, preferiu contar conosco para realizar a sua obra. Deus faz o impossível, mas o possível é responsabilidade nossa.

Capítulo

17

INDEFESO NA NOITE ESCURA

Anoite está alta, mas não sinto sono ou cansaço. Decido então caminhar um pouco pelas ruas de Éfeso para colocar meus pensamentos em ordem.

— Perdão, apóstolo — fala-me Pátroclo, mansamente. — Mas não seria melhor repousar em seu aposento? A hora está tão avançada e em sua idade...

— Não te preocupes, meu filho. Desta vez não pretendo me impor cargas que meu corpo não possa suportar. Realmente não tenho sono e uma breve caminhada me fará bem, acredite.

— Assim seja — concorda Pátroclo. — Permita então que o jovem Papias o acompanhe.

— Teu cuidado mais uma vez me comove Pátroclo, mas acredite, não é necessário. Disseste bem. Papias, de fato, é um jovem, e como os demais de sua idade precisa dormir bem mais do que nós, os anciãos, para repor as energias.

Finalmente ele consentiu e saí de sua casa, andando pelas ruas de pedra de Éfeso. Apesar de ser noite, não tenho dificuldade em locomover-me, visto que a luz irradiada pela lua cheia e pelas estrelas iluminam bem o meu caminho.

Não vejo a hora de voltar à minha casa! Embora seja muito bem tratado aqui, não me sinto plenamente à vontade, pois como hóspede, tenho que me adaptar às regras e rotinas da casa e quase que pedir autorização quando desejo sair. Graças ao Senhor, já recuperei minha saúde e possivelmente amanhã mesmo comunicarei a Pátroclo meus sinceros agradecimentos pela hospitalidade e pelo cuidado recebidos, mas voltarei para minha casa.

Sinto-me leve. Cumpri minha missão que o Senhor me confiou como apóstolo e pai espiritual da Igreja em Éfeso. E creio que agora poderei finalmente descansar do tempo de minha peregrinação por esta vida. Cerinto e Silvano já não são mais uma ameaça a mentes inocentes e incautas. A verdade prevaleceu.

Oh, Senhor! Eis aqui teu servo. Leva-me para junto de ti, pois não sinto prazer neste mundo vil! Quanto tempo ainda terei que esperar para ver o céu aberto para me receber?

Ando calmamente e sem pressa pelas ruas, observando as casas e prédios públicos construídos ao estilo romano. Neste horário, a rua está praticamente deserta, a não ser por um pobre bêbado sentado no chão. À minha frente, um pouco distante, mas na mesma calçada, vejo três vultos vindo em minha direção. Os dois maiores, ladeando o sujeito do meio que vinha um pouco atrás. Obviamente são guarda-costas do terceiro sujeito, o que parece indicar que este deve ser alguém importante ou de posses. Mas o que faria uma pessoa assim andando pelas ruas a essa hora?

As nuvens escondem a lua, cobrindo as ruas de densa penumbra. Apesar disso, percebo que os três pararam a sua caminhada, como se esperassem que eu fosse ao seu encontro. Estranho. O que será que eles pretendem? Seriam salteadores? Mas minhas humildes vestes denunciam que não tenho posses ou riquezas a serem tomadas. Seguro meu cajado com mais força, porém, não mudo a direção e continuo em frente. Na verdade, não tenho outra opção, pois caso estejam mal-intencionados a meu respeito, não teria como fugir, pois com minhas vacilantes pernas, mesmo que desse meia volta e tentasse retornar para a casa de Pátroclo, rapidamente me alcançariam.

Sinto meu coração bater acelerado ao me aproximar cada vez mais deles. Olho para atrás e vejo o bêbado relaxadamente deitado no chão, dormindo a sono solto. Se bem que, em tal estado de embriaguês, acordado ou dormindo não poderia mesmo contar com sua ajuda contra os três homens à minha frente caso eu gritasse por seu socorro.

Ouço uma coruja piar ao longe. Se eu fosse pagão, diria que é um mau agouro, mas já vivi bastante para aprender a reconhecer os verdadeiros sinais da presença de Deus ou do Inimigo de nossas almas e, definitivamente, o piado de um pássaro, por mais sinistro que possa parecer, não é um deles.

Mas ora, o que estou a temer? Não estava eu agora mesmo a clamar ao Pai para ser levado deste mundo? Se tiver que ser aqui e agora, sob a mão de malfeitores, que seja!

Estamos quase frente a frente. Sinto um estranho desconforto, um sentimento de mal-estar. A nuvem que cobria a lua continua seu caminho no céu e, mais uma vez, o luar ilumina a rua. Posso agora ver os seus rostos. Os dois maiores parecem fortes e mal encarados. Um deles possui uma cicatriz no lado direito da face. Não duvidaria que em outros tempos tivessem sido gladiadores. Percebo o volume do cabo de suas espadas sob os mantos que cobrem suas túnicas.

Já o terceiro homem, aparenta ter aproximadamente cinquenta anos, barba aparada e usa ricas vestes de linho fino ao estilo grego, apesar de sua fisionomia denunciar que era um judeu como eu.

Os três param à minha frente, como se já estivessem me esperando. Continuo andando em frente e então o inevitável finalmente acontece: estamos frente a frente. Antes que pudesse perguntar o que eles queriam e quais seriam as suas intenções, o homem do meio se põe a falar comigo:

— Saudações apóstolo — disse ele, com voz mansa, mas em um tom estranho, algo irônico. — Soube de tua pequena vitória hoje. Permita-me que me apresente: meu nome é Cerinto.

Capítulo

18

FRENTE A FRENTE

Éinevitável sentir um mal estar dentro de mim, uma mistura de surpresa e amargor ao saber quem é o homem que está à minha frente.

— Cerinto, o herege. Tenho ouvido falar muito de ti. Tens causado grandes males à Igreja do Senhor — respondo secamente, olhando-o nos olhos.

— Ora, ora, está sendo muito severo comigo, apóstolo. Que mal há em ampliar a compreensão das pessoas a respeito de Cristo e sua mensagem? De certa forma, sou também um apóstolo como tu.

— Tudo o que ensinas não passa de mentiras e nós dois sabemos muito bem disso! Teu intento não é levar as pessoas a Cristo, mas sim a ti. És um cego guiando outros cegos.

— Cego, eu? Muito pelo contrário João. Vejo muito bem e muito além do que consegues alcançar. Deixe-me contar minha história. Como talvez saiba, sou um judeu como tu, porém, não sou natural da Judeia, mas sim da Síria, da cidade de Antioquia. Eu era bem jovem quando o evangelho começou a ser pregado aos judeus nas sinagogas e depois aos gentios. E, creia-me, fui um dos primeiros a me converter à nova fé e não demorou muito para que assumisse uma posição de destaque dentro da comunidade cristã.

— Tu eras cristão? Por que tentas corromper a nossa fé com mentiras acerca de Jesus?

— Sim, eu era e vi qualidades interessantes na nova fé pelo fato de ser aberta a todos, homens, mulheres, servos ou livres, romanos, bárbaros ou judeus. Mas

também percebi limitações nela, então procurei corrigir isso.

— Não entendo.

— Claro que não. Tu és um velho judeu com o coração ainda preso à Galileia. Mesmo vivendo na grande Éfeso, não consegues ver que o mundo à nossa volta está mudando e aquele que souber posicionar-se de forma correta exercerá grande poder nele!

— Tu estás louco.

— Estou? Então me responda: como consegui em tão pouco tempo trazer a mim tantos membros de tuas igrejas em várias cidades, inclusive aqui em Éfeso?

Não há o que responder. Realmente não sei como esse impostor conseguiu enganar a tantos e de forma tão rápida.

— Teu silêncio já é uma eloquente resposta, João. — O tom de voz e o leve sorriso no canto da boa evidenciam o quanto Cerinto aprecia ver-me sem resposta. — Mas tenha paciência, explicarei.

— Falai, então. Tenho a noite toda para ouvir-te.

— Como disse, abracei a fé cristã no Egito e logo me tornei um líder dentro da comunidade. Porém, algo me incomodava. Éramos um grupo variado de irmãos e irmãs, a maioria era pessoas pobres e escravos. Quando vinham as perseguições, muitos eram julgados e mortos, pois não contávamos com pessoas influentes em nosso grupo para nos proteger ou mesmo acobertar. Enquanto isso, os seguidores das religiões de mistério e das ciências ocultas não eram importunados. Muito pelo contrário, muitos cidadãos romanos e até mesmo nobres e pessoas abastadas frequentavam suas reuniões.

— Não sei por que te surpreenderias com isso. O próprio Jesus nos disse: “Se o mundo vos aborrece, sabei que, primeiro do que a vós, me aborreceu a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas, porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece”.[1]

— Ora, apóstolo, poupe-me dessas citações — retrucou com desdém. — Minha conclusão foi mais, digamos, terrena.

Ele volta a contar a sua história.

— Percebi que a fé em Cristo trazia algum alento às almas ao pregar não apenas um céu para os bons após a morte, mas também uma fraternidade entre os homens nesta vida, independente de raça, tribo, nação ou posses. Obviamente, essa mensagem era mais atraente para os pobres deste mundo do que para um senador romano, contudo ainda havia uns poucos abastados entre nós. Enquanto isso, via os sacerdotes de Ísis e mestres das mais diversas crenças do mundo vivendo de forma bem confortável graças às generosas contribuições de seus seguidores.

— Humm, começo a compreender-te. — Agora é minha vez de ser irônico.

— Eu sabia que a mensagem do evangelho era claramente superior à daquelas crenças exóticas, mas por que então eram tão atraentes? Resolvi frequentar as reuniões e a conversar com seus adeptos fingindo querer me juntar a eles para tentar entender. Foi aí então que fui iluminado.

— Não sou um de teus seguidores, Cerinto, portanto não tente me iludir com uma suposta “iluminação” recebida. O que tu descobriste?

— O mistério, João. As pessoas querem o mistério, o oculto. Elas não querem um Deus que convide e iguale a todos em seu amor, mas um deus que as escolha para receberem uma iluminação negada às demais. Elas querem se sentir especiais, superiores às outras.

— Mas não foi isso que Jesus nos ensinou! — protesto com veemência. — Ele mesmo disse: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”.[2] Toda criatura, e não a uns poucos escolhidos!

— Tu não entendes. Não importa o que Jesus disse, mas o que as pessoas querem ouvir. E elas não querem um evangelho de renúncia, resistência às tentações, em que os prazeres da vida são tratados como coisas pecaminosas, não! Querem continuar com sua maneira de viver, mas para silenciar a consciência precisam de uma filosofia, uma crença que as faça se sentir em comunhão com o mundo espiritual, mesmo que esse sentimento esteja alicerçado apenas em liturgias, incensos e cânticos exóticos. Muitos pensam que o poder advém da força da espada e outros das riquezas, mas o verdadeiro poder vem da gnose, do conhecimento. Quem tem o conhecimento terá a força e a riqueza a seu serviço.

Suas palavras me causam enjoos e ânsia de vômito. Não sente a menor vergonha em dizê-las; muito pelo contrário, percebo até certa arrogância nelas.

— Foi aí, então, que tu apostataste da fé.

— Digamos que eu aperfeiçoei a fé. — Há sarcasmo em sua voz. — O que fiz foi apenas juntar o que havia de melhor nas duas crenças e criei uma nova. A mensagem de amor ao próximo de Cristo, somada à acepção de pessoas e à liturgia do culto dos mistérios dos povos bárbaros que tanto encantam os ricos e poderosos. Tudo isso, é claro, sem a exagerada ênfase que vocês dão à santidade e à vida sem pecados.

— Tu me enojas, Cerinto. Tu maculaste todo o evangelho do Filho de Deus!

— Bem lembrado João: Jesus, o Filho de Deus. — Ele continua sem se importar com minha indignação. — Logo percebi que a divindade de Cristo era de difícil aceitação para eles. Como um senador ou um influente cidadão romano poderiam adorar a um deus judeu nascido e morto na Palestina em uma vergonhosa cruz romana? Só havia uma maneira: separar Cristo de Jesus. Cristo seria o espírito de Deus e habitaria no corpo de Jesus, seu profeta. Quem morrera na cruz seria o judeu Jesus e não o deus Cristo. Inteligente, não acha?

Jamais conheci ser mais desprezível em toda a minha vida. E ele continua a falar.

— Obviamente que com essa separação o sacrifício de Cristo na cruz para salvação dos pecadores não faria mais sentido. Por isso prego que a salvação é alcançada por meio do conhecimento. Cristo não é o salvador-sofredor, mas sim o iluminador que desperta as almas do sono da ignorância. Essa nova interpretação a respeito de Cristo e de sua natureza me trouxe outra vantagem: Muitos de meus ricos seguidores não queriam se arrepender de seus pecados. Na verdade, eles gostam da boa vida que levam. Querem apenas dar algum significado para elas. Com a separação da pessoa de Jesus da pessoa de Cristo, pude separar também a matéria do espírito. Se a carne tende ao pecado, ora, deixe-a pecar! O que importa para Deus é apenas o coração, visto que esta é a parte eterna.

— Você consegue perceber que consegui juntar o melhor dos dois mundos, João? Em minha escola gnóstica temos a mensagem de amor ao próximo de Jesus somada ao estimulante ambiente místico dos cultos pagãos de mistérios, mas sem as restritivas pregações contra o pecado dos cristãos. É isso o que tenho

ensinado e, creia-me, tenho sido bem-sucedido em conseguir muitos e bons adeptos aos meus ensinos.

Ao concluir essas odiosas palavras, ele abre os braços em meio a um sorriso para que eu admire suas ricas vestes de linho fino.

— Herege! Apóstata! — exclamo cheio de ira, apertando o meu cajado com força. — Maldito seja o dia em que tua mãe te pôs no mundo! Como ousas inventar tantas mentiras sobre Jesus Cristo, o unigênito Filho de Deus? Anticristo!

Diante de minha reação colérica, os guarda-costas de Cerinto que estavam um pouco atrás, imediatamente se posicionam ao lado de seu senhor e levam as mãos ao punho de suas espadas, mas são contidos por um gesto dele.

— Não é preciso. Ele não me fará nenhum mal. Além de velho, a sua fé o obriga a me amar. Não foi isso que teu Senhor Jesus te ensinou, João?

Suas palavras me cortam mais do que punhais e aumentam ainda mais a minha ira. Não há dúvidas de que ele sabe como despertar o velho Boanerges que há em mim. Assim como Silvano, ele sabe como usar as Escrituras para me desacreditar e me desestabilizar. Assim como Silvano...

— Tu orientaste Silvano como ele deveria agir e o que deveria dizer para me atacar diante de minha igreja! Era isso o que combinavam no Banho Público, não era? E é por isso que tu estás aqui agora, pois Silvano te comunicou a derrota que sofreste esta noite!

Suas feições mudaram ao ouvir minhas palavras, o que prova que estou certo.

— És mais sagaz do que imaginei, apóstolo. Tenho levado meus ensinos a localidades onde comunidades cristãs já estejam estabelecidas, pois é mais fácil convencer pessoas que tenham um conhecimento prévio a respeito de Jesus. Primeiro envio emissários para se infiltrarem na igreja local. Eu os oriento a procurarem pessoas que aparentem ter alguma ascensão sobre o grupo, mesmo que não façam parte de sua liderança. Se perceberem nelas a ambição necessária e um inconformismo por não se sentirem reconhecidas, achamos o nosso homem para infiltrar nossas crenças no grupo. E aqui em Éfeso, a capital da província romana da Ásia, e o centro comercial de toda a região, este homem era Silvano. Investimos um bom tempo preparando-o, e ele, de fato, correspondeu às

expectativas convencendo um bom número de cristãos a nos seguirem. Porém, não contávamos com tua intervenção. Orientei-o pessoalmente de como deveria agir, o que deveria dizer, mas não consegui impedir que os reconquistasse. Contudo, não te regozijes com a vitória que alcançaste nesta noite, pois, além de pequena, será muito breve.

— O que queres dizer com isso? Irás matar-me agora? — dirijo meu olhar para os dois guarda-costas que o acompanham.

O olhar de Cerinto para mim era mais gélido do que as águas do rio Cayster durante o inverno.[3]

— Não seja presunçoso. Não preciso fazer isso. Olhe para você mesmo. Não passa de um pobre velho. Quase morreu em seu embate com Silvano. Quanto tempo de vida ainda tem pela frente? Um ano? Dois? Quanto a mim, sou décadas mais novo do que você. Como eu lhe disse, tenho plantado minhas escolas em diversas cidades onde comunidades cristãs já estavam estabelecidas. Éfeso é apenas mais uma. O que irá fazer? Viajar por toda a Ásia, de cidade em cidade, para debater com meus seguidores? Morreria de fadiga antes de concluir teu inútil esforço. Além do mais, acredite, você e seus irmãos cristãos têm motivos mais sérios para se preocuparem. Lembra-se de que eu disse que o mundo está mudando e que conhecimento é poder? Alguns de meus seguidores são pessoas influentes e muito bem informadas a respeito do que acontece nos palácios de Roma. O imperador Domiciano em pouco tempo iniciará uma nova perseguição contra seguidores de crenças que ele considera subversivas e contrárias aos interesses de Roma. Não tenha dúvidas de que a sua amada igreja é uma delas, João. Mas a minha, não.

— O que pretendes ao me contar todas essas coisas? Qual o propósito ao me abordar a esta hora?

— Quero lhe fazer uma proposta. Junte-se a mim. Com o apoio do último apóstolo vivo, ninguém mais poderá se opor a nós, nem o imperador. Desta forma, você e seus seguidores escaparão da perseguição que está às portas.

— Tu realmente não me conheces. Eu sou João, o discípulo amado. Aquele que se assentava ao lado de Jesus e se recostava em seu peito. Eu o vi andar sobre as águas, multiplicar os pães e ressuscitar a Lázaro. Eu o vi transfigurado ao lado de Elias e Moisés! Foi a mim que ele confiou a sua mãe, Maria, quando estava

pendurado na cruz. Eu o vi morrer e ressuscitar ao terceiro dia! Eu estava lá quando Jesus, o Filho de Deus subiu aos céus. Achas mesmo que tenho algum medo da morte? Tu disseste bem: sou o último apóstolo vivo e todos os que dormem no Senhor foram fiéis até o fim, mesmo sob o fio da espada. Achas mesmo que eu iria negar esta herança de fé? Um cristão, um verdadeiro cristão não ama o mundo nem o que no mundo há. Se alguém está no mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência do olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo. E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.

Enquanto me ouvia falar, o semblante de Cerinto permaneceu impassível.

— Que assim seja. Não o procurarei mais. Percebo que estou desperdiçando meu tempo e, o mais importante, desperdiçando o seu que é bem menor do que o meu. Paz seja contigo, apóstolo.

Não respondo; fico parado observando Cerinto e os dois homens que o acompanham darem meia-volta e seguirem na escuridão da noite. Meu coração está acelerado e minha mente confusa com tudo que ouvi nesta noite. Tenho, porém, uma dolorosa certeza apertando meu coração.

Cerinto está certo.

Sou um pobre velho e não tenho condições de repetir em todas as igrejas tudo o que vivenciei nestas últimas semanas em Éfeso.

Meu Deus, o que eu posso fazer?

---

[1] Jo 15.18,19

[2] Mc 16.15

[3] A cidade de Éfeso era localizada na desembocadura do Rio Cayster, na Costa Oeste da Ásia Menor.

Capítulo

19

NO PRINCÍPIO ERA O VERBO

Poucos dias depois daquela noite memorável, recebemos em nossa casa, eu e Papias, a visita de Gaio, Demétrio, Diótrefes, Policarpo e os demais presbíteros que vinham se despedir, pois pretendiam o quanto antes contar em suas igrejas tudo o que se passara em Éfeso. Curiosamente, junto com eles, estava também Fídias.

Conversávamos a respeito de tudo o que acontecera nesses últimos dias. Como a igreja fora tão facilmente envolvida por doutrinas estranhas, de todo o trabalho que tivemos para reverter a situação e, em especial, como o Senhor Deus nos concedera tão maravilhosa vitória. Não contei a eles sobre o misterioso encontro que tive com Cerinto naquela noite, pois não queria preocupá-los. Aproveito a oportunidade para as últimas recomendações.

— Mais uma vez vos digo: não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus. Quando Jesus chorou, Ele demonstrou clara e publicamente que era um homem sujeito às mesmas paixões e sentimentos que qualquer um de nós. Mas quando ressuscitou a Lázaro, manifestou o poder e a autoridade que somente o unigênito Filho de Deus poderia ter. Como está escrito: “Eis que a virgem conceberá, e dará a luz um filho, e será seu nome Emanuel”.[1]

— Mas o que isso quer dizer? Quem é esse Emanuel? — perguntou Fídias.

— Emanuel significa “Deus conosco”. Está escrito no livro do profeta Isaías a

respeito do Messias — respondeu Papias.

— Muito bem, Papias, é isso mesmo. Isaías profetizou que Jesus, o Messias, não seria um homem qualquer, mas Deus entre nós, Deus feito homem presente aqui, convivendo conosco, sentindo o que sentimos e se identificando com nossas fraquezas e limitações. Jesus é Deus conosco. Pena que Silvano não conseguiu ou não quis compreender essa verdade. Ele estava entre nós, mas não um era de nós, pois se fosse um de nós, ficaria conosco. Contudo, isso aconteceu para que se revelasse, que ele, na verdade, não era um de nós.

— Mas agora, graças ao senhor, estamos livres dele e de sua heresia — comentou o jovem.

— Ah, meu filho! Como eu gostaria de ter esta tua certeza — suspirei.

— O que o preocupa, apóstolo? Acha que Silvano voltará a nos importunar?

— Meu jovem, quando se arranca uma erva daninha, se faz pela raiz, a fim de que não volte a nascer. Temo que algum pequeno pedaço de raiz ainda tenha ficado escondido embaixo da terra e que no momento que julgar oportuno se manifestará.

— O senhor acredita que ainda há seguidores de Cerinto em nosso meio? — perguntou Fídias.

Sim, irmão Fídias, acredito. Não creio que Silvano tenha agido sozinho.

— Concordo com o senhor — afirmou Policarpo. — Temo que o que vivemos aqui em Éfeso seja apenas a primeira batalha de uma longa guerra que teremos de travar em todas as igrejas da Ásia e até mesmo em Roma em nome da verdade.

— Penso da mesma forma, amado Policarpo — respondo em um tom grave. — Preocupo-me que tais heresias se espalhem muito mais rapidamente do que minha capacidade de visitar as igrejas. Na verdade, creio que não tenho mais saúde para tal empreitada; logo, o que será da Igreja de Cristo quando o último apóstolo ainda vivo finalmente dormir no Senhor?

— Não, mestre! — protestou Papias. — Antes que isso aconteça, nosso Senhor Jesus Cristo buscará sua Igreja. O senhor não verá a morte!

— De onde tiraste tal ideia, meu filho? — indaguei eu, surpreso com o comentário do rapaz.

— Jesus disse que o senhor viveria até que Ele retornasse para buscar a sua Igreja, segundo ouvi dos mais antigos.

— Sim, eu também já ouvi isso — confirmou Fídias.

— Não, não! Jesus não disse isso, ou melhor, não quis dizer isso. Na verdade, na terceira vez em que Jesus se apresentou aos discípulos, depois de ter ressuscitado dos mortos, perguntou três vezes a Pedro se o amava, e ele respondeu que sim. Estais lembrados de quando vos contei isso?

Todos responderem afirmativamente.

— Pois bem, depois de ter convidado a Pedro para apascentar suas ovelhas e dizer-lhe que morte haveria de ter, disse Jesus a ele: “Segue-me”. E Pedro, voltando-se, viu que eu o seguia. Vendo Pedro a mim, disse a Jesus: “Senhor, e deste que será”? Disse-lhe Jesus: “Se eu quero que ele fique até que venha, que te importa a ti? Segue-me tu”. Divulgou-se, pois, entre os irmãos que eu não morreria. Jesus, porém, não disse que eu não morreria, mas: “Se eu quero que ele fique até que venha, que te importa a ti”?

— Este seu relato reforça aquilo que viemos pedir em nome de todos os bispos da Ásia — disse Gaio.

— Pedir-me? O que seria?

— Apóstolo João, quando solicitamos tua ajuda, Demétrio afirmara que tu eras o último dos apóstolos vivos. E que precisávamos do seu testemunho para combater as heresias de Cerinto, como de fato ocorreu.

— Sim, eu me lembro.

— Pois bem, o senhor nos contou a história de Lázaro, que não fora registrada nem por Mateus, Marcos ou mesmo Lucas e, graças a ela, a igreja foi restaurada.

— Sei tudo isso, mas não sei aonde queres chegar. O que os bispos querem de mim?

— Apóstolo João, escreva o teu relato acerca do ministério de Jesus.

Confesso que fui surpreendido com esse pedido. Nunca passara por minha cabeça tal coisa.

— Meus filhos, não creio que seja necessário...

— Perdoe-me, mestre, mas pela primeira vez, discordo do senhor — retrucou Policarpo. — Durante o meu discipulado, ouvi do senhor fatos que nunca li nas Escrituras acerca de Cristo. Precisamos de seus relatos, a Igreja do Senhor precisa, pois se forem escritos irão a lugares muito mais distantes do que suas pernas poderiam levá-lo. Onde houver uma Igreja do Senhor, haverá uma cópia de seus escritos, para que todos saibam não apenas de tudo o que Jesus fez e ensinou, mas que Ele é o unigênito Filho de Deus.

— Exatamente, apóstolo — continuou Gaio. — Graças a ti aprendemos sobre o cego de nascença e sobre Lázaro. Quantas outras coisas o senhor poderia descrever que não constam nos demais escritos acerca de Jesus?

— Sim, há muitas outras coisas que Jesus fez. Se cada uma delas fosse descrita, acredito que nem a ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem — creio que já disse isso antes. — Sim, não seria justo descer à sepultura levando comigo todas as maravilhas que Jesus fez sem partilhar essas histórias com os demais irmãos de todas as igrejas. Aonde minhas pernas não puderem ir, meus escritos irão. Quando eu me calar para sempre, meus escritos falarão por mim. Mas há um problema, meus amados.

— Qual seria? — perguntou Policarpo.

— Meu conhecimento da língua grega me permite falar com certa desenvoltura, mas minha escrita nesse idioma não é tão boa para escrever uma obra desta importância.

— Sabíamos que faria essa objeção, mestre — falou Policarpo com um sorriso maroto —, por isso nos sentimos à vontade para pedir a Fídias que seja o seu escriba, passando para o pergaminho cada palavra que disser.

Olho surpreso para eles ao perceber que estão realmente falando sério. Não há dúvida de que antes de falarem comigo tomaram a sua decisão e que fora bem pensada em todos os seus detalhes. Volto-me a Fídias:

— Quer dizer que dominas a escrita grega? — perguntei-lhe.

— E a língua dos judeus também, apóstolo. Se lhe for mais cômodo, pode recitar o texto em sua língua materna que eu o escreverei em grego sem problemas — respondeu ele com uma indisfarçável ponta de orgulho.

Arregalo ainda mais os olhos, surpreso com essa afirmação.

— E como foi que aprendeste a minha língua e a de nosso Senhor Jesus Cristo? — perguntei com um leve sorriso nos lábios.

— Trabalhei muitos anos com um mercador judeu que possuía uma loja junto ao porto de Éfeso.

— Meus filhos, acho que não encontrariam pessoa melhor para essa tarefa.

— Isso quer dizer que... — disse Policarpo.

— Farei o que me pedem, meus filhos. Aos escritos de Mateus, Marcos e Lucas se juntarão os escritos de João.

Imediatamente, todos os presentes exultaram de alegria e glorificaram a Deus.

— É cedo para se alegrarem meus amigos. Aceitar tal empreitada significa que terei de me afastar um tempo da congregação dedicando-me integralmente a rememorar e ordenar os fatos que vi durante o ministério de Jesus. Não sei quanto tempo esse trabalho exigirá de mim, mas certamente não será pouco. Ao mesmo tempo, desejo que retornem às igrejas na Ásia e também no Egito para contar-lhes tudo o que ocorreu aqui, a fim de que se mantenham alertas contra os falsos mestres. Para corroborar com vosso testemunho, gostaria que Demétrio fosse convosco como meu representante, especialmente às igrejas que não enviaram seus presbíteros. Prepararei uma carta de apresentação para ti. Podes fazer este sacrifício pela igreja, amado Demétrio?

— Existo para servir a nosso Senhor Jesus Cristo. Além do mais, levar uma mensagem sua aos nossos irmãos não é um sacrifício, antes, é um privilégio.

— Sabia que poderia contar contigo, meu amigo.

— Acho que é prudente que o alerta seja dado a toda a igreja do Senhor —

afirmou Policarpo. — E quanto à igreja em Éfeso? Se Demétrio seguirá conosco e o senhor se retirará, quem pastoreará a igreja?

— Sim, esta é uma questão de suma importância. Gostaria de indicar o nome de nosso amado irmão Diótrefes para esta importante função. Tem sido um diácono dedicado e fiel neste período conturbado pelo qual acabamos de passar. Tu aceitarias esta missão, meu filho?

— Eu? Não sei se estou à altura de tal honra.

— Disseste bem, é uma honra, mas também é uma grande responsabilidade. Tens servido bem a Deus e à igreja por meio de teu diaconato e testemunho nos últimos dias, e acredito que estás preparado. Mas não temas; assim que terminar meus escritos, irei ajudá-lo à frente da congregação. Os irmãos presentes concordam?

Todos concordam em um uníssono amém. Diótrefes se ajoelha e colocamos então as mãos sobre ele. Ao se levantar, há em seu semblante um ar de contentamento, mas também algo que não sei decifrar. Não, estou me preocupando à toa. Quanto mais velho estamos, mais desconfiados ficamos.

— Fico feliz em saber que todos concordamos nesta importante decisão, porém, há ainda uma outra questão que tenho que resolver antes de me dedicar integralmente à missão que os irmãos me confiaram. Papias.

Ao ouvir seu nome, o pobre rapaz arregalou os olhos.

— Acaso fiz algo que desagradou ao senhor? Se foi assim, por favor, me perdoe!

— Oh, meu filho, não fizeste nada de errado, muito pelo contrário! Teu crescimento espiritual traz muita alegria. Mas terei que me dedicar integralmente a esses escritos e não terei tempo de te dar a atenção que tanto precisas e mereces para completar tua formação. Na verdade, creio que precisas agora de outro tipo de experiência, por isso recomendo que sigas com Policarpo para Esmirna. Lá poderás ser muito útil à Igreja do Senhor auxiliando-o em suas atividades ministeriais. O que achas?

Os olhos dele se tornaram marejados.

— Ah, mestre João, não me peça isso! Há tanto ainda para aprender contigo! E

quem cuidará do senhor?

Meu coração se quebranta com essa demonstração sincera de afeto.

— Papias, sabes que te amo como a um verdadeiro filho. Por essa razão, confio-te a outro filho meu na fé, Policarpo. Sabemos que esta é a decisão acertada a se tomar. A Igreja precisa de ti tanto quanto tu precisas, e no fundo queres esta nova experiência. Não seria justo desperdiçá-la por minha causa. Não me perdoaria se isso acontecesse. Vá, meu filho, pode ir sem receio, pois ficarei bem. O Senhor nunca me faltou a minha vida inteira e não o fará agora. Vá, e sê tu uma bênção.

Com lágrimas nos olhos nos abraçamos em um longo e apertado abraço. Minha vida é feita de despedidas. Meu Senhor Jesus, quando ascendeu aos céus; meu irmão Tiago, morto por ordem de Herodes; cada um dos doze, Maria, mãe do Senhor e, agora, Policarpo e Papias. Será que terei uma nova oportunidade de ver esses dois homens ainda nesta vida?

Papias separa seus pertences e os coloca em seu alforje. Não se esqueceu dos pergaminhos e tinta, bom sinal. Logo em seguida, Policarpo, Gaio e os demais presbíteros despediram-se de nós e seguiram viagem para suas igrejas, a fim de narrar tudo o que viram e ouviram acerca de Jesus.

Com o coração apertado, fico à porta vendo-os seguir o caminho que leva em direção ao porto. Em pouco tempo, já não os vejo mais e passo então a contemplar o radiante céu azul da manhã. Fecho os olhos e deixo meus pensamentos se elevarem até o trono da graça.

Senhor, é isso que queres de mim? Antes de todos esses acontecimentos começarem, enquanto eu pensava que nada mais restava a este pobre velho a não ser a sepultura, Tu preparavas um novo desafio para mim: descrever os maravilhosos dias que vivi ao lado da Luz do mundo. Mais uma vez lembro-me do profeta Isaías: “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor”.[2]

Sim, Mateus, Marcos e Lucas, cada um ao seu modo, relataram as ações e as palavras de Jesus. Mateus escreveu para judeus, em nossa própria língua, revelando-o como o Messias rejeitado. Já Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, descreveu Jesus como o homem de ação de Deus. Por fim, o meticuloso Lucas, seguidor de Paulo, registrou-o como o homem ideal, o que de fato Ele era. Chegou a minha vez, mas o que relatar? Qual faceta de Jesus salientar?

Ah, Senhor, tenha misericórdia de mim! Tu prometeste que não nos deixaria órfãos e que nos enviaria outro Consolador que nos lembraria de todas as coisas. Tenho comprovado essa verdade ao longo de todos esses anos, mas nunca precisei tanto da inspiração do teu Santo Espírito como agora. Eis-me aqui, Senhor, usa-me!

Quase que imediatamente, meu coração se enche de gozo e sinto de forma tão intensa a doce presença do Espírito Santo e, em minha mente, começam a passar imagens de tudo o que vivi ao lado do Mestre: João Batista proclamando Jesus como o Messias, os primeiros discípulos, as bodas de Caná, a visita de Nicodemos...

— Apóstolo João — chamou-me Fídias —, quando o senhor gostaria que começássemos a escrever?

Abro os olhos e me viro em direção ao interior da casa. Vejo Fídias e Papias à minha espera. Creio que Fídias seja a pessoa ideal para essa importante missão. Papias será um grande homem de Deus, talvez chegue ao bispado, mas sua vocação não está nas letras. Ah, Senhor, por caminhos misteriosos, Tu estás sempre cuidando de sua Igreja, enviando as pessoas certas para cada obra que tens para realizar. Louvado seja o teu santo nome!

— Presbítero, está tudo bem? — perguntou-me Papias.

— Oh, perdoem-me meus filhos, mas quem muito viveu às vezes tende a se perder em seus pensamentos e lembranças. Mas o que me perguntaste, Fídias?

— Perguntei quando o senhor gostaria que começássemos a escrever?

— Por que não agora? — respondi empolgado.

— Eu já esperava essa resposta — respondeu-me com um sorriso, retirando de seu alforje folhas de pergaminho. — Por isso vim preparado.

— Muito bem, meu filho, estou impressionado. Por favor, tome assento junto à mesa. Nela há tinta e pena.

Fídias se assenta, toma umas das folhas, molha a pena no vasilhame de tinta e, depois, a segura esperando as primeiras palavras acerca das Boas-Novas de Jesus Cristo.

E é justamente essa a parte mais difícil. Por onde começar? Pelo seu maravilhoso nascimento? Isso Mateus e Lucas já narraram muito bem, assim como suas parábolas e seu ministério na Galileia. Em razão de tudo o que vivemos nestes dias em Éfeso, tenho que ser ainda mais explícito sobre quem Ele é. Para isso, tenho que me concentrar em suas palavras e em seus sinais. Seus ensinos nos revelaram que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, enquanto os sinais que Ele realizou corroboram suas afirmações sobre si mesmo. Não, mais do que isso, os milagres praticados por Jesus eram sinais que ilustravam como parábolas vivas suas reivindicações divinas.

Seu milagre transformando água em vinho, águas essas guardadas em talhas de pedra para os ritos da purificação, revelam o novo pacto no sangue de Cristo substituindo a antiga aliança da lei. Sua multiplicação dos pães alimentando cinco mil almas famintas ilustram sua afirmação de que era o Pão da Vida. Da mesma forma quando Ele, a luz do mundo, fez o cego de nascença enxergar. Mas principalmente quando trouxe Lázaro de volta à vida, Jesus provou que Ele era a ressurreição e a vida. Nada foi por acaso; antes, havia um propósito. Cada sinal praticado por Jesus se casava espiritualmente com sua mensagem pregada. Se crermos que Jesus é o Cristo, o unigênito Filho de Deus, teremos vida em seu nome. Vida em abundância. Vida eterna. É isso o que devo contar.

Mais uma vez, fecho os olhos e sinto as palavras que o Espírito quer que sejam escritas brotando em meu coração. Finalmente, abro a boca e elas se fazem ouvir.

— No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus...

Fídias começa a escrever enquanto as palavras continuam brotando em meu coração:

— ... Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele, nada do que foi feito, se fez...

Sinto os pelos do meu corpo se arrepiarem e o poder e a glória de Deus me envolverem. Olho para Fídias e percebo que o mesmo acontece com ele também. Há uma luz, uma glória presente na casa que é impossível ignorar. Não há dúvidas de que o que estamos fazendo não é apenas da vontade de Deus, mas Ele mesmo está no controle de tudo o que está acontecendo.

— ... Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens...

Meu coração se enche de temor e assombro, pois percebo finalmente que não estamos escrevendo um relato qualquer. Nosso Senhor Jesus Cristo está nos usando como instrumentos para trazer mais uma vez sua Palavra à sua igreja e à posteridade. Esses frágeis pergaminhos escritos em grego são Escrituras divinamente inspiradas, vindas do trono da graça!

As palavras sagradas têm vindo a mim e continuarão a vir até que o propósito de Deus se cumpra e todo homem saiba que:

— ... E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e verdade.

Amém.

---

[1] Is 7.14

[2] Is 55.8

EPÍLOGO

Diótrefes desceu a rua que conduzia ao porto. Já era tarde, e não havia mais a agitação típica do local. Durante a noite, o ambiente se transformava com a escuridão entrecortada pela luz dançante de alguns poucos archotes ao longo da rua. Esgueirando-se pelas esquinas, via-se toda sorte de exemplares da decadência humana, prostitutas com seus corpos já acabados por anos de vida pecaminosa ofereciam-se por poucas moedas ou mesmo um prato de comida. Bêbados cambaleantes cheirando a vinho e urina, e miseráveis tentando obter algo para comer dos restos das sacas de carregamentos trazidos pelos navios ao longo do dia.

Finalmente, ele vê a taberna.

Ao entrar nela, apesar do calor e do barulho contrastarem com o frio da noite do lado de fora, ele teve a sensação de continuar imerso na mesma decadência que deixara ao entrar por suas portas. Se não fosse pela ordem recebida para se dirigir àquele lugar, nunca poria os pés naquele ambiente sujo. Ficou alguns instantes olhando o lugar à procura de um rosto conhecido, mas se permitindo ser visto por quem o convocara.

Por fim, um homem forte e mal encarado dirige-se a ele.

— Ele o aguarda — diz ele, fazendo um movimento com a cabeça indicando uma mesa nos fundos imersa em sombras. Nela havia um homem sentado, bebendo calmamente uma caneca de vinho.

— Demorou para chegar — disse o homem sentado à mesa.

— Tive de esperar anoitecer para poder vir até aqui. Um homem em minha posição não deve ser visto frequentando certos lugares — respondeu Diótrefes desculpando-se, porém com certo tom de orgulho na voz.

— Você conseguiu, então?

— Sim, exatamente como previste. Com João imerso em seus escritos e

Demétrio longe por um bom tempo, sou o pastor da igreja em Éfeso.

— Excelente! Faça como o orientei. Seja eloquente em suas pregações. Quanto maior for o seu ímpeto, menos questionarão a sua autoridade. Faça com que se emocionem e chorem. Outras vezes faça com que sorriam. Quanto mais se emocionarem, menos refletirão sobre o que estão ouvindo e menos questionarão a sua doutrina.

— Sim, mestre.

— Seja centralizador. Todas as decisões deverão vir de você. Nunca delegue nem tampouco confie em nenhum deles. Que seja apenas você a ler e a interpretar os escritos de Paulo e os Evangelhos. Conhecimento é poder e deve ser preservado. Seja também amável e generoso. Conquiste a confiança deles de tal forma que não ouçam a mais ninguém e nem jamais duvidem de você e de suas intenções.

— Farei tudo o que me ordenar.

— Muito bem. Um último alerta. Nunca ouse pensar em trairme. Não sou um velho tolo como João. Tenho outras pessoas de olho em você. Pessoas que nem desconfia me deixarão a par de qualquer deslize seu caso ache que se tornou importante e pode dispensar a minha proteção. Lembra-se do pobre Aristarco?

— Nem pense tal coisa, jamais o trairei! — Havia um sincero temor na voz de Diótrefes.

— Que assim seja. Então venha, tome comigo um gole de vinho celebrando nosso pacto.

Dito isto, o homem tomou um gole de sua caneca e o ofereceu ao novo pastor de Éfeso.

— Tomai e bebei. Este é o símbolo da nossa aliança.

Havia um tom de deboche na voz do homem que fez Diótrefes tremer em seu interior. Ele sabia o que isso significava. Aceitar aquele pacto seria renegar sua aliança sacramentada no batismo e rivalidade a cada Ceia do Senhor. Ele tomou a sua decisão. Segurou a caneca com as duas mãos, fechou os olhos e em único gole bebeu todo o vinho, limpando a boca com as mãos.

— Está feito. Vá em paz, Diótrefes, e apascente as minhas ovelhas. Leve-as à Gnose.

— Assim será, Cerinto. Envie a minha saudação a Silvano. Apesar de tudo, ele fez um bom trabalho nas reuniões.

Diótrefes se levanta e segue em direção à porta, mas quando já estava de costas para Cerinto, para e se volta para ele.

— Perdão, mestre, mas uma última pergunta. E quanto a João? Cedo ou tarde terminará seus escritos e retornará para pastorear a igreja de Éfeso.

— Não se preocupe com ele. Seduza a igreja de tal forma que não o ouçam mais, somente a ti. Além do mais, é um velho, e tenho minhas dúvidas de que consiga concluir seu Evangelho antes de ser ceifado pela morte, de um jeito ou de outro.

Fim.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Embora este livro seja uma obra de ficção, alguns dos personagens foram pessoas reais. São eles:

João: foi um dos doze apóstolos originais de Cristo, e também um dos três mais chegados a Ele (Pedro, Tiago e João). Após a história narrada neste livro, o último dos apóstolos viveu muitos anos ainda e nesse período teria escrito o quarto Evangelho da Bíblia, por volta de 85 d.C., suas três epístolas entre 85 e 90 d.C. e o livro de Apocalipse, por volta de 95 d.C. Segundo testemunhos muito antigos, os presbíteros da igreja da Ásia Menor pediram ao venerável ancião e apóstolo João, residente em Éfeso, que escrevesse este "Evangelho espiritual" (assim chamado por Clemente de Alexandria) para contestar e refutar uma perigosa heresia concernente à natureza, pessoa e deidade de Jesus, propagada por um judeu de nome Cerinto. Embora João não se identifique pelo nome na primeira epístola, testemunhas do século II (por exemplo: Papias, Irineu — que teve contato com Policarpo —, Tertuliano e Clemente de Alexandria) afirmam que ela foi escrita pelo apóstolo João, um dos doze primeiros discípulos de Jesus. Habitou em Éfeso e governou as igrejas da Ásia.

Cerinto: Líder religioso que pregava uma perigosa heresia concernente à natureza, pessoa e deidade de Jesus bem como interpretações distorcidas acerca da vida após a ressurreição. Foi o líder de umas das várias seitas gnósticas existentes durante o final do século I e início do século II da Era Cristã.

Papias: Segundo Irineu, Papias foi ouvinte de João e companheiro de Policarpo. Foi bispo de Hierápolis, na Frígia. Escreveu cinco livros intitulados "Interpretações dos Ditos de nosso Senhor" em meados do segundo século com as informações que recebera dos cristãos que tinham

conhecido os apóstolos.

Policarpo: Foi ordenado bispo de Esmirna (atualmente na Turquia) pelo próprio apóstolo João. Morreu como um mártir, vítima da perseguição romana, aos 86 anos. De caráter reto, de alto saber, amor à igreja e fiel à ortodoxia da fé, era respeitado por todos no Oriente.

Com a perseguição, Policarpo escondeu-se até ser preso, e assim foi levado para o governador, que pretendia convencê-lo de ofender a Cristo. Policarpo, porém, proferiu estas palavras: “Há oitenta e seis anos sirvo a Cristo e nenhum mal tenho recebido dEle. Como poderei rejeitar aquEle a quem prestei culto e reconheço como meu Salvador?”

Gaio: é calorosa e honrosamente mencionado pela sua piedosa vida na verdade (3 Jo 3,4), e pela sua hospitalidade exemplar para com os irmãos viajantes (3 Jo 5-8).

Demétrio: Talvez o portador da Terceira Epístola de João, ou pastor de uma comunidade na vizinhança. É louvado como um homem de boa reputação e lealdade à verdade (3 Jo 12).

Diótrefes: Um dirigente ditador, é denunciado pelo seu orgulho (“procura ter entre eles o primado”, 3 Jo 9), cujas manifestações são: rejeitar uma carta anterior de João (v. 9), calúnia contra João (v. 9), recusar o acolhimento aos mensageiros de João e ameaçar com exclusão aqueles que os recebessem (v. 10).

Domiciano: Imperador romano Tito Flávio Domiciano (5196 d.C.), que governou o império de 81 a 96 d.C. Seu reinado foi marcado pela tirania e intolerância. Sua cobiça o levou a concentrar o poder em suas mãos.

Considerando-se deus e patrono supremo, aboliu todas as formalidades imperiais, que escondiam seu poder absoluto. Expulsou de Roma filósofos e matemáticos, além de iniciar a segunda perseguição aos cristãos numerosos que foram condenados à morte, ao desterro ou ao confisco de seus bens.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia de Estudo Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

Bíblia Sagrada na Linguagem de Hoje — Edição para Jovens. São Paulo: SBB, 2002.

AHARONI, Yohanan; AVI-YONAH, Michael; RAINEY, Anson F. e SAFRAI, Zeev. Atlas bíblico. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

BOYCE, James Montgomery. As Epístolas de João. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

BRUCE, A. B. O treinamento dos Doze. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

CAIRNS, Earle E. O cristianismo através dos séculos. São Paulo: Edições Vida Nova, 1988.

CESAREIA, Eusébio de. História eclesiástica. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

DANA, H. E. O mundo do Novo Testamento. 2. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1977

DOWLEY, Tim. Pequeno atlas bíblico. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

EARLE, Ralph; MAYFIELD, Joseph H. Comentário Bíblico Beacon. 1. ed. vol. 7. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

————————. Comentário Bíblico Beacon. 1. ed. vol. 10. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

Notícias de Israel — maio/2002, por Fredi Winkler.

FILLION, Louis-Claude. Enciclopédia da vida de Jesus. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2008.

GOWER, Ralph. Usos e costumes dos tempos bíblicos. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

HENRY, Matthew. Comentário bíblico. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F. e REA, John. Dicionário Bíblico Wycliffe. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

Revista História Viva — ano IV n. 43.

RICHARDS, Lawrence O. Comentário histórico-cultural do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

PRICE, Randall. Pedras que clamam. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

TOGNINI, Enéas. Geografia das terras bíblicas. 1. ed. vol. II. São Paulo: Louvores do Coração, 1980.

STERN, David H. Comentário Judaico do Novo Testamento.1. ed. Belo Horizonte: Editora Atos, 2007.

————————. Bíblia Judaica Completa. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2010.

STOTT, John. Cristianismo básico. 4. ed. São Paulo: Ediçoes Vida Nova, 1988.

WEAVER, Joanna. Como ter o coração de Maria no mundo de Marta. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

http://www.bibliabytes.com.br

http://pt.wikipedia.org/wiki/Policarpo_de_Esmirna

http://www.melodiasdaccb.kit.net/cidade%20efeso.htm

http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/miscelaneous/as_sete_igrejas.htm